

# FANATISMO e movimentos de massa

eric hoffer



LIDADOR







ERIC HOFFER

Fanatismo  
e  
Movimentos de Massa

**LIDADOR**

Primeira edição brasileira: Dezembro de 1968  
Traduzido de: *The True Believer*  
The New American Library, Inc., EUA

Copyright © 1951 by Eric Hoffer

*Capa de*  
ISABELA

*Tradução de*  
SYLVIA JATOBÁ

Contratados todos os direitos de publicação total ou parcial em língua portuguesa pela EDITORA LIDADOR LTDA., Rua Aires Saldanha, 98-A Rio de Janeiro, Brasil, que se reserva os direitos sobre esta tradução.

Para  
MARGARETE ANDERSON  
sem cujo aguilhão, que me  
atingiu através de todo um  
continente,  
êste livro não teria sido escrito.

O homem imagina ser grande e verifica que é pequeno; imagina ser feliz e vê que é miserável; imagina ser perfeito e descobre que está cheio de imperfeições; imagina ser o objeto do amor e da estima dos homens, e descobre que seus erros lhes causam apenas aversão e desprezo. O embaraço em que se encontra então produz nêle as mais injustas e criminosas paixões que se possa imaginar, pois concebe um ódio mortal contra a verdade que o inculpa e o convence de seus erros.

Pascal, *Pensées*

E lôdo tiveram por argamassa.

*Genese II*

# ÍNDICE

## 1.ª PARTE

### *O Atrativo dos Movimentos de Massa*

|                                               |    |
|-----------------------------------------------|----|
| O desejo de mudar as coisas .....             | 7  |
| O desejo de substitutos .....                 | 15 |
| O entrelaçamento dos movimentos de massa .... | 20 |

## 2.ª PARTE

### *Os Convertidos em Potencial*

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| O papel dos indesejáveis nos assuntos humanos. ... | 27 |
| Os pobres.....                                     | 29 |
| Os desajustados.....                               | 47 |
| Os exageradamente egoístas.....                    | 50 |
| Os ambiciosos diante de oportunidades ilimitadas   | 51 |
| As minorias .....                                  | 52 |
| Os entediados .....                                | 54 |
| Os pescadores .....                                | 56 |



### 3.ª PARTE

#### *Ação Unida e Auto-Sacrifício*

|                                              |    |
|----------------------------------------------|----|
| Prefácio .....                               | 61 |
| Fatores que promovem o auto-sacrifício ..... | 65 |
| Agentes de união .....                       | 90 |

### 4.ª PARTE

#### *Comêço e Fim*

|                                       |     |
|---------------------------------------|-----|
| Homens de palavras .....              | 125 |
| Os fanáticos .....                    | 137 |
| Os homens de ação práticos .....      | 141 |
| Bons e maus movimentos de massa ..... | 146 |
| Notas .                               | 159 |

.

## PREFÁCIO

*Este livro trata de algumas peculiaridades comuns a todos os movimentos de massa, sejam eles movimentos religiosos, revoluções sociais ou movimentos nacionalistas. Não sustenta que todos os movimentos sejam idênticos, e sim que partilham de algumas características essenciais que lhes dão uma certa semelhança.*

*Todos os movimentos de massa geram em seus adeptos a disposição de morrer e a tendência à ação unida; todos eles, independente da doutrina que pregam e do programa que projetam, alimentam o fanatismo, o entusiasmo, a esperança fervorosa, o ódio e a intolerância; todos eles são capazes de deflagrar um poderoso fluxo de atividade em certos setores de vida; e todos eles exigem uma fé cega e uma submissão total.*

*Todos os movimentos, por mais diferentes que sejam em doutrina e aspirações, recrutam seus primeiros adeptos entre os mesmos tipos humanos; todos eles atraem o mesmo tipo de mentalidades.*

*Embora existam diferenças evidentes entre o Cristão fanático, o Maometano fanático, o nacionalista fanático, o comunista fanático e o nazista fanático, é uma verdade que o fanatismo que os anima pode ser observado e tratado como um só. O mesmo se pode dizer da força que os impulsiona para a expansão e o domínio mundial. Há uma certa uniformidade em todos os tipos de dedicação, fé, conquista do poder, união e auto-sacrifício. Existem vastas diferenças no conteúdo das causas e doutrinas sagradas, mas há uma certa uniformidade nos fatores que as tornam efetivas. Aquêles que, como Pascal, encontra razões precisas para a eficiência da doutrina Cristã, também as encontra para a eficiência da doutrina comunista, nazista e nacionalista. Por mais diferen-*

tes que sejam as causas sagradas pelas quais o homem morre, todos morrem basicamente pela mesma coisa.

Este livro trata principalmente da fase ativa, reavivamentista, dos movimentos de massa, uma fase, que é dominada pelo crente convicto — o homem de fé fanática que está pronto a sacrificar a vida por uma causa sagrada — e tentaremos traçar sua gênese e esboçar a sua natureza. Para auxiliar esse esforço, utilizamos uma hipótese de trabalho. Partindo do fato de que os frustrados<sup>1</sup> predominam entre os adeptos iniciais de todos os movimentos de massa, e que geralmente se juntam a eles voluntariamente, pressupõe-se: 1) que a frustração por si mesma, sem qualquer estímulo de proselitismo exterior, pode gerar a maioria das características peculiares do crente convicto; 2) que uma técnica eficaz de conversão consiste basicamente em inculcar e fixar tendências e reações próprias da mente frustrada.

Para testarmos a validade desses pressupostos, foi necessário pesquisar as moléstias que afligem os frustrados, sua reação contra elas, até que ponto essas reações correspondem às reações do crente convicto e, finalmente, a maneira em que essas reações podem facilitar o surgimento e difusão de um movimento de massa. Foi também necessário examinar as práticas dos movimentos contemporâneos, onde técnicas de conversão bem sucedidas foram aperfeiçoadas e aplicadas, a fim de descobrir se elas corroboram o ponto de vista de que um movimento de massa proselitizador deliberadamente inculca em seus adeptos um estado de espírito frustrado, e que automaticamente serve aos seus interesses quando secunda as propensões dos frustrados.

A grande maioria dos homens de hoje tem necessidade de analisar os motivos e reações do crente convicto. Pois, embora a nossa era seja a dourada, ela é no entanto o próprio oposto de irreligiosa. O crente convicto está em ação em toda a parte, e, seja convertendo seja antagonizando, vai moldando o mundo à sua própria imagem. E quer estejamos com ele ou contra ele, é bom sabermos tudo o que pudermos saber quanto à sua natureza e suas potencialidades.

Não será talvez supérfluo acrescentarmos uma palavra de advertência. Quando falamos da semelhança “de família” dos movimentos de massa, usamos a palavra “família” num

*sentido taxonômico. O tomate e a erva-moura são da mesma família, a Solanaceae. Embora um seja nutritivo e outro venenoso, possuem muitos traços morfológicos, anatômicos e fisiológicos em comum, de modo que mesmo o leigo em botânica sente uma semelhança de família. O pressuposto de que os movimentos de massa têm muitos traços em comum não implica que todos os movimentos sejam igualmente benéficos ou vitoriosos. Este livro não apresenta julgamentos, e não exprime preferências. Tenta meramente explicar; e as explicações — tôdas elas teorias — são em forma de sugestões e argumentos, mesmo quando expressas num tom que pareça categórico. Não podemos fazer nada melhor do que citar Montaigne: "Tudo o que digo é à maneira de discurso, e nada à maneira de conselho. Não falaria tão livremente se quisesse ser acreditado."*

## 1.ª PARTE

# O Atrativo dos Movimentos de Massa

## O DESEJO DE MUDAR AS COISAS

### 1

Pode-se considerar um truismo quando se diz que muitos que se aliam a um movimento revolucionário em surgimento são atraídos pela perspectiva de uma súbita e espetacular mudança em suas condições de vida. Um movimento revolucionário é um nítido instrumento de reforma.

Um fato não tão óbvio é que os movimentos religiosos e nacionalistas podem ser também veículos de reforma. Ao que parece, é necessário algum tipo de entusiasmo ou estímulo generalizado para a reavaliação de reformas amplas e rápidas, e não importa que o entusiasmo derive de uma expectativa de grandes riquezas ou seja gerado por um movimento ativo de massa. Nos Estados Unidos, as reformas espetaculares havidas desde a Guerra Civil emergiram de uma atmosfera carregada do entusiasmo nascido de fabulosas oportunidades de progresso próprio. Quando êsse progresso próprio não pode, ou não tem oportunidade, de servir de força impulsiva, é preciso que se encontrem outras fontes de entusiasmo, caso se deseje realizar e perpetuar reformas momentosas, tais como o despertar e a renovação de uma sociedade estagnada, ou reformas radicais no caráter e padrão de vida de uma co-

munidade. Os movimentos religiosos, revolucionários e nacionalistas são focos geradores de entusiasmo geral.

No passado, os movimentos religiosos eram notórios veículos de reforma. O conservadorismo de uma religião — a sua ortodoxia — é o coágulo inerte de uma cultura altamente ativa. Um movimento religioso é toda mudança e experiência — aberto a novos pontos de vista e novas técnicas de todos os quadrantes. O Islamismo, quando surgiu, foi um veículo de organização e modernização. O Cristianismo foi uma influência civilizadora e modernizadora entre as tribos selvagens da Europa. Os Cruzados e a Reforma foram fatores cruciais para sacudir o mundo Ocidental da estagnação da Idade Média.

Nos tempos modernos, os movimentos de massa que envolvem a realização de amplas e rápidas reformas são os revolucionários e os nacionalistas — isolados ou combinados entre si. Pedro o Grande foi provavelmente igual, em dedicação, poder e ousadia, a muitos dos líderes revolucionários ou nacionalistas bem sucedidos. Mas falhou no seu objetivo principal, que era transformar a Rússia numa nação Ocidental. E a razão de haver falhado foi que não infundiu nas massas russas um entusiasmo transbordante. Não achou que isso fôsse necessário, ou não soube como transformar o seu objetivo numa causa sagrada. Não é de estranhar que os revolucionários bolchevistas que eliminaram o último dos czares e Romanovs possuíssem uma espécie de parentesco com Pedro — que era um czar e um Romanov. Pois o propósito dêse se tornou o dêles, e esperavam triunfar onde Pedro fracassara. A revolução bolchevista pode figurar na história como uma tentativa de modernizar uma sexta-parte da superfície do mundo ou de construir uma economia comunista.

O fato de tanto a Revolução Francesa como a Russa se terem tornado movimentos nacionalistas parece indicar que nos tempos modernos o nacionalismo é a fonte mais copiosa e durável de entusiasmo de massa, e que o fervor nacionalista deve ser canalizado caso se queira consumir as reformas drásticas projetadas e iniciadas pelo entusiasmo revolucionário. É caso para se pensar se as dificuldades encontradas pelo atual governo trabalhista na Inglaterra não serão em parte causadas pelo fato de uma tentativa de reformar a econo-

mia do país e o padrão de vida de 49 milhões de pessoas ter sido iniciada numa atmosfera singularmente desprovida de fervor, exaltação e esperança ardente. A repugnância pelos padrões feios desenvolvidos pela maioria dos movimentos de massa contemporâneos vem mantendo os líderes decentes e civilizados do Partido Trabalhista afastados do entusiasmo revolucionário. Ainda existe a possibilidade de que os acontecimentos forcem-nos a utilizar alguma forma benigna de chauvinismo, de modo que também na Grã-Bretanha "a socialização da nação (pudesse ter) como seu natural corolário a nacionalização do socialismo."<sup>1</sup>

A fenomenal modernização do Japão provavelmente não teria sido possível sem o espírito de revivescimento do nacionalismo japonês. Talvez também a rápida modernização de alguns países europeus (particularmente a Alemanha) tenha sido facilitada até certo ponto pelo surgimento e larga difusão do fervor nacionalista. A julgar pelas indicações do presente, o renascimento da Ásia será conseguido através do instrumento dos movimentos nacionalistas, mais do que por outros meios. Foi a irrupção de um autêntico movimento nacionalista que permitiu a Kemal Ataturk modernizar a Turquia quase da noite para o dia. No Egito, não tocado por um movimento de massa, e modernização é lenta e falha, muito embora seus governantes, desde a época de Mehmed Ali, tenham acatado as idéias ocidentais, e seus contatos com o Ocidente sejam múltiplos e íntimos. O Sionismo é o instrumento para renovação de um país atrasado e para a transformação de comerciantes e trabalhadores intelectuais em fazendeiros, operários e soldados. Se Chiang-Kai-Shek soubesse como colocar em ação um verdadeiro movimento de massa, ou pelo menos como sustentar o entusiasmo nacionalista propiciado pela invasão japonesa, poderia estar agindo hoje como o renovador da China. Como não sabia como fazê-lo, foi facilmente afastado pelos mestres na arte da "religionização" — a arte de transformar objetivos práticos em causas sagradas. Não é difícil verificar por que os Estados Unidos e a Inglaterra (e qualquer democracia ocidental) não puderam desempenhar um papel direto e de liderança para levantar os países asiáticos do seu atraso e estagnação: as democracias não são inclinadas ou talvez não são capazes de estimular um



espírito de revivescimento nos milhões de habitantes da Ásia. A contribuição das democracias ocidentais para o despertar do Oriente tem sido indireta e certamente não intencional. Essas democracias têm estimulado um ressentimento entusiástico contra o Ocidente, e é este fervor anti-ocidental que está atualmente levantando o Oriente de sua estagnação secular.<sup>2</sup>

Embora o desejo de reformar seja com muita frequência um motivo superficial, é contudo interessante verificar se um exame desse desejo não poderia lançar alguma luz no funcionamento interno dos movimentos de massa. Analisemos, pois, a natureza do desejo de mudar.

## 2

Existe em nós uma tendência de localizar as forças moldadoras de nossa existência fora de nós mesmos. O triunfo e o fracasso estão inevitavelmente relacionados, em nossa mente, com o estado de coisas à nossa volta. Assim, as pessoas com senso de realização acham o mundo bom e gostariam de conservá-lo tal como é, enquanto que os frustrados favorecem a mudança radical. A tendência de procurar todas as causas fora de nós mesmos persiste mesmo quando está claro que nosso estado de ser é produto de qualidades pessoais, como capacidade, caráter, aparência, saúde e assim por diante. Diz Thoreau que "Se qualquer coisa dói num homem, de modo que ele não desempenhe bem suas funções, até mesmo uma dor de barriga... ele imediatamente resolve reformar — o mundo."<sup>3</sup>

É compreensível que aqueles que fracassam se inclinam a culpar o mundo pelo seu fracasso. O que é notável é que os que triunfam, também, por mais orgulhosos que sejam de sua visão, fortaleza, sagacidade e outras "qualidades argentinas", estejam no fundo convencidos de que o seu triunfo é resultado de uma combinação fortuita de circunstâncias. A auto-confiança até daqueles mais bem sucedidos na vida jamais é absoluta. Nunca estão certos de que conhecem todos os ingredientes que entram na formulação do seu sucesso. O mundo exterior parece-lhes um mecanismo de equilíbrio precário, e enquanto funciona em seu favor têm receio de mexer

com êle. Assim, a resistência às mudanças e o ardente desejo delas emanam da mesma convicção, e uma pode ser tão veemente quanto o outro.

### 3

O descontentamento por si só não cria invariavelmente o desejo de mudança. Outros fatores precisam estar presentes antes que o descontentamento se transforme em desafeição. Um desses fatores é o senso de poder.

Aquêles que estão dominados pelo seu ambiente não pensam em mudança, por mais miserável que seja a sua condição. Quando nosso modo de vida é tão precário que torna patente que não podemos controlar as circunstâncias de nossa existência, inclinamo-nos a apegar-nos àquilo que é comprovado e familiar. Agimos contra o profundo senso de insegurança fazendo de nossa existência uma rotina fixa. Adquirimos assim a ilusão de que dominamos o imprevisível. Os pescadores, nômades e lavradores, que têm de enfrentar os elementos, o trabalhador criativo que depende da inspiração, o selvagem dominado pelo ambiente — todos êles temem as mudanças. Enfrentam o mundo como um júri todo poderoso. Os miseravelmente pobres também ficam perplexos com o mundo à sua volta e não acatam bem as mudanças. Quando a fome e o frio estão nos nossos calcanhares, vive-se uma vida perigosa. Existe, assim, entre os destituídos, um espírito tão profundamente conservador quanto o dos privilegiados, e os primeiros são um fator equivalente aos segundos na perpetuação de uma ordem social.

Os homens que se entregam a empreendimentos de grandes mudanças geralmente sentem que estão de posse de uma força irresistível. A geração que fez a Revolução Francesa tinha uma concepção extravagante da onipotência da razão humana e do alcance ilimitado de sua inteligência. Segundo De Tocqueville, jamais a humanidade fôra mais orgulhosa de si própria e jamais tivera tanta fé em sua própria onipotência. Juntamente com essa exagerada auto-confiança havia uma sede universal de reforma que atingia involuntariamente todos os espíritos.<sup>4</sup> Lenine e os bolchevistas que mergulharam ousadamente no caos da criação de um nôvo mundo ti-

nham uma fé cega na onipotência da doutrina marxista. Os nazistas não possuíam nada tão potente quanto essa doutrina, mas tinham fé num líder infalível e também numa nova técnica. Pois é de duvidar-se que o Nacional Socialismo tivesse feito tão rápido progresso se não fôsse pela convicção eletrizante de que as novas técnicas de *blitzkrieg* e de propaganda tornavam a Alemanha invencível.

Até o sóbrio desejo de progresso é sustentado pela fé — a fé na bondade intrínseca da natureza humana e na onipotência da ciência. É uma fé desafiante e blásfema, não muito diferente da fé dos homens que decidem construir “uma cidade e uma torre cujo cimo chegue até o céu” e que acreditam que “nada do que imaginaram fazer lhes será negado.”<sup>5</sup>

#### 4

Pressupõe-se que a mera posse de poder resulta automaticamente numa atitude provocante para com o mundo e na receptividade às reformas. Nem sempre é assim. Os poderosos podem ser tão tímidos quanto os fracos. O que parece contar mais do que a posse de instrumentos de poder é a fé no futuro. O poder quando não é acompanhado de fé no futuro, é usado principalmente para afastar o que é nôvo e conservar o *status quo*. Por outro lado, a esperança extravagante, mesmo quando não sustentada pelo poder, pode gerar uma ousadia maior, pois os esperançados podem extrair força das mais ridículas fontes de poder — um *slogan*, uma palavra, um distintivo. Nenhuma fé tem poder a menos que tenha também fé no futuro. A menos que tenha um componente milenar. Assim também a doutrina: além de ser uma fonte de poder, pode também intitular-se uma chave para o livro do futuro.

Os que desejarem transformar uma nação ou o mundo não podem fazê-lo cultivando e canalizando o descontentamento, nem demonstrando a racionalidade e conveniência das mudanças projetadas, nem coagindo o povo a adotar uma nova maneira de vida. Precisam saber como estimular e ventilar uma esperança extravagante. Não importa que seja a esperança de um reino celeste, ou do paraíso na terra, de prosperidade de riquezas indizíveis, de conquistas fabulosas ou

de domínio do mundo. Se os comunistas conquistarem a Europa e uma grande parte do mundo, não será porque sabem como levantar o descontentamento ou como injetar ódio no povo, e sim porque sabem como pregar a esperança.

5

Assim, as diferenças entre os conservadores e os radicais parecem emanar principalmente de sua atitude em relação ao futuro. O medo do futuro faz com que nos inclinemos contra êle e nos agarremos ao presente, enquanto que a fé no futuro torna-nos receptivos às mudanças. Sejam ricos ou pobres, fortes ou fracos, aquêles que realizaram muito ou pouco podem ter medo do futuro. Quando o presente parece tão perfeito que o máximo que poderemos esperar é a sua continuação no futuro, as mudanças só podem significar deterioração. Daí os homens que se realizaram, que vivem vidas plenas e felizes, geralmente fazerem má cara às inovações drásticas. O conservadorismo dos inválidos e das pessoas de meia idade origina-se também de medo do futuro. Estão sempre à espreita de indícios de ruína, e sentem que qualquer mudança será provavelmente mais para pior do que para melhor. Os miseravelmente pobres também não possuem fé no futuro. O futuro parece-lhes uma armadilha enterrada na estrada à sua frente. É preciso pisar com cuidado. Mudar as coisas é procurar dificuldades.

Quanto aos esperançosos: não parece fazer qualquer diferença quem é a pessoa atingida por uma esperança entusiástica; quer seja um intelectual entusiástico, um lavrador faminto, um especulador em busca de dinheiro fácil, um sóbrio comerciante ou industrial, um simples operário ou um nobre latifundiário, todos êles procedem atrevidamente em relação ao presente, destróem-no se necessário, e criam um nôvo mundo. Assim, pode haver revoluções dos privilegiados e dos desprivilegiados. O movimento de segregação, na Inglaterra dos séculos dezesseis e dezessete, foi uma revolução dos ricos. A indústria da lã atingira uma alta prosperidade, e a pecuária tornara-se mais lucrativa do que a agricultura. Os latifundiários expulsaram seus rendeiros, segregaram os comuns e fizeram profundas reformas na estrutura social e eco-

nômica do país. "Os lordes e nobres estão perturbando a ordem social, destruindo a antiga lei e os costumes, algumas vezes por meio de violência, freqüentemente por opressão e intimidação."<sup>7</sup> Outra revolução britânica feita pelos ricos ocorreu no fim do século dezoito e início do século dezenove. Foi a Revolução Industrial. O espantoso potencial da mecanização pôs fogo à imaginação de fabricantes e comerciantes. Iniciaram uma revolução "a mais extrema e radical que jamais inflamou a mente dos sectários,"<sup>8</sup> e num tempo relativamente curto êsses respeitáveis cidadãos tementes de Deus mudaram a face da Inglaterra de um modo que a tornou irreconhecível.

Quando esperanças e sonhos estão à solta nas ruas, é bom que os tímidos tranquem suas portas, fechem suas janelas e fiquem quietos até que a ira tenha passado. Pois há muitas vezes uma incongruência monstruosa na esperança, por mais nobre e terna que seja, e na ação que ela desencadeia. É como se virgens e mancebos com guirlandas tivessem que enfrentar os quatro cavaleiros do Apocalipse.

## 6

Para que os homens mergulhem de cabeça num empreendimento de reforma ampla, é preciso que êles estejam intensamente descontentes mas não destituídos, e precisam também ter a sensação de que, pela posse de uma doutrina poderosa, a de um líder infalível ou de alguma nova técnica, terão acesso a uma fonte de irresistível poder. Precisam também ter uma concepção extravagante das perspectivas e potencialidades do futuro. Finalmente, precisam ser totalmente ignorantes das dificuldades envolvidas em seu vasto empreendimento. A experiência é uma desvantagem. Os homens que iniciaram a Revolução Francesa eram totalmente desprovidos de experiência política. O mesmo se aplica aos bolchevistas, nazistas e revolucionários asiáticos. O homem de negócios experiente é um dos últimos a chegar. Ele entra no movimento só quando já está em pleno andamento. A experiência política do povo inglês talvez seja a razão que o mantém isolado dos movimentos de massa.

## O DESEJO DE SUBSTITUTOS

### 7

Existe uma diferença fundamental entre a atração de um movimento de massa e a atração de uma organização prática. A organização prática oferece oportunidades para prosperidade própria, e o seu apêlo é principalmente ao interesse próprio. Por outro lado, o movimento de massa, especialmente em sua fase ativa e de revivescimento, atrai não aqueles preocupados em fazer prosperar e progredir seu próprio ego, mas os que desejam livrar-se de um ego indesejável. O movimento de massa atrai e prende o seguidor não porque possa satisfazer o desejo de progresso próprio, mas porque pode satisfazer a paixão pela auto-renúncia.

As pessoas que consideram suas vidas irremediavelmente estragadas não podem considerar o progresso próprio, como um objetivo de valor. A perspectiva de uma carreira individual não pode estimulá-los a um esforço poderoso, nem pode despertar nelas a fé e uma dedicação total. Olham para o interesse pessoal como para algo manchado e vil; às vezes até sujo e infortunado. Qualquer coisa empreendida sob os auspícios do ego parece-lhes condenável. Nada que tenha suas raízes e razões no ego pode ser bom e nobre. Seu anseio mais profundo é por uma nova vida — um renascimen-

to — ou, na falta disso, uma oportunidade de adquirir novos elementos de orgulho, confiança, esperança, um senso de objetividade e valor, mediante a identificação com uma causa sagrada. Um movimento de massa ativo oferece-lhes essa oportunidade. Quando se aliam ao movimento com o convertidos completos, renascem para uma nova vida em seu corpo coletivo, ou, se atraídos como simpatizantes, encontram elementos de orgulho, confiança e objetividade, identificando-se com os esforços, conquistas e perspectivas do movimento.

Para os frustrados, o movimento de massa oferece um substituto quer para o ego total quer para os elementos que tornam a vida suportável, e que eles não podem extrair de seus recursos individuais.

É um fato que entre os adeptos iniciais de um movimento de massa há também aventureiros que se aliam a êle na esperança de que o movimento dê um impulso à sua roda da fortuna e leve-os à fama e ao poder. Por outro lado, um alto grau de dedicação altruísta é às vezes demonstrado por aqueles que se aliam a associações, partidos políticos ortodoxos e outras organizações práticas. Ainda assim, permanece o fato de que um empreendimento prático não pode perdurar a menos que exerça um apêlo e satisfaça ao interesse próprio, enquanto que o vigor e o crescimento de um movimento de massa iniciante fundamenta-se na sua capacidade de despertar e satisfazer a paixão pela auto-renúncia. Quando um movimento de massa começa a atrair pessoas interessadas em suas carreiras pessoais, isso é um indício de que passou a sua fase vigorosa; de que não mais está dedicado a amoldar um novo mundo e sim a possuir e conservar o presente. Segundo Hitler, quanto mais "postos e diretórios um movimento tem de criar, mais inferior o pessoal que atrairá, e por fim esses parasitas políticos dominam um partido triunfante em tal número que o sincero lutador dos primeiros dias não mais reconhece o antigo movimento. . . Quando isso acontece, a missão desse movimento está prejudicada."¹

A natureza do substituto completo oferecido pela conversão é discutida nos capítulos de auto-sacrifício e ação unificada, na 3.ª Parte. Aqui trataremos dos substitutos parciais.

A fé numa causa sagrada é, em grau considerável, um substituto para a perdida fé em nós mesmos.

Quanto menos justificado um homem é em clamar excelência para si mesmo, mais pronto está êle para clamar tãda excelência para sua pátria, sua religião, sua raça ou sua causa sagrada.

O homem inclina-se a cuidar dos seus próprios interesses quando êles valem a pena. Quando não, êle afasta os pensamentos de seus próprios e insignificantes assuntos e passa a preocupar-se com os assuntos dos outros.

Êsse preocupar-se com os assuntos dos outros exprime-se em falatórios, mexericos e intromissões, e também em fervente interesse nos assuntos comunitários, nacionais e raciais. Quando fugimos de nós próprios, caímos no ombro do nosso vizinho ou nos atiramos à sua garganta.

A ardente convicção de que temos um sagrado dever para com os outros é uma maneira de fazer com que o nosso ego naufragante se agarre a uma tábua de salvação. O que parece ser uma mão estendida para auxiliar os outros é na verdade uma mão estendida para procurar a nossa própria vida. Eliminemos nossos sagrados deveres e deixaremos nossa vida vazia e sem significação. Não há dúvida que trocando uma vida auto-centralizada por uma vida altruística ganhamos enormemente na nossa auto-estima. A vaidade dos altruístas é ilimitada mesmo naqueles que praticam o altruísmo com extrema humildade.



Uma das mais poderosas atrações de um movimento de massa é que oferece um substituto para a esperança individual. Essa atração é particularmente efetiva numa sociedade embuída da idéia do progresso, pois na concepção de progresso, o "amanhã" parece grande, e a frustração resultante de não ter o que esperar no futuro é mais pungente. Diz Hermann Rauschning, sobre a Alemanha pré-hitlerista, que "O sentimento de ter chegado ao fim de tôdas as coisas foi uma das piores preocupações que suportamos depois de perder a guerra."<sup>2</sup> Numa sociedade moderna, as pessoas podem viver sem esperança, apenas quando são mantidas atordoadas e sem fôlego pelo tumulto incessante. O desespero causado pelo desemprego não vem apenas da ameaça de privações, mas da súbita visão de um vasto nada pela frente. Os desempregados inclinam-se mais a seguir os pregadores de esperança do que os dispensadores de auxílio.

Os movimentos de massa são geralmente acusados de dopar seus adeptos com a esperança do futuro, enquanto priva-os de apreciarem o presente. Contudo, para os frustrados o presente é irremediavelmente estragado. O conforto e o prazer não podem torná-lo completo. Nenhuma satisfação ou conforto real pode jamais surgir-lhes na mente, exceto pela esperança.<sup>3</sup>

Quando os nossos interesses e perspectivas individuais não nos parecem valer a pena viver, estamos em desesperada necessidade de algo fora de nós mesmos que nos proporcione essa vontade. Tôdas as formas de dedicação, devoção, lealdade e entrega total são em essência um apêgo desesperado a algo que possa dar valor e significação às nossas vidas inúteis e desperdiçadas. Então o apêgo a um substituto será forçosamente apaixonado e extremo. Podemos ter confiança justificada em nós mesmos, mas a fé que temos em nossa pátria, religião, raça ou causa sagrada precisa ser exagerada e sem compromissos. Um substituto adotado com moderação não pode suplantiar e eliminar o ego que desejamos esquecer. Não

podemos estar certos de ter algo pelo qual valha a pena viver, a menos que estejamos prontos a morrer por êle. A disposição de morrer é a evidência, para nós e para os outros, de que aquilo que adotamos como substituto para uma primeira escolha irrevogavelmente lograda ou estragada é, fora de dúvida ,a melhor coisa que existe.

## O ENTRELAÇAMENTO DOS MOVIMENTOS DE MASSA

### 14

Quando o povo está maduro para um movimento de massa, geralmente está maduro para qualquer movimento eficiente, e não apenas para uma doutrina ou programa particular. Na Alemanha pré-Hitler havia uma dúvida freqüente se um jovem inquieto se aliaria aos comunistas ou aos nazistas. No cenário aglomerado da Rússia czarista, a população judia estava madura tanto para a revolução quanto para o sionismo. Na mesma família, um membro se engajava entre os revolucionários e outro se tornava sionista. O Dr. Chaim Weizmann cita uma frase de sua mãe para aquela época: "Qualquer coisa que aconteça, será bom para mim. Se Shemuel (o filho revolucionário) estiver certo, todos seremos felizes na Rússia; e se Chaim (o sionista) estiver certo, então irei morar na Palestina."<sup>1</sup>

Essa receptividade a todos os movimentos nem sempre cessa depois que o crente convicto em potencial se torna ardente convertido de um movimento específico. Quando os movimentos de massa estão em violenta concorrência entre si, há casos de conversões bastante freqüentes — mesmo os mais zelosos mudam de um lado para outro. Um Saulo transformado em Paulo não é nem raridade nem milagre. Em nossos dias, cada movimento de massa proselitizador parece consi-

derar os zelosos adeptos de seu antagonista como seus próprios convertidos em potencial. Hitler olhava para os comunistas alemães como nacional-socialistas latentes: "O social-democrata pequeno-burguês e o chefe do sindicato jamais darão um nacional-socialista, mas o comunista sempre."<sup>2</sup>

O Capitão Rohm vangloriava-se de poder transformar o comunista mais vermelho num brilhante nacionalista em quatro semanas.<sup>3</sup> Por outro lado, Karl Radek considerava os camisas pardas nazistas (S.A.) como reservas para futuros recrutas comunistas.<sup>4</sup>

Como todos os movimentos de massa procuram seus adeptos entre os mesmos tipos humanos e atraem os mesmos tipos de mentalidade, segue-se que: a) todos os movimentos de massa são concorrentes, e o que um ganha em adesões constitui perda para todos os outros; b) todos os movimentos de massa são intercambiáveis. Um movimento de massa transforma-se prontamente em outro. Um movimento religioso pode desenvolver-se numa revolução social ou num movimento socialista e um movimento nacionalista, numa revolução social ou num movimento religioso.

## 15

É raro que um movimento de massa seja totalmente de um determinado caráter. Geralmente apresenta algumas faixetas de outros tipos de movimentos, e às vezes de dois ou três movimento num só. O êxodo dos hebreus do Egito foi uma revolta de escravos, um movimento religioso e um movimento nacionalista. O nacionalismo militante dos japoneses é essencialmente religioso. A Revolução Francesa foi uma nova religião. Tinha "seu dogma, os sagrados princípios da Revolução — *Liberté et sainte égalité*. Tinha sua forma de culto, uma adaptação do cerimonial católico, elaborado em conexão com as festas cívicas. Tinha seus santos, heróis e mártires da liberdade."<sup>5</sup> Ao mesmo tempo, era também um movimento nacionalista. A assembléia legislativa decretava em 1792 que por toda a parte deveria erguer-se altares com a inscrição "O cidadão nasce, vive e morre por *la Patrie*."<sup>6</sup>

Os movimentos religiosos da Reforma tinham um aspecto revolucionário que se exprimiam em levantes de campones-

ses, e eram também movimentos revolucionários. Disse Lutero: "Aos olhos dos italianos, nós os alemães somos simplesmente baixos porcos teutões. Eles nos exploram como charlatães e sugam o país até os ossos. Desperta, Alemanha!"<sup>7</sup>

O caráter religioso das revoluções bolchevista e nazista é geralmente reconhecido. A foice e o martelo, como a cruz suástica, são da mesma classe que a cruz. O cerimonial de suas paradas é o cerimonial de uma procissão religiosa. Possuem artigos de fé, santos, mártires e sepulcros sagrados. As revoluções bolchevista e marxista são também movimentos nacionalistas em plena floração. A revolução nazista foi assim desde o princípio, enquanto que o nacionalismo dos bolchevistas foi um desenvolvimento tardio.

O Sionismo é um movimento nacionalista e uma revolução social. Para o judeu ortodoxo é também um movimento religioso. O nacionalismo irlandês tem um profundo cunho religioso. Os atuais movimentos de massa da Ásia são nacionalistas e revolucionários.

## 16

O problema de sustar um movimento de massa é muitas vezes uma questão de substituir um movimento por outro. Uma revolução social pode ser sustada promovendo-se um movimento religioso ou nacionalista. Assim, nos países onde recapturou seu espírito de movimento de massa, o catolicismo contrabalança a difusão do comunismo. No Japão foi o nacionalismo que canalizou todos os movimentos de protesto social. No Sul dos Estados Unidos, o movimento de solidariedade racial age como preventivo de levante social. Uma situação semelhante pode ser observada entre os franceses do Canadá e os Boers da África do Sul.

Esse método de sustar um movimento substituindo-o por outro nem sempre é isento de perigo, e geralmente não custa barato. Aquêles que se apegam ao presente e desejam preservá-lo tal como é fariam bem em não brincar com os movimentos de massa. Pois sempre que um autêntico movimento de massa está em marcha, o presente é quem sofre. Na Itália e na Alemanha de antes da guerra os práticos homens

de negócios agiram de maneira inteiramente “lógica” quando encorajaram o facismo e o nazismo a fim de sustar o desenvolvimento do comunismo. Mas ao fazê-lo, essa gente prática e lógica promoveu sua própria liquidação.

Existem outros substitutos mais seguros para os movimentos de massa. Em geral, qualquer dispositivo que desestimule o individualismo atomizante ou facilite o esquecimento próprio, ou ofereça oportunidades para ação ou recomêço, tende a contrabalançar o surgimento e difusão de movimentos de massa. Esses assuntos serão tratados em capítulos subseqüentes. Aqui citaremos um curioso substituto para os movimentos de massa, ou seja, a migração.

## 17

A imigração oferece algumas das coisas que os frustrados esperam encontrar quando se aliam a um movimento de massa, ou seja, mudança e oportunidade para um nôvo começo. Os mesmos tipos humanos que engrossam as fileiras de um movimento de massa em ascensão são também passíveis de serem seduzidos por uma oportunidade de imigrar. Assim, a migração pode servir de substituto para um movimento de massa. É plausível, por exemplo que não teria havido nem a revolução fascista nem a nazista se os Estados Unidos e o Império Britânico houvessem facilitado a imigração em massa da Europa após a Primeira Guerra Mundial. Nos Estados Unidos a imigração livre e fácil para um vasto continente contribui para a nossa estabilidade social.

Entretanto, em vista da qualidade do seu material humano, as migrações em massa são um campo fértil para o surgimento de autênticos movimentos de massa. Às vezes é difícil dizer em que ponto termina uma migração em massa e começa um movimento de massa — e qual dêles veio primeiro. A migração dos hebreus do Egito transformou-se num movimento religioso e nacionalista. As migrações dos bárbaros nos dias de declínio do Império Romano foram mais do que simples transferências de população. As indicações são de que os bárbaros eram relativamente poucos em número, mas, uma vez que invadissem um país, tinham a adesão dos oprimidos e insatisfeitos em todos os escalões de vida: “Foi uma

revolução social iniciada e mascarada por uma superficial conquista externa." <sup>8</sup>

Todo movimento de massa é, num certo sentido, uma migração — um movimento em direção à terra prometida; e, quando se torna viável, ocasiona uma verdadeira migração. Isto aconteceu no caso dos Puritanos, Anabatistas, Mórmons, Dukhobors e Sionistas. A migração em massa reforça o espírito e unidade de um movimento; e é praticada pela maioria dos movimentos ativos de massa sob a forma de conquista externa, cruzada, peregrinação ou estabelecimento de uma nova terra.

## 2.º PARTE

# Os Convertidos em Potencial



---

## O PAPEL DOS INDESEJÁVEIS NOS ASSUNTOS HUMANOS

18

Há uma tendência para julgar uma raça, uma nação ou qualquer grupo distinto pelos seus membros de menor valor. Embora manifestamente injusta, essa tendência tem alguma justificativa. Pois o caráter e o destino de um grupo são muitas vezes determinados pelos seus elementos inferiores.

A massa inerte de uma nação, por exemplo, está na sua classe média. As pessoas decentes, comuns, que fazem o trabalho do país nas cidades e nas terras, são trabalhadas e moldadas pelas minorias dos dois extremos — a melhor e a pior.<sup>1</sup>

O indivíduo superior, seja em política, literatura, ciência, comércio ou indústria, desempenha um grande papel na formação de uma nação, assim como os indivíduos do outro extremo — os fracassados, os desajustados, os fora-da-lei, os criminosos, e todos os que perderam seu lugar, ou jamais o tiveram, também o desempenham nas fileiras da humanidade respeitável. O jogo da história é geralmente desempenhado pelos melhores e pelos piores, passando sobre a cabeça da maioria situada no meio.

A razão por que os elementos inferiores de uma nação podem exercer uma influência marcante sobre o seu curso é que são totalmente isentos de reverência pelo presente. Vêm suas vidas e seu presente irremediavelmente estragados e es-

tão prontos a desperdiçar e destruir ambos; daí a sua ousadia e sua disposição para o caos e a anarquia. Também anseiam por dissolver seus egos estragados e sem significação em algum empreendimento comunitário espetacular e perturbador — daí a sua tendência para a ação unificada. Assim, figuram entre os primeiros recrutas das revoluções, migrações em massa, e movimentos religiosos, raciais e chauvinistas, e imprimem sua marca sobre êsses levantes e movimentos que moldam o caráter e a história de uma nação.

Os abandonados e enjeitados são muitas vêzes a matéria-prima para o futuro da nação. A pedra que os construtores rejeitam torna-se a pedra fundamental de um novo mundo. Uma nação sem desajustados e descontentes é ordenada, decente, pacífica e agradável, mas talvez não possua a semente das coisas do porvir. Não foi por ironia da História que os indesejáveis em países da Europa cruzaram um oceano para construir um novo mundo neste continente. Só eles poderiam fazê-lo.

## 19

Embora os desafeiçoados possam ser encontrados em todos os escalões da vida, eles são mais freqüentes nas seguintes categorias: a) os pobres; b) os desajustados; c) os proscritos; d) as minorias; e) a juventude adolescente; f) os ambiciosos (quer enfrentem obstáculos intransponíveis ou oportunidades ilimitadas); g) aquêles sob o jugo de algum vício ou obsessão; h) os impotentes (em corpo ou mente); i) os exageradamente egoístas; j) os entediados; k) os pecadores.

A Secções 20 a 42 tratam de alguns desses tipos.

## OS POBRES

### *Os Novos Pobres*

20

Nem todos os pobres são frustrados. Alguns dos que vivem na estagnação das favelas das grandes cidades estão confortáveis na sua decadência. Estremecem ao pensamento da vida fora de sua fossa familiar. Mesmo os pobres respeitáveis, quando sua pobreza é de longa data, permanecem inertes. Estão inermes pela imutabilidade da ordem de coisas. É preciso um cataclismo — uma invasão, uma epidemia ou algum outro desastre coletivo — para abrir-lhes os olhos para a transitoriedade da “ordem eterna.”

São geralmente aqueles cuja pobreza é relativamente recente, os “novos pobres”, que pulsam com o fermento da frustração. A recordação de tempos melhores é como fogo em suas veias. São eles os deserdados e desprovidos que respondem a qualquer movimento de massa que surja. Foram os novos pobres, na Inglaterra do século ‘dezessete, que asseguraram o êxito da Revolução Puritana. Durante o movimento de segregação (vide Secção 5) milhares de latifundiários expulsaram seus rendeiros e transformaram seus campos em pastagens. “Camponeses fortes e ativos, enamorados da terra que os nutria, foram transformados em biscateiros ou men-

digos;... as ruas das cidades estavam cheias de pobres."<sup>1</sup> Foi essa massa de destituídos que forneceu os recrutas para o exército de Cromwell.

Na Alemanha e na Itália, os novos pobres oriundos de uma classe média arruinada formaram o principal esteio das revoluções fascista e nazista. Os revolucionários potenciais na Inglaterra de hoje não são os trabalhadores e sim os servidores civis e homens de negócios deserdados. Essa classe tem uma recordação viva de prosperidade e domínio e não está disposta a reconciliar-se com condições mais estreitas e impotência política.

Últimamente tem havido, tanto nos Estados Unidos como em outros países, enormes aumentos periódicos de um novo tipo de novos pobres, e seu aparecimento tem contribuído indubitavelmente para o surgimento e a difusão dos movimentos de massa contemporâneos. Até bem recentemente, os novos pobres vinham principalmente das classes proprietárias, quer nas cidades quer na área rural, mas ultimamente, e talvez pela primeira vez na história, o simples trabalhador aparece neste papel.

Enquanto aqueles que fazem o trabalho do mundo viviam num nível de subsistência pura e simples, eram olhados e sentiam-se como tradicionalmente pobres. Sentiam-se pobres nos bons e nos maus tempos. As crises, por mais graves que fossem, não eram vistas como aberrações ou enormidades. Mas com a larga difusão de um padrão de vida mais alto, as crises e o desemprego que elas geram assumiram um novo aspecto. O operário de hoje no mundo Ocidental considera o desemprego como uma degradação. Vê-se deserdado e ferido por uma ordem de coisas injusta, e está disposto a ouvir aqueles que clamam por um novo estado.

### *Os Miseravelmente Pobres*

## 21

Os pobres que vivem à beira da fome têm um propósito na vida. Empenhados numa luta desesperada por casa e comida, estão livres de qualquer sensação de inutilidade. Os objetivos são concretos e imediatos. Cada refeição é uma

realização; dormir de estômago cheio é um triunfo; e qualquer dinheiro um milagre. Que necessidade podem ter de "um inspirador objetivo super-individual que dê significação e dignidade às suas vidas?" São imunes ao apêlo de um movimento de massa. Angélica Balabanoff descreve o efeito da pobreza miserável sôbre o ardor revolucionário de famosos radicais que imigraram para Moscou nos primeiros dias da revolução bolchevista. "Vi homens e mulheres que tinham vivido tôda a vida por idéias, que tinham voluntariamente renunciado a vantagens materiais, à liberdade, à felicidade e à afeição da família para a realização de seus ideais, completamente absorvidos pelo problema da fome e do frio."<sup>2</sup>

Quando o povo luta do amanhecer ao por do sol pela pura subsistência, não alimenta mágoas e não sonha com sonhos. Uma das razões da não rebelião das massas da China é o esforço desesperado exigido para obter os meios da mais escassa subsistência. A luta intensa pela existência "é uma influência mais estática do que dinâmica."<sup>3</sup>

## 22

A miséria não gera automaticamente o descontentamento, e nem é a intensidade do descontentamento diretamente proporcional ao grau de miséria.

O descontentamento tende a ser maior quando a miséria é suportável e quando as condições melhoraram tanto que um estado ideal parece quase ao alcance das mãos. A mágoa é mais pungente quando está quase cicatrizada. De Tocqueville, em suas pesquisas sôbre o estado da sociedade na França antes da revolução, ficou admirado ao descobrir que "em nenhum dos períodos que se seguiram à Revolução de 1789 havia a prosperidade nacional da França aumentado mais rapidamente do que nos vinte anos que precederam o acontecimento."<sup>4</sup> Foi forçado a concluir que "os franceses acharam tanto mais intolerável a sua posição quanto melhor ela se tornava."<sup>5</sup> Tanto na França como na Rússia, os camponeses famintos de terras possuíam quase exatamente uma terça parte das terras agrícolas no início da revolução, e a maior parte dessas terras fôra adquirida em uma ou duas gerações que precederam à revolução.<sup>6</sup> Não é o sofrimento em

si, mas o desejo de melhores coisas, que incita o povo à revolta. Um levante popular na Rússia soviética é bastante improvável antes que o povo adquira um real desejo pela boa vida. Os momentos mais perigosos para o regime de Politburo será quando uma considerável melhoria nas condições econômicas das massas russas fôr alcançada e a mão de ferro totalitária fôr um tanto relaxada. É um fato interessante que o assassinato de Kirov, o amigo íntimo de Stalin, em dezembro de 1934, tenha tido lugar logo depois que Stalin anunciou o final bem sucedido do primeiro Plano Quinquenal e o início de uma nova era de prosperidade e felicidade.

A intensidade do descontentamento parece estar em proporção inversa à distância do objeto fervorosamente desejado. Isto é verdadeiro quer estejamos nos movendo em direção ao objetivo ou afastando-nos dêle. É verdadeiro tanto para aquêles que acabam de atingir a terra prometida como para os deserdados que ainda apenas a avistam; tanto para os que estão quase ricos, livres, *et cetera*, como para os novos pobres e os recentemente escravizados.

## 23

Nossa frustração é maior quando temos muito e desejamos mais do que quando nada temos e queremos um pouco. Ficamos menos insatisfeitos quando temos falta de muitas coisas do que quando nos parece faltar apenas uma coisa.

## 24

Somos mais ousados quando lutamos por coisas supérfluas do que por necessidades. Muitas vêzes, quando renunciamos às coisas supérfluas, acabamos por não ter nem as necessárias.

## 25

Há uma esperança que age como explosivo, e uma esperança que disciplina e infunde paciência. A diferença está entre a esperança imediata e a esperança distante.

Um movimento de massa em início prega a esperança imediata. Está atento em incitar seus seguidores à ação, e é o tipo de esperança logo ali na esquina que predispõe o povo a ação. O Cristianismo inicial pregava o imediato fim do mundo e o reino do céu ao alcance da mão; Maomé fazia pairar o saque perante os fiéis; os Jacobinos prometiam imediata liberdade e igualdade; os primeiros bolchevistas prometiam pão e terras; Hitler prometia o fim imediato da escravidão a Versalhes e trabalho e ação para todos. Mais tarde, à medida que o movimento entrava de posse do poder, a ênfase era transferida para a esperança distante — o sonho e a visão, pois o movimento de massa “realizado” preocupa-se com a preservação do presente, e prega a paciência e a obediência acima da ação espontânea — “quando esperamos pelo que não vemos, esperamos por isso com paciência.”<sup>7</sup>

Todo movimento de massa estabelecido tem sua esperança distante, sua marca de narcótico para dopar a impaciência das massas e reconciliá-las com sua parte na vida. O estalinismo é um ópio do povo tanto quanto as religiões estabelecidas.<sup>8</sup>

### *Os Pobres Livres*

#### 26

Os escravos são pobres; contudo, quando a escravidão é generalizada e de longa data, há pouca probabilidade de surgir um movimento de massa. A absoluta igualdade entre os escravos, e a íntima vida comum nos alojamentos de escravos, impedem a frustração individual. Numa sociedade com a instituição da escravidão, os perturbadores da ordem são os novos escravos, e os escravos libertos. No último caso é a carga da liberdade que está na raiz do seu descontentamento.

A liberdade agrava pelo menos tanto quanto alivia a frustração. A liberdade de escolha coloca toda a culpa do fracasso nos ombros do indivíduo. E como a liberdade encoraja uma multiplicidade de tentativas, inevitavelmente multiplica o fracasso e a frustração. A liberdade alivia a frustração tornando atingíveis os paliativos da ação, do movimento, da mudança e do protesto.

A menos que um homem tenha talento para fazer algo de si mesmo, a liberdade é uma carga incômoda. De que serve ter a liberdade de escolha se o ego é ineficiente? Aliamos a um movimento de massa para fugir à responsabilidade individual, ou, nas palavras do ardente jovem nazista, "para ficar livres da liberdade."<sup>9</sup> Não foi por pura hipocrisia que os nazistas confessos declararam-se inocentes de tôdas as enormidades que cometeram. Consideravam-se logrados e frustrados quando os obrigavam a assumir a responsabilidade por obedecerem ordens. Não se haviam aliado ao movimento nazista a fim de estarem livres de responsabilidade?

Ao que parece, então, o terreno mais fértil para propagação de um movimento de massa é uma sociedade com liberdade considerável, mas sem os paliativos da frustração. Foi precisamente porque os camponeses da França do século dezoito, ao contrário dos camponeses da Alemanha e da Áustria, não eram mais servos e já possuíam terras, que foram receptivos ao apêlo da Revolução Francesa. Talvez nem tivesse ocorrido uma revolução bolchevista, se o camponês russo não estivesse livre havia já mais de uma geração e não tivesse adquirido o gôsto da propriedade privada da terra.

## 27

Até mesmo os movimentos de massa que nascem em nome da liberdade, contra uma ordem de coisas opressora, não se dão conta da liberdade individual até que comecem a funcionar. Enquanto o movimento se dedica a uma luta desesperada com a ordem predominante, ou precisa defender-se contra inimigos de dentro ou de fora, sua principal preocupação será com a unidade e o auto-sacrifício, que exigem a renúncia da vontade, do julgamento e da vantagem individuais. Segundo Robespierre, o govêrno revolucionário foi "o despotismo da liberdade contra a tirania."<sup>10</sup>

O ponto importante é que, ao esquecer ou adiar a liberdade individual, o movimento de massa ativo não vai de encontro às inclinações dos seguidores zelosos. Os fanáticos, disse Renan, temem mais ainda a liberdade do que a perseguição.<sup>11</sup> É verdade que os adeptos de um movimento nascente possuem um forte senso de libertação, embora vivam e



respirem numa atmosfera de estrita conformidade aos dogmas e ordens. Esse senso de libertação vem de terem escapado à sobrecarga, receio e desesperança de uma existência individual insuportável. É essa fuga que eles sentem como uma libertação e redenção. A experiência de mudanças amplas também traz um sentimento de liberdade, embora as mudanças sejam executadas numa moldura de estrita disciplina. Só quando o movimento passa do estágio ativo e solidifica-se num padrão de instituições estáveis é que a liberdade individual tem uma oportunidade para emergir. Quanto mais curta a fase ativa, mais parecerá que o movimento em si, mais do que o seu término, tornou possível a liberdade individual. Essa impressão será tanto mais pronunciada quanto mais tirânica foi a situação que o movimento de massa suplantou e eliminou.

## 28

Aqueles que sentem suas vidas estragadas e desperdiçadas anseiam mais por igualdade e fraternidade do que por liberdade. Se clamam por liberdade, não é senão a liberdade de estabelecer a igualdade e a uniformidade. A paixão pela igualdade é em parte a paixão pelo anonimato: ser um fio entre os muitos que tecem uma túnica; um fio não distinguível dos outros.<sup>12</sup> Então ninguém pode apontar-nos, medir-nos com os outros e expor a nossa inferioridade.

Aqueles que clamam mais alto por liberdade são muitas vezes aqueles que menos felizes seriam numa sociedade livre. Os frustrados, oprimidos por suas deficiências, culpam as restrições existentes pelo seu fracasso. Na verdade, seu desejo mais profundo é pôr um fim à "liberdade para todos." Querem eliminar a livre concorrência e o cruel teste ao qual o indivíduo é continuamente sujeito numa sociedade livre.

## 29

Quando a liberdade é real, a igualdade é a paixão das massas. Quando a igualdade é real, a liberdade é a paixão de uma pequena minoria.

A igualdade sem liberdade cria um padrão social mais estável do que a liberdade sem igualdade.

### *Os Pobres Construtivos*

#### 30

A pobreza, quando unida à construtividade, é geralmente livre de frustrações. Isto é verdadeiro quanto ao artesão pobre e capaz no seu ramo, e ao escritor, artista e cientista pobre em plena posse de poderes criadores. Nada mais conforta a nossa confiança e nos reconcilia com o nosso próprio ego do que a contínua capacidade de criar; ver as coisas crescerem e se desenvolverem sob as nossas mãos, dia a dia. O declínio do artesanato nos tempos modernos é talvez uma das causas da maior frustração e suscetibilidade do indivíduo aos movimentos de massa.

É impressionante observar como, com o desaparecimento dos poderes criadores individuais, aparece uma inclinação pronunciada para a adesão a um movimento de massa. Neste ponto, a correlação entre a fuga de um ego ineficiente e a responsividade a movimentos de massa é bastante clara. O escritor, artista, cientista decadente — decadente em virtude de exaustão do fluxo criador dentro de si — mais cedo ou mais tarde recai no campo dos patriotas ardentes, dos racistas, dos promotores de desordens e dos apóstolos de causas sagradas. Os impotentes sexuais talvez sejam sujeitos ao mesmo impulso. (O papel dos não-criadores no movimento nazista é analisado na Secção 111).

### *Os Pobres Unidos*

#### 31

Os pobres que são membros de um grupo compacto — uma tribo, uma família intimamente unida, um grupo racial ou religioso compacto — são relativamente livres de frustração e, portanto, quase imunes ao apêlo de um movimento de massa proselitista.

Quanto menos uma pessoa se vê como um indivíduo autônomo capaz de moldar seu próprio curso, e único responsável por sua posição na vida, menos provável será que veja sua pobreza como evidência de sua inferioridade. O membro de um grupo compacto possui um "ponto de revolta" mais alto do que o indivíduo autônomo. É necessário maior miséria e humilhação pessoal para levá-lo à revolta. A causa da revolução numa sociedade totalitária é geralmente o enfraquecimento da estrutura totalitária, mais do que o ressentimento contra a opressão e a desgraça.

Os fortes laços de família dos chineses foi provavelmente o que os conservou, durante várias eras, relativamente imunes ao apelo dos movimentos de massa. "O europeu que morre pela sua pátria comporta-se de maneira ininteligível para um chinês, porquanto sua família não é diretamente beneficiada — e é, sem dúvida, prejudicada pela perda de um de seus membros." Por outro lado, é compreensível e honroso que "um chinês, em consideração a uma soma paga à sua família, consinta em ser executado como substituto de um criminoso condenado."<sup>13</sup>

É evidente que um movimento de massa proselitista precisa romper todos os laços de grupo existentes se quiser conquistar seguidores em número considerável. O convertido potencial ideal é o indivíduo que está só, que não possui corpo coletivo onde possa mesclar-se e perder-se e assim disfarçar a pequenês, insignificância e monotonia de sua existência individual. Quando um movimento de massa encontra o padrão coletivo de família, tribo, país, etc., em estado de ruína e decadência, é só entrar e fazer sua colheita. Se encontra o padrão coletivo em bom estado, precisa atacar e arruiná-lo. Por outro lado, quando vemos, como aconteceu recentemente na Rússia, o movimento bolchevista ressaltando a solidariedade de família e encorajando a coesão nacional, racial e religiosa, isto é sinal de que o movimento passou a sua fase dinâmica, já estabeleceu seu novo padrão de vida, e seu principal objetivo é manter e preservar o que já conquistou. No resto do mundo, onde é ainda um movimento em luta, o comunismo faz tudo o que pode para romper os laços de família e desacreditar os laços nacionais, raciais e religiosos.

A atitude dos movimentos de massa nascentes em relação à família é de considerável interesse. Quase todos os movimentos contemporâneos demonstraram, em sua fase inicial, uma atitude hostil para com a família, e fizeram o possível para desacreditá-la e destruí-la. Fizeram-no solapando a autoridade dos pais; facilitando o divórcio; tomando a responsabilidade de alimentar, educar e entreter as crianças; e estimulando os filhos ilegítimos. Habitação promiscua, exílio, campos de concentração e terror também ajudaram a enfraquecer e romper os laços de família. Ainda assim, nenhum dos movimentos contemporâneos foi tão abertamente antagônico em relação à família como o Cristianismo inicial. Jesus não poupou palavras: "Pois Eu vim para que um homem fôsse contra seu pai, a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra. E os inimigos do homem serão aqueles de sua própria casa. Aquêlê que ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; e aquêlê que ama seu filho ou filha mais do que a mim, não é digno de mim."<sup>14</sup> Quando Lhe disseram que Sua mãe e irmãos estavam lá fora querendo falar-lhe, respondeu: "Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos? E estendeu a mão para seus discípulos, dizendo, "mantenham à parte minha mãe e meus irmãos!"<sup>15</sup> Quando um de seus discípulos pediu licença para ir enterrar seu pai, Jesus lhe disse: "Segue-me; deixa que os mortos enterrem seus mortos."<sup>16</sup> Jesus parecia sentir os terríveis conflitos de família que Seu movimento iria provocar, pelo seu proselitismo e pelo ódio fanático de seus antagonistas. "E o irmão entregará seu irmão à morte, e o pai seu filho; e os filhos se levantarão contra seus pais, e lhes causarão a morte."<sup>17</sup> É estranho, mas é verdade, que aquêlê que prega o amor fraterno também prega contra o amor de pai, mãe, irmão, irmã, esposa e filhos. O sábio chinês Mo-Tzu, que advogava o amor fraternal, foi justificadamente condenado pelos confucionistas que veneravam a família acima de tudo. Argumentaram que o princípio do amor universal dissolveria a família e destruiria a sociedade.<sup>18</sup> O proselitizador que chega e diz "Segue-me" é um destruidor da família, mesmo que não tenha consciência de qualquer hostilidade para com a famí-

lia e não tenha a menor intenção de enfraquecer a sua solidez. Quando S. Bernardo pregava, sua influência era tal que "as mães escondiam dêle os filhos, e as espôsas os maridos, para que êle não os atraísse para longe delas. Na verdade, êle rompeu tantos lares que as espôsas abandonadas formaram um convento."<sup>19</sup>

Como seria de esperar, a desagregação da família, qualquer que seja a sua causa, cria automaticamente um espírito coletivo e uma propensão ao apêlo dos movimentos de massa.

A invasão japonesa sem dúvida enfraqueceu o compacto padrão familiar dos chineses e contribuiu para o recente aumento de sua receptividade ao nacionalismo e ao comunismo. No mundo Ocidental industrializado a família é enfraquecida e desagregada principalmente por fatores econômicos. A independência econômica das mulheres facilita o divórcio. A independência econômica dos jovens enfraquece a autoridade paterna e também apressa um afastamento precoce do grupo familiar. O poder de atração dos grandes centros industriais sôbre as pessoas que vivem em fazendas e em cidades pequenas força e rompe os laços de família. Enfraquecendo a família, êsses fatores contribuem um pouco para o crescimento do espírito coletivo dos tempos modernos.

A longa mudança de populações inteiras levada a cabo por Hitler durante a Segunda Guerra Mundial, e as suas fantásticas façanhas de exterminação, devem ter diminuído e separado milhões de famílias numa grande parte da Europa. Ao mesmo tempo, os raids aéreos anglo-americanos, a expulsão de nove milhões de alemães do leste e do sul da Europa, a demora na repatriação de prisioneiros de guerra alemães, fizeram à Alemanha o que Hitler fizera à Europa. É difícil compreender como, mesmo sob condições econômicas e políticas ótimas, um continente juncado de famílias disseminadas e esparsas, poderia estabelecer-se num padrão social conservador e normal.

O descontentamento gerado em países subdesenvolvidos pelo seu contato com a civilização Ocidental não é, primordialmente, um ressentimento contra a exploração por estran-

geiros dominadores. É mais o resultado de uma desagregação ou enfraquecimento da solidariedade tribal e da vida comunitária.

O ideal de auto-desenvolvimento que o Ocidente civilizador oferece às populações subdesenvolvidas traz consigo a praga da frustração individual. Todas as vantagens trazidas pelo Ocidente são substitutos ineficazes para a proteção e a confortável anonimidade de uma existência comunitária. Mesmo quando atingem o triunfo pessoal — tornam-se ricos ou adquirem uma profissão respeitável — os nativos ocidentalizados não são felizes. Sentem-se nus e órfãos. Os movimentos nacionalistas nos países coloniais são em parte uma luta por uma existência em grupo e uma fuga ao individualismo Ocidental.

Os poderes de colonização do Ocidente oferecem ao nativo a dádiva da liberdade e independência individual. Tentam ensinar-lhe a confiança própria. O que na verdade conseguem é o isolamento individual. Isso significa que o indivíduo imaturo e mal equipado é arrancado do todo coletivo e entregue, nas palavras de Khomiakov, “à liberdade de sua própria impotência.”<sup>20</sup> O desejo febril de organizar-se e mesclar-se às massas em marcha, tão manifesto tanto em nosso país como nos países que colonizamos, é a expressão de um esforço desesperado para escapar a essa existência ineficiente, absurdamente individual. É bem possível, portanto, que os atuais movimentos nacionalistas na Ásia levem — mesmo sem a influência russa — a uma forma de sociedade mais ou menos coletivista ao invés de democrática.

O poder colonial explorador deveria adotar a política de estimular a coesão comunitária entre os nativos. Deveria promover a igualdade e o sentimento de fraternidade entre eles. Pois na medida em que os governados se mesclam e perdem-se num todo compacto, é suavizada a pungência de sua inutilidade individual; e o processo que transmuta a miséria em frustração e revolta é sustado na própria fonte. O processo de “dividir para governar” é ineficaz quando objetiva o enfraquecimento de todas as formas de coesão entre os governados. A desagregação de uma comunidade, tribo ou nação em indivíduos autônomos não elimina ou sufoca o espírito de rebelião contra o poder dominante. Uma divisão eficiente é

a que permite uma multiplicidade de corpos compactos — raciais, religiosos ou econômicos — que disputam e suspeitam entre si.

Mesmo quando é totalmente filantrópico e seu único objetivo é trazer prosperidade e progresso a um povo subdesenvolvido, o poder colonial deve fazer tudo para preservar e reforçar o padrão corporativo. Não deve concentrar-se no indivíduo, e sim injetar as inovações e reformas em canais tribais ou comunitários e deixar que a tribo ou comunidade progrida como um todo. Talvez seja verdade que o êxito na modernização de um povo subdesenvolvido só pode ser atingido dentro de uma forte estrutura de ação unificada. A espetacular modernização do Japão foi conquistada numa atmosfera carregada do fervor da ação unida e da consciência de grupo.

A vantagem da Rússia soviética como poder colonizador — além de sua falta de preconceito racial — é que chega com um padrão pré-fabricado e efetivo de ação unificada. Pode desconsiderar, e sem dúvida deliberadamente elimina, todos os laços de grupo existentes, sem risco de alimentar o descontentamento individual e a eventual revolta, pois o nativo soviético não é deixado a lutar sozinho num mundo hostil. Começa sua nova vida como membro de um grupo intimamente ligado, mais compacto e comunitário do que o seu clã ou tribo anterior.

O sistema de estimular a coesão comunitária como preventivo da agitação colonial também pode ser utilizado para prevenir a agitação trabalhista nos países industrializados colonizadores.

O empregador cujo único propósito é manter seus trabalhadores entregues à sua tarefa e obter d'ele o máximo não conseguirá atingir seu objetivo dividindo-os — jogando um trabalhador contra o outro. É mais do seu interesse que os trabalhadores se sintam parte de um todo, e preferivelmente um todo que inclua o empregador também. Um vivo sentimento de solidariedade, quer racial, nacional ou religiosa, é sem dúvida um meio eficiente de impedir a inquietação trabalhista. Mesmo quando é do tipo que não inclui o empregador, a solidariedade sem dúvida tende a promover o contentamento e eficiência dos operários. A experiência demons-

tra que a produção atinge o seu ápice quando os trabalhadores sentem e agem como membros de uma equipe. Qualquer política que perturbe e desagregue a equipe causará sérios transtornos. "Os planos de incentivo salarial que oferecem prêmios a trabalhadores individuais causam mais dano do que benefício... Os planos de incentivo em grupo, em que o prêmio é baseado no trabalho de toda a equipe, inclusive o capataz... promoverão maior produtividade e maior satisfação de parte dos trabalhadores."<sup>32</sup>

### 34

Um movimento de massa em ascensão atrai e prende um seguidor não por sua doutrina e promessa mas pelo refúgio que oferece contra as ansiedades, aridez e insignificância de uma existência individual. Cura os que estão pungentemente frustrados, não por conferir-lhes uma verdade absoluta ou remediar as dificuldades e abusos que tornaram miserável a sua vida, mas por livrá-los de seus egos ineficientes — e faz isto envolvendo-os e absorvendo-os num todo coletivo intimamente unido e exultante.

É evidente, portanto, que, para ter êxito, o movimento de massa deve desenvolver o mais breve possível uma compacta organização coletiva e a capacidade de absorver e integrar todos os recrutas. É inútil julgar a viabilidade de um novo movimento pela verdade de sua doutrina e factibilidade de suas promessas. O que tem de ser julgado é a sua organização corporativa para uma rápida e total absorção dos frustrados. Quando novos credos disputam entre si o apoio da população, vence aquele que possuir a estrutura coletiva mais aperfeiçoada. De todos os cultos e filosofias que competiam no mundo greco-romano, só o Cristianismo desenvolveu um conceito de organização compacta. "Nenhuma das suas rivais possuía uma estrutura tão poderosa e coerente quanto a da Igreja. Nenhum dava aos seus adeptos o mesmo sentimento de entrar numa comunidade intimamente unida."<sup>22</sup> O movimento bolchevista ultrapassou todos os outros movimentos marxistas na corrida pelo poder, em virtude de sua forte organização coletiva. O movimento Nacional Socialista, também, sobrepujou todos os outros movimentos populares



que pulularam na década de 1920, em virtude da declaração inicial de Hitler de que um movimento de massa em ascensão jamais poderá ir longe demais em advogar e promover a coesão coletiva. Hitler sabia que a principal paixão do frustrado é "pertencer", e que nunca será demais cimentar e ligar os laços para satisfazer a essa paixão.

35

O meio mais favorável para o nascimento e propagação de movimentos de massa é aquele onde uma estrutura corporativa outrora compacta está, por uma ou outra razão, em estado de desintegração. A época em que o Cristianismo nasceu e difundiu-se foi "uma época em que grande número de homens estava sem raízes. As cidades-estados compactas haviam parcialmente submergido num vasto império... e os velhos agrupamentos políticos e sociais se haviam enfraquecido ou dissolvido."<sup>23</sup> O Cristianismo fez seu maior avanço nas grandes cidades onde viviam "milhares de indivíduos sem raízes, alguns escravos, outros libertos, e alguns mercadores, que haviam sido separados pela força ou voluntariamente de seu meio hereditário."<sup>24</sup> No campo, onde o padrão comunitário fôra menos perturbado, a nova religião achou o terreno bem menos favorável. Os aldeões (*pagani*) e os gentios apegaram-se mais tempo aos cultos antigos.

Uma situação bem semelhante é observada no surgimento de movimentos nacionalistas e socialistas na segunda metade do século dezenove: "a extraordinária mobilidade e urbanização da população serviu para criar, durante aquelas décadas, um extraordinário número de pessoas desarraigadas de um solo ancestral e de suas ligações locais. Experimentando grave insegurança econômica e desajustamentos psicológicos, eram muito susceptíveis à propaganda demagógica, quer nacionalista quer socialista."<sup>25</sup>

A regra geral, ao que parece, é que quando um padrão de coesão coletiva enfraquece, as condições se tornam maduras para surgimento de um movimento de massa e para o eventual estabelecimento de uma forma nova e mais vigorosa de unidade compacta. Quando uma Igreja que fôra totalmente absorvente afrouxa seus laços, novos movimentos re-

ligiosos provavelmente se cristalizarão. H. G. Wells observa que, na época da Reforma, seus adeptos "objetavam não ao poder da Igreja, mas às suas fraquezas... Seus movimentos contra a Igreja, dentro e fora dela, eram movimentos não para livrarem-se de um controle religioso, mas para um controle religioso mais pleno e mais abundante."<sup>26</sup> Se o estado de espírito religioso fôr solapado pelo esclarecimento, os movimentos que surgirem serão socialistas, nacionalistas ou racistas. A Revolução Francesa, que foi também um movimento nacionalista, veio como uma reação não contra a vigorosa tirania da Igreja Católica e do velho regime, mas contra sua fraqueza e ineficiência. Quando o povo se revolta numa sociedade totalitária, ele não se levanta contra a maldade do regime e sim contra sua fraqueza.

Quando o padrão coletivo é forte, é difícil que o movimento de massa encontre apoio. A compacta comunidade dos judeus, tanto na Palestina como na Diaspora, foi provavelmente uma das razões por que o Cristianismo fêz tão poucos progressos entre eles. A destruição do templo causou, quando muito, um estreitamento dos laços coletivos. A sinagoga e a congregação passaram a receber a devoção que anteriormente fluía para o templo e Jerusalém. Mais tarde, quando a Igreja Cristã teve poder para segregar os judeus nos guetos, ela deu à compacidade coletiva maior reforço e assim, involuntariamente, assegurou a sobrevivência do judaísmo através dos tempos. A chegada do "iluminismo" solapou tanto a ortodoxia como as paredes do gueto. De repente, e talvez pela primeira vez desde os dias de Jó e do Eclesiastes, os judeus viram-se como indivíduos, terrivelmente sós num mundo hostil. Não havia corpo coletivo onde pudessem submergir e perder-se. A sinagoga e a congregação se haviam tornado coisas sem vida, enquanto as tradições e preconceitos de dois mil anos impediam sua completa integração com o corpo coletivo dos gentios. Assim, o judeu moderno tornou-se o mais autônomo dos indivíduos, e inevitavelmente também o mais frustrado. Não é de surpreender, portanto, que os movimentos de massa dos tempos modernos encontrem nêle um convertido imediato. O judeu também encheu as estradas que levam aos paliativos para a frustração, como sejam, a pressa e a migração. Também se lançou a um es-

fôrço apaixonado para provar seu valor individual por meio de conquistas materiais e trabalho criador. Havia, é verdade, um pedaço de comunidade que êle podia criar à sua volta por seu próprio esfôrço, isto é, a família — e êle fêz dela o máximo. Mas, no caso do judeu europeu, Hitler transformou êsse único refúgio em campos de concentração e câmaras de gás. Assim, hoje, mais do que nunca, o judeu, principalmente na Europa, é o exemplo ideal de convertido em potencial. E foi quase providencial que o Sionismo estivesse à mão na hora mais negra dos judeus, para envolvê-los no seu abraço coletivo e curá-los do seu isolamento individual. Israel é sem dúvida um refúgio raro: é lar e família, sinagoga e congregação, nação e partido revolucionário a um só tempo.

A história recente da Alemanha também fornece um exemplo interessante da relação entre a compacidade coletiva e a receptividade ao apêlo dos movimentos de massa. Não havia probabilidade de um autêntico movimento revolucionário nascer na Alemanha do Kaiser. Os alemães estavam satisfeitos com o regime centralizado e autoritário do Kaiser, e até mesmo a derrota da Primeira Guerra Mundial não prejudicou seu amor por êle. A revolução de 1918 foi uma coisa artificial com pouca participação popular. Os anos da Constituição de Weimar que se seguiram foram para muitos alemães uma época de irritação e frustração. Habituaados como estavam às ordens vindas de cima e ao respeito pela autoridade, achavam que a frouxa e irreverente ordem democrática era confusão e caos. Ficaram chocados ao compreender que "tinham que participar do govêrno, escolher um patido, e julgar assuntos políticos."<sup>27</sup> Ansiavam por um nôvo todo coletivo, mais monolítico, envolvente e glorioso do que fôra até mesmo o regime do Kaiser — e o Terceiro Reich veio mais do que responder à sua prece. O regime totalitário de Hitler, uma vez estabelecido, jamais correu perigo de revolta das massas. Desde que a hierarquia governante do Nazismo quisesse assumir tôdas as responsabilidades e tomar tôdas as decisões, não havia a menor oportunidade para qualquer antagonismo popular. Um ponto de perigo poderia ter surgido caso a disciplina nazista e seu contrôle totalitário fôsem afrouxados. O que De Tocqueville diz de um govêrno ti-

rânico aplica-se a tôdas as ordens totalitárias — seu momento de maior perigo é quando começa a reforma, isto é, quando começa a mostrar tendências liberais.<sup>28</sup>

Um outro e último exemplo da tese de que os corpos coletivos são imunes ao apêlo dos movimentos de massa, mas de que um padrão coletivo em desagregação é o meio mais favorável ao seu surgimento, pode ser encontrado na relação entre o corpo coletivo que conhecemos como exército e os movimentos de massa. Quase não há exemplo de um exército intacto dar lugar a um movimento religioso, revolucionário ou nacionalista. Por outro lado, um exército desintegrado — quer pelo processo ordenado de desmobilização quer por deserção pela desmoralização — é terreno fértil para um movimento de proselitismo. O homem que acaba de sair do exército é um convertido potencial excelente, e encontramos-lo entre os primeiros adeptos de todos os movimentos de massa contemporâneos. Ele sente-se só e perdido na luta-livre da vida civil. As responsabilidades e incertezas de uma existência autônoma pesam sobre ele e o dominam. Ele anseia por certeza, camaradagem, liberdade das responsabilidades individuais, e por uma visão de algo completamente diferente da sociedade livre-competidora à sua volta — e encontra tudo isso na fraternidade e na atmosfera de revivescimento de um movimento nascente.<sup>29</sup>

## OS DESAJUSTADOS

### 36

A frustração dos desajustados pode variar de intensidade. Há primeiro os desajustados temporários: gente que não encontrou o seu lugar na vida mas ainda espera encontrá-lo. A juventude adolescente, os portadores de diplomas desempregados, os veteranos de guerra, os novos imigrantes e semelhantes estão nesta categoria. São inquietos, insatisfeitos e perseguidos pelo medo de que seus melhores anos sejam desperdiçados antes de atingirem seu objetivo. São receptivos à pregação de um movimento proselitizador e no entanto nem sempre são convertidos convictos. Pois não estão irrevogavelmente separados do ego ;não o vêem como algo irremediavelmente estragado. É fácil para eles conceber uma existência autônoma com objetivo e esperança. A mais leve evidência de progresso e sucesso reconcilia-os com o mundo e com seu próprio ego.

O papel dos veteranos de guerra no surgimento de movimentos de massa foi tratado na Secção 35. Uma guerra prolongada do exército nacional provavelmente será seguida de um período de inquietação social tanto para vitoriosos como para vencidos. A razão disso não é o desencadear de paixões e o gosto da violência durante a guerra, nem tampouco

a perda da fé numa ordem social que não pôde impedir uma perda de vidas e de riquezas tão enorme e sem nexos. É a prolongada quebra da rotina civil dos milhões de homens alistados no exército nacional. Os soldados que regressam acham difícil reencetar o ritmo de sua vida de antes da guerra. O reajustamento à paz e ao lar é lento e doloroso, e o país é invadido por desajustados temporários.

Assim, parece-nos que a passagem da guerra para a paz é mais crítica para a ordem estabelecida do que a passagem da paz para a guerra.

### 37

Os desajustados temporários são aqueles que, em virtude de uma falta de talento ou de algum defeito irreparável no corpo ou na mente, não podem realizar algo que todo o seu ser ardentemente deseja. Nenhuma realização em outros campos, por mais espetacular que seja, pode dar-lhes uma sensação de plenitude. Qualquer coisa que empreendam torna-se uma busca apaixonada; mas jamais chegam, jamais param. Demonstram o fato de que nunca podemos ter o suficiente daquilo que realmente não desejamos, e que corremos mais depressa e mais longe quando corremos de nós mesmos.

Os desajustados permanentes só podem achar a salvação numa separação completa do ego; e geralmente acham-na perdendo-se na compacta coletividade de um movimento de massa. Renunciando à vontade, julgamento e ambição individuais, e dedicando tôdas as suas forças ao serviço de uma causa eterna, são finalmente retirados do círculo vicioso que jamais pode levá-los à realização.

Os mais incuravelmente frustrados — e portanto, os mais veementes — entre os desajustados permanentes são aqueles com uma vocação irrealista de trabalho criador. Os que tentam escrever, pintar, compor, etc., e falham decisivamente, e aqueles que após experimentarem a elação da criatividade sentem secar o fluxo criador dentro de si mesmos e sabem que nunca mais produzirão nada que valha a pena, estão nas garras da mesma paixão desesperada. Nem fama, nem poder, nem

riqueza, nem mesmo realizações monumentais em outros campos, pode aliviar-lhes a fome. Até mesmo a integral dedicação a uma causa sagrada nem sempre consegue curá-los. A fome não satisfeita persiste, e eles podem tornar-se os mais violentos extremistas a serviço dessa causa sagrada.<sup>1</sup>

## OS EXAGERADAMENTE EGOÍSTAS

38

Os exageradamente egoístas são particularmente suscetíveis à frustração. Quanto mais egoísta uma pessoa é, mais pungentes os seus desapontamentos. Os exageradamente egoístas, portanto, podem ser os mais persuasivos apóstolos do altruísmo.

Os fanáticos mais ferozes são muitas vezes pessoas egoístas que foram forçadas, por deficiências inatas ou circunstâncias externas, a perder a fé em seus próprios egos.

Essas pessoas separam o excelente instrumento de seus egoísmos dos seus egos ineficientes e colocam-no a serviço de alguma causa sagrada. E embora adotem uma fé de amor e humildade, não podem ser nem amoráveis nem humildes.



## OS AMBICIOSOS DIANTE DE OPORTUNIDADES ILIMITADAS

39

As oportunidades ilimitadas podem ser uma causa de frustração tão poderosa quanto a falta ou escassez de oportunidades. Quando as oportunidades são aparentemente ilimitadas, há uma inevitável depreciação do presente. A atitude é: "Tudo o que estou fazendo ou posso fazer é insignificante comparado com o que está por fazer."

Assim, é a frustração que paira sobre os campos de mineração de ouro e persegue as mentes tensas nos tempos de grande prosperidade. Daí o fato notável de que, juntamente com a incessante auto-procura que parece ser a mola mestra de caçadores de ouro, invasores de terras e outros entusiasmados da riqueza rápida, existe uma excessiva disposição ao auto-sacrifício e à ação unificada. O patriotismo, a solidariedade racial, até mesmo a pregação da revolução, encontram uma resposta mais pronta entre pessoas que vêem oportunidades ilimitadas estendidas diante delas do que entre as pessoas que se movem dentro dos limites determinados de um padrão de existência familiar, ordenado e previsível.

## AS MINORIAS

## 40

As minorias estão em posição precária, por mais protegidas que sejam pela lei ou pela força. A frustração engendrada pela inevitável sensação de insegurança é menos intensa numa minoria disposta a preservar sua identidade do que numa minoria inclinada a dissolver-se e mesclar-se com a maioria. A minoria que preserva sua identidade é inevitavelmente um todo compacto que protege o indivíduo, dá-lhe um senso de pertencer a algo, e imuniza-o contra a frustração. Por outro lado, numa minoria que tende para a assimilação, o indivíduo fica só, enfrentando o preconceito e a discriminação. É também sobrecarregado por um senso de culpa, embora vago, de ser um renegado. O judeu ortodoxo é menos frustrado do que o judeu emancipado. O negro segregado no Sul dos Estados Unidos é menos frustrado do que o negro não segregado do Norte.

Além disso, dentro de uma minoria inclinada à assimilação, os menos e os mais bem sucedidos (econômica e culturalmente) são mais frustrados do que os que estão no meio. O homem que fracassa considera-se um intruso e, no caso de um membro de um grupo minoritário que deseja mesclar-se com a maioria, o fracasso intensifica o sentimento de não pertencer.

Sentimento semelhante se acumula na outra extremidade da escala econômica e cultural. Aqueles da minoria que alcançam fortuna e fama muitas vezes acham difícil ter entrada nos círculos exclusivos da maioria, e assim ficam sabendo que são estranhos. Além do mais, havendo evidência de sua superioridade de individual, ressentem-se da confissão da inferioridade implícita no processo de assimilação. Assim, é de se esperar que os mais e os menos bem sucedidos de uma minoria inclinada à assimilação sejam os mais receptivos ao apêlo de um movimento de massa proselitizadora.

Os menos e os mais bem sucedidos Ítalo-americanos foram os mais ardentes admiradores da revolução de Mussolini; os mesmos e os mais bem sucedidos irlandês-americanos foram os mais receptivos ao chamado de De Valera; os menos e mais bem sucedidos entre os judeus são os mais receptivos ao Sionismo; os menos e os mais bem sucedidos entre os negros são os que possuem maior consciência de raça.

## OS ENTEDIADOS

## 41

Não há talvez indicador mais seguro da maturidade de uma sociedade para os movimentos de massa do que a predominância de um tédio sem alívio. Em quase tôdas as descrições de períodos que precederam o surgimento de movimentos de massa há referência a um vasto tédio; e em seus primeiros estágios os movimentos de massa encontram mais simpatizantes e mais apoio entre os entediados do que entre os explorados e oprimidos. Para um fomentador deliberado de levantes de massa, a notícia de que o povo está entediado deve ser pelo menos tão estimulante quanto a de que o mesmo povo sofre intoleráveis abusos econômicos ou políticos.

Quando as pessoas estão entediadas, é com seus próprios egos que estão principalmente aborrecidas. A consciência de uma existência árida, sem significado, é a principal fonte de tédio. As pessoas que não têm consciência de sua separação individual, como é o caso dos membros de uma tribo, igreja, partido, etc., não são acessíveis ao tédio. O indivíduo diferenciado só se livra do tédio quando está dedicado a trabalho criador ou a alguma ocupação absorvente, ou quando está totalmente imerso na luta pela existência. A busca do prazer e a dissipação são paliativos ineficazes. Quando as pessoas

vivem vidas autônomas e não estão mal, porém não têm capacidade ou oportunidade de trabalho criador ou de ação útil, não se pode prever a que desesperadas e fantásticas mudanças recorrem para dar significação e propósito às suas vidas.

O tédio é responsável pela quase invariável presença de solteironas e mulheres de meia-idade no nascimento de movimentos de massa. Mesmo no caso do Islamismo e do movimento Nazista, que desaprovava a atividade feminina fora do lar, encontramos mulheres de um certo tipo desempenhando importante papel no estágio inicial de seu desenvolvimento.

O casamento tem, para a mulher, vários equivalentes à adesão a um movimento de massa. Oferece-lhe um novo propósito na vida, um novo futuro e uma nova identidade (um novo nome). O tédio das solteironas e das mulheres que não mais podem encontrar alegria e realização no casamento provém da consciência de uma vida estéril, desperdiçada. Abraçando uma causa sagrada e dedicando suas energias ao seu progresso, elas encontram uma nova vida cheia de propósito e significação. Hitler fez pleno uso das "senhoras de sociedade sedentas de aventura, enjoadas de suas vidas vazias, não tendo mais entusiasmo para aventuras amorosas."<sup>1</sup> Foi financiado pelas espôsas de grandes industriais, muito antes que seus maridos ouvissem falar dele.<sup>2</sup> Miriam Beard relata um papel semelhante desempenhado pelas entediadas espôsas de homens de negócios antes da Revolução Francesa: "elas estavam devastadas pelo tédio e sujeitas a crises de melancolia. Inquietas, aplaudiram os inovadores."<sup>3</sup>

## OS PESCADORES

## 42

A sardônica observação de que o patriotismo é o último refúgio dos canalhas possui também um significado menos pejorativo. O patriotismo fervoroso, assim como o entusiasmo religioso e revolucionário, serve muitas vezes de refúgio a uma consciência culpada. É uma coisa estranha que tanto o ofensor como o ofendido, tanto o pecador como aquele contra quem se peca, encontrem no movimento de massa uma fuga a uma vida manchada. O remorso e um sentimento de mágoa parecem orientar as pessoas para a mesma direção.

Por vezes parece que os movimentos de massa são feitos de encomenda para atender às necessidades do criminoso — não apenas para a catarse de sua alma como também para o exército de suas inclinações e talentos. A técnica de um movimento de massa proselitizador almeja invocar nos seus fiéis o estado de espírito de um criminoso arrependido.<sup>1</sup> A auto-rendição, que é, como mostraremos na 3.ª Parte, a fonte da unidade e vigor de um movimento de massa, é um sacrifício, um ato de afinamento, e é claro que nenhum afinamento é necessário a menos que haja um senso pungente de pecado. Neste ponto, como em outros, a técnica do movimento de massa almeja infectar o povo com uma doença e então oferecer o movimento como cura para ela. “Que tarefa enfrenta o cle-

ro norte-americano" — lamenta um "divine" \* — "pregar a boa nova de um Salvador a um povo que na maioria não possui um senso real do pecado."<sup>2</sup> Um movimento de massa eficiente cultiva a idéia de pecado. Pinta o ego autônomo como sendo não apenas árido e inútil mas também vil. Confessar e arrepender-se é eliminar a distinção individual e a separação, e a salvação é encontrada perdendo-se o próprio ego na sagrada unidade da congregação.<sup>3</sup>

Há um ponto de ternura para o criminoso e um ardente apêlo a êle, em todos os movimentos de massa. São Bernardo, o espírito que movimentou a Segunda Cruzada, assim apelava aos recrutas: "Pois o que é senão uma requintada e valiosa oportunidade de salvação devida a Deus sômente, que o Onipotente possa dignar-se chamar a Seu serviço, como se fôssem inocentes, os assassinos, os violadores, os adúlteros, os perjuros, e os culpados de qualquer crime?"<sup>4</sup> A Rússia revolucionária tem também uma pontinha de ternura para o criminoso comum, embora seja impiedosa com os herejes — o "desviado" ideológico. Talvez seja verdadeiro que o criminoso que abraça uma causa sagrada esteja mais pronto a arriscar a vida e chegar a extremos em sua defesa do que as pessoas que são inibidas pela santidade da vida e da propriedade.

O crime é, até certo ponto, um substituto do movimento de massa. Quando a opinião pública e força da lei não são muito restritas, e a pobreza não é absoluta, a pressão subterrânea dos descontentes e desajustados por vêzes se extravasa no crime. Tem-se observado que o crime comum declina na exaltação dos movimentos de massa, sejam êles patrióticos, religiosos ou revolucionários.

\* Designação dada àqueles que, nos Estados Unidos, assumem a liderança de seitas religiosas como messias autoproclamados. (N. T.)

### 3.ª PARTE

## Ação Unida e Auto-Sacrifício



## PREFÁCIO

## 43

O vigor de um movimento de massa deriva da propensão de seus seguidores para a ação unida e o auto-sacrifício. Quando atribuímos o sucesso de um movimento à sua fé, doutrina, propaganda, liderança, crueldade, e assim por diante, estamos nos referindo apenas a instrumentos de unificação e a meios utilizados para inculcar uma disposição ao auto-sacrifício. É talvez impossível compreender a natureza dos movimentos de massa a menos que se reconheça que sua principal preocupação é fomentar, aperfeiçoar e perpetuar a facilidade para ação unida e auto-sacrifício. Conhecer os processos pelos quais essa facilidade é gerada é aprender a lógica interna das atitudes e práticas características de um movimento de massa ativo. Com poucas exceções,<sup>1</sup> qualquer grupo ou organização que tenta, por uma ou outra razão, criar e manter unidade compacta e uma constante disposição para o auto-sacrifício, geralmente manifesta as peculiaridades — tanto elevadas como baixas — de um movimento de massa. Por outro lado, um movimento de massa perderá muito daquilo que o distingue de outros tipos de organização, quando começar a afrouxar a sua compacidade coletiva e a cortejar o interesse próprio como legítimo motivo de atividade. Em tempos de paz e prosperidade, uma nação democrática é uma associação insti-

tucionalizada de indivíduos mais ou menos livres. Por outro lado, em tempos de crise, quando a existência da nação é ameaçada, e ela tenta reforçar sua unidade e gerar no seu povo a disposição ao auto-sacrifício, isso quase sempre assume o caráter de um movimento de massa. O mesmo se aplica a organizações religiosas e revolucionárias; se se transformam ou não em movimentos de massa depende menos da doutrina que pregam e do programa que planejam do que do grau de sua preocupação com a unidade e a disposição ao auto-sacrifício.

O ponto importante é que nos extremamente frustrados a propensão para a ação unida e o auto-sacrifício nasce espontaneamente. Deve ser possível, portanto, obter-se alguma idéia sobre a natureza dessa propensão e da técnica a ser empregada para a sua deliberada provocação, delineando a sua eclosão espontânea na mente frustrada. O que faz sofrer o frustrado? É a consciência de um ego irremediavelmente manchado. Seu principal desejo é escapar a esse ego — e é desejo que se manifesta numa propensão à ação unida e ao auto-sacrifício. A repugnância por um ego indesejável, e o impulso para esquecê-lo, mascará-lo, eliminá-lo e perdê-lo, produzem a disposição de sacrificar o ego e a vontade de dissolvê-lo perdendo a distinção individual num todo coletivo compacto. Além disso, o afastamento do ego é geralmente acompanhado por uma série de atitudes diversas e aparentemente não relacionadas, que uma sondagem mais próxima revela serem fatores essenciais no processo de unificação e de auto-sacrifício. Em outras palavras, a frustração não só dá ensejo ao desejo de unidade e à disposição para o auto-sacrifício, mas também cria o mecanismo para a sua realização. Fenômenos diversos, como a depreciação do presente, a facilidade de criar ilusões, a inclinação ao ódio, a facilidade de imitação, a credulidade, a tendência a tentar o impossível, e muitos outros que tumultuam a mente dos homens intensamente frustrados, são, como veremos, agentes unificadores e promotores de atitudes ousadas.

Nas secções 44 a 103 faremos uma tentativa de demonstrar que quando decidimos provocar nas pessoas certa facilidade para a ação unida e o auto-sacrifício, fazemos todo o possível — quer saibamos disso ou não — para induzir e es-

timular o afastamento do eu e tentamos evocar e cultivar nelas as diversas atitudes e impulsos que acompanham o espontâneo afastamento do ego nos frustrados. Em suma, tentaremos mostrar que a técnica de um movimento de massa ativo consiste basicamente na provocação e cultura de tendências e reações indignas à mente frustrada.

É de esperar que o leitor discorde de muita coisa dita nesta parte do livro. Sentirá talvez que muita coisa foi exagerada e muita coisa ignorada. Mas isto não é um livro didático com autoridade, é um livro de pensamentos, e não se afasta das meias-verdades, desde que elas pareçam sugerir um novo ponto de vista e ajudem a formular novas perguntas. Diz Bagehot que "para ilustrar um princípio é preciso exagerar muito e omitir muito."

As capacidades para a ação unida e para o auto-sacrifício parecem seguir sempre juntas. Quando ouvimos falar de um grupo que é particularmente desprezador da morte, podemos geralmente concluir justificadamente que o grupo é intimamente ligado e profundamente unificado.<sup>2</sup> Por outro lado, quando enfrentamos um membro de um grupo compacto, provavelmente descobriremos que ele despreza a morte. Tanto a ação unida como o auto-sacrifício requerem o desprezo do ego. Para tornar-se parte de um todo compacto, o indivíduo tem que abandonar muita coisa. Tem que renunciar ao isolamento, ao julgamento individual e muitas vezes às posses individuais. Instruir uma pessoa para a ação unida é, portanto, treiná-la para atos de auto-negação. Por outro lado, o homem que pratica a auto-abnegação elimina a dura concha que o mantém afastado dos outros e assim torna-se assimilável. Todo agente unificador é, portanto, um promotor do auto-sacrifício, e vice-versa. Não obstante, nas seções seguintes, fazemos uma divisão, para maior conveniência, mas a função dupla de cada fator nunca é esquecida.

Será bom delinear aqui o plano seguido nas Seções 44 a 63, que tratam do assunto de auto-sacrifício.

A técnica de fomentar a disposição à luta e à morte consiste em separar o indivíduo do seu ego de carne e osso — em não lhe permitir que seja o seu eu real.

Isto pode ser conseguido pela profunda assimilação do indivíduo num corpo coletivo compacto — Seções 44-46; do-

tando-o de um ego imaginário (ilusão) — Secção 47; implantando nêle uma atitude depreciativa para com o presente e fixando seu interêsse em coisas que ainda não existem — Secções 48-55; interpondo um painel de fato-comprovado entre êle e a realidade (doutrina) — Secções 56-59; impedindo, mediante a insuflação de paixões, o estabelecimento de um equilíbrio estável entre o individuo e seu ego (fanatismo) — Secções 60-63.

## FATORES QUE PROMOVEM O AUTO-SACRIFÍCIO

### *Identificação com um todo coletivo*

#### 44

Para amadurecer uma pessoa para o auto-sacrifício é preciso privá-la de sua identidade e distinção individuais. Deve deixar de ser George, Hans, Ivan ou Tadeu — um átomo humano com uma existência limitada por nascimento e morte. A maneira mais drástica de atingir-se êsse fim é pela completa assimilação do indivíduo num corpo coletivo. O indivíduo plenamente assimilado não vê nem os outros nem êle mesmo como seres humanos. Quando lhe perguntam quem é, sua resposta automática é que é alemão, russo, japonês, Cristão, Islamita, membro de certa tribo ou família. Não possui objetivo, valor ou destino fora do seu corpo coletivo; e enquanto êsse corpo viver não pode realmente morrer.

Para um homem absolutamente sem a sensação de pertencer a algo, o que interessa é a vida, pura e simples. É a única realidade numa eternidade de nada, e êle agarra-se a ela com desespero, sem pudor. Dostoievski deu palavras a êsse estado de espírito em *Crime e Castigo* (2.<sup>a</sup> Parte, Capítulo 4). O estudante Raskolnikov perambula pelas ruas de São

Petersburgo num estado de delírio. Alguns dias antes assassinara duas velhas com um machado. Sente-se isolado da humanidade. Ao passar pelo luz vermelha do Distrito, próximo ao Mercado do Feno, cisma: "Se alguém tivesse de viver em um rochedo alto, numa plataforma tão estreita que lhe deixasse espaço apenas para se manter de pé, com o oceano, a perpétua escuridão, a infinita solidão, a incessante tempestade à sua volta, se ele tivesse que permanecer de pé num espaço de um metro quadrado tóda a sua vida, durante mil anos, uma eternidade, seria melhor viver assim do que morrer imediatamente! Apenas viver, viver e viver! Qualquer que seja a vida!"

A eliminação do senso de separação individual deve ser completa. Em qualquer ato, por mais trivial, o indivíduo precisa por meio de algum ritual associar-se com a congregação, a tribo, o partido, etc. Suas alegrias e seus sofrimentos, seu orgulho e confiança, devem nascer das sortes e capacidades do grupo e não de suas perspectivas e capacidades individuais. Acima de tudo, ele jamais deve sentir-se só. Embora perdido numa ilha deserta, deve sentir ainda que está sob os olhos do grupo. Ser afastado do grupo deve equivaler a ser eliminado da vida.

Este é sem dúvida um estado de espírito primitivo, e seus mais perfeitos exemplos são encontrados entre as tribos primitivas. Os movimentos de massa esforçam-se por aproximar o indivíduo dessa perfeição primitiva, e não estamos imaginando coisas quando o ângulo individualista dos movimentos de massa contemporânea nos impressionam como uma volta ao primitivo.

## 45

A capacidade de resistir à coação deriva em parte da identificação do indivíduo com o grupo. As pessoas que se davam melhor nos campos de concentração nazistas eram aquelas que se sentiam como membros de um partido compacto (os comunistas), de uma igreja (padres e pastôres), ou de um grupo nacional intimamente ligado. Os individualistas, de qualquer nacionalidade, feneciam. O judeu da Europa Ocidental provou ser o mais indefeso. Desprezado pelos gentios (mesmo os que estavam nos campos de concentração), e sem

elos vitais com uma comunidade judaica, êle tinha de enfrentar seus tormentos sôzinho — abandonado pelo todo da humanidade. Hoje compreendemos que o gueto da Idade Média era para os judeus mais uma fortaleza do que uma prisão. Sem a sensação de completa unidade e distinção que o gueto lhes impunha, não poderiam ter suportado sem alquebrar o espírito a violência e os abusos daqueles séculos de trevas. Quando a Idade Média retornou por uma breve década em nossos dias, apanhou os judeus sem as suas antigas defesas e esmagou-os.

A conclusão inevitável parece ser a de que, quando o indivíduo enfrenta a tortura ou a aniquilação, não pode contar com os recursos de sua própria individualidade. Sua única fonte de recursos está em não ser êle mesmo, e sim parte de algo poderoso, glorioso e indestrutível. A fé, neste caso, é principalmente um processo de identificação; o processo pelo qual o indivíduo cessa de ser êle mesmo e torna-se parte de algo eterno. A fé na humanidade, na posteridade, no destino de uma religião, nação, raça, partido ou família — que é senão a visualização daquele algo eterno ao qual anexamos o ego que está às portas da aniquilação?

É um tanto aterrador verificar que os líderes totalitários de nossa época, reconhecendo essa fonte de desesperada coragem, façam uso dela não só para fortificar o espírito de seus seguidores como também para alquebrar o espírito de seus oponentes. Em seus expurgos dos velhos líderes bolchevistas, Stalin conseguiu transformar homens orgulhosos e bravos em covardes, privando-os de qualquer possibilidade de identificação com o partido que haviam servido tôda a vida e com as massas russas. Esses velhos bolchevistas desde muito haviam cortado os elos com a humanidade fora da Rússia. Tinham um desprezo sem limites pelo passado e pela história que ainda poderia ser feita pela humanidade capitalista. Tinham renunciado a Deus. Não havia para êles nem passado nem futuro, nem lembranças nem glórias, fora dos limites da sagrada Rússia e do Partido Comunista — e ambos estavam agora completa e irrevogavelmente nas mãos de Stalin. Sentiam-se, no dizer de Buckarin, "isolados de tudo o que constitui a essência da vida." Portanto, confessaram. Humilhando-se perante a congregação dos fiéis, saíram do seu isolamento. Re-

novaram sua comunhão com o todo eterno aviltando o ego, acusando-o de crimes monstruosos e espetaculares, e assassinando-o em público.

Os mesmos russos que recuaram e se humilharam perante a polícia secreta de Stalin demonstraram inigualável coragem quando enfrentaram — sôzinhos ou em grupo — os nazistas invasores. A razão dêsse contraste de comportamento não é que a polícia de Stalin fôsse mais impiedosa do que os exércitos de Hitler, mas que ao enfrentarem a polícia de Stalin os russos sentiam-se como simples indivíduos, enquanto que ao enfrentarem os alemães, viam-se como membros de uma raça poderosa, possuidora de um passado glorioso e de um futuro ainda mais glorioso.

Da mesma forma, no caso dos judeus, seu comportamento na Palestina não poderia ter sido previsto pelo seu comportamento na Europa. Os funcionários coloniais britânicos na Palestina seguiram uma política forte em lógica mas de pouca visão interior. Raciocinaram que, como Hitler conseguira exterminar seis milhões de judeus sem encontrar resistência séria, não seria muito difícil manejar os 600.000 judeus da Palestina. Verificaram, porém, que os judeus da Palestina, embora chegados recentemente, eram um inimigo formidável: destemidos, teimosos e astutos. O judeu na Europa enfrentava seus inimigos sôzinho, como individuo isolado, um pedaço de vida flutuando numa eternidade de nada. Na Palestina sentia-se não como um átomo humano, mas como membro de uma raça eterna, com um passado imemorial atrás de si e um futuro admirável à sua frente.

Os teóricos do Kremlin estão provavelmente a par de que, a fim de manter a submissão das massas russas, não pode haver a menor oportunidade de uma identificação com qualquer corpo coletivo fora da Rússia. O objetivo da Cortina de Ferro talvez seja mais impedir que o povo russo alcance — mesmo em pensamento — o mundo exterior do que impedir a infiltração de espiões e sabotadores. A cortina é tanto física como psicológica. A completa eliminação de qualquer oportunidade de imigração — mesmo de mulheres rus-



sas casadas com estrangeiros — esmaece a consciência da humanidade exterior na mente russa. Poderiam do mesmo modo sonhar e esperar fugir para outro planêta. A barreira psicológica é igualmente importante: a ardente propaganda do Kremlin esforça-se por imprimir no povo russo que não existe nada valioso e eterno, nada que mereça admiração e reverência, nada que seja digno de um homem identificar-se com êle, fora dos limites da Rússia sagrada.

### *Ilusionismo*

47

Morrer e matar parecem fáceis quando são parte de um ritual, cerimonial, desempenho dramático ou jogo. Portanto, é necessário uma espécie de ilusionismo para que o indivíduo enfrente a morte com destemor. Para os nossos egos reais não existe coisa na terra ou no céu pela qual valha a pena morrer. Sômente quando nos vemos como atores num desempenho dramático (e portanto irreal) é que a morte perde seu horror e caráter final e torna-se um ato de ilusionismo, um gesto teatral. Uma das principais tarefas de um verdadeiro líder é mascarar a amarga realidade de morrer e matar, provocando em seus seguidores a ilusão de que estão participando de um espetáculo glorioso, de um leve ou solene desempenho dramático.

Hitler vestiu oito milhões de alemães com fantasias e fê-los representar uma ópera grandiosa, heróica e sangrenta. Na Rússia, onde até a construção de uma latrina requeria algum sacrifício, a vida tem sido um drama emocionante ininterrupto por mais de trinta anos, e ainda não se sabe o seu fim. O povo de Londres agiu herôicamente sob uma chuva de bombas, porque Churchill deu-lhes o papel de heróis. Desempenharam êsse papel perante uma vasta platéia — ancestrais, contemporâneos, e pósteros — e num palco iluminado por uma cidade em chamas, sob a música dos canhões trovejantes e dos silvos das bombas. É de duvidar-se que no nosso mundo contemporâneo, com sua larga diferenciação individual, qualquer medida de auto-sacrifício generalizado possa ser obtida sem o sensacionalismo e os fogos de artifício teatrais.

É difícil, portanto, imaginar como o atual governo Trabalhista da Inglaterra poderá realizar seu programa de socialização, que exige uma certa medida de auto-sacrifício de cada cidadão inglês, no cenário descolorido e nada dramático da Inglaterra socialista. A não teatralidade dos líderes socialistas britânicos é uma marca de correção e integridade intelectual, mas prejudica a experiência de socialização, que é sem dúvida o objetivo central de suas vidas.<sup>1</sup>

A necessidade indispensável de representar, no amargo negócio de morrer e matar, é particularmente evidente no caso dos exércitos. Seus uniformes, bandeiras, emblemas, paradas, música, sua etiqueta e ritual complicados, são feitos para separar o soldado de seu ego de carne e osso e mascarar a realidade avassaladora de vida e morte. Falamos do teatro da guerra e das cenas de batalha. Em suas ordens de batalha, os líderes militares invariavelmente recordam aos seus soldados que os olhos do mundo estão fixos nêles, que seus ancestrais os estão observando e que a posteridade ouvirá falar deles. O grande general sabe como evocar uma platéia das areias do deserto e das ondas do oceano.

A glória é em grande parte um conceito teatral. Não há esforço pela glória sem uma viva consciência de uma platéia — o conhecimento de que nossos poderosos feitos chegarão aos ouvidos de nossos contemporâneos ou “daqueles que virão.” Estamos prontos a sacrificar nosso verdadeiro e transitório ego pelo imaginário e eterno ego que estamos construindo, por nossos feitos, na opinião e imaginação dos outros.

Na prática dos movimentos de massa, o ilusionismo desempenha talvez um papel mais influente do que qualquer outro fator. Quando a fé e o poder de persuadir ou coagir desaparecem, a ilusão ainda permanece. Não há dúvida de que, com o espetáculo de procissões, paradas, rituais e cerimoniais, o movimento de massa toca uma corda sensível em cada coração. Mesmo os mais sóbrios são transportados pela visão de um impressionante espetáculo em massa. Há uma euforia e uma sensação de sair do próprio corpo, tanto nos participantes como nos espectadores. É possível que os frustrados sejam mais sensíveis ao poder e esplendor das massas do que os auto-suficientes. O desejo de escapar ou camuflar seus egos insatisfatórios desenvolve nos frustrados a facilidade de

imaginação — para proporcionar um espetáculo — e também a disposição de identificar-se totalmente com um imponente espetáculo em massa.

### *Depreciação do presente*

48

Na sua concepção, o movimento de massa parece colocar o presente em disputa com o passado. Vê nas instituições e privilégios estabelecidos a incrustação de um passado senil e vil num presente virginal. Mas, para livrar-se do domínio estrangulador do passado, é necessário uma unidade completa e um ilimitado poder de auto-sacrifício. Isto significa que as pessoas que devem atacar o passado a fim de libertar o presente devem estar dispostas a renunciar entusiasticamente a qualquer oportunidade de provar ou herdar o presente. O absurdo dessa proposição é evidente. Daí a inevitável mudança de ênfase, uma vez que o movimento comece a funcionar. O presente — objetivo original — é expulso do palco e seu lugar tomado pela posteridade — o futuro. Mais ainda: o presente é afastado como se fôsse algo impuro e contaminado pelo detestável passado. A linha de batalha é agora delineada entre as coisas que são e que foram, e as coisas que ainda não são.

Perder a própria vida é perder apenas o presente; e, é claro, perder um presente desdenhado e sem valor não é perder muito.

O movimento de massa não apenas pinta o presente como mesquinho e miserável — torna-o assim deliberadamente. Formula um padrão de existência individual duro, opressivo e monótono. Condena os prazeres e o conforto e prega a vida rigorosa. Considera o divertimento comum uma coisa trivial ou mesmo desacreditada, e apresenta a busca da felicidade pessoal como algo imoral. Gostar de si mesmo é compatuar com o inimigo — o presente. O objetivo primordial do ideal ascético pregado por muitos movimentos é alimentar o desprezo pelo presente. A campanha contra os apetites é um esforço para afrouxar os tentáculos tenazes que se agarram ao presente. Que essa vida individual sem alegria tenha lugar de

encontro a um fundo colorido e dramático de torneio coletivo vem acentuar o seu pouco valor.

A própria inviabilidade de muitos objetivos estabelecidos pelo movimento de massa faz parte da campanha contra o presente. Tudo o que é viável, possível e factível faz parte do presente. Oferecer algo viável seria aumentar a promessa do presente e reconciliar-nos com êle. A fé em milagres também implica na rejeição e desconfiança do presente. Quando Tertuliano proclamou: "E Ele foi enterrado e levantou-se novamente; é certo, porque é impossível," estava despresando o presente. Finalmente, o misticismo de um movimento é também um meio de depreciar o presente. Vê o presente como o reflexo desbotado e destorcido de uma palpitante desconhecido abaixo e além de nós mesmos. O presente é uma sombra e uma ilusão.

49

Não pode haver uma autêntica depreciação do presente sem a esperança certa de um futuro melhor. Pois por mais que lamentemos a baixesa de nosso tempo, se a perspectiva oferecida pelo futuro é a de maior deterioração ou até mesmo uma continuação do presente, somos inevitavelmente levados a reconciliar-nos com a nossa existência — por difícil e mesquinha que ela possa ser.

Todos os movimentos de massa depreciam o presente descrevendo-o como um meio preliminar para um futuro glorioso; um simples capacho no limiar do milênio. Para o movimento religioso o presente é um lugar de exílio, um vale de lágrimas levando ao reino celeste; para a revolução social é uma estação intermediária na estrada para a Utopia; para o movimento nacionalista é um episódio ignóbil que precede o triunfo final.

É certo que a esperança causada por uma vívida visualização de um futuro glorioso é uma poderosa fonte de ousadia e auto-esquecimento — mais poderosa do que a implícita depreciação do presente. O movimento de massa tem de centralizar a mente e o coração de seus seguidores no futuro, mesmo quando não esteja numa luta de vida e morte com as instituições e privilégios estabelecidos. O auto-sacrifício exi-

gido pela mútua responsabilidade e pela ação cooperativa é impossível sem a esperança. Quando só existe o hoje, agarra-se o que se pode e fica-se com êle. Quando se flutua num oceano de vacuidade e nos agarramos a qualquer miserável tábua do navio naufragado é como se ela fôsse a árvore da vida. Por outro lado, quando tudo está à nossa frente e ainda por vir, achamos fácil partilhar o que temos e desprezar vantagens ao nosso alcance. O comportamento dos membros do partido Donner, quando estavam cheios de esperança, e mais tarde, quando a esperança se desvaneceu, ilustra a dependência da cooperatividade e do espírito comunitário em relação à esperança. Aqueles que não têm esperança dividem-se e são levados a uma desesperada busca de si mesmos. O sofrimento comum por si só, quando não unido à esperança, não faz a união nem provoca a mútua generosidade. Moisés teve de dar a esperança da terra prometida antes de poder unir o seu povo. As trinta mil pessoas desesperançadas no campo de concentração de Buchenwald não desenvolveram qualquer forma de ação unida, nem manifestaram qualquer disposição para o auto-sacrifício. Havia ali mais avareza e egoísmo impiedoso do que na mais avara e mais corrupta das sociedades livres. "Ao invés de estudar a maneira como poderiam melhor ajudar-se uns aos outros, êles usavam todo o seu engenho para dominar e oprimir uns aos outros."

## 50

A glorificação do passado pode servir de meio para diminuir o presente. Mas, a menos que seja acompanhada de grandes esperanças do futuro, uma visão exagerada do passado resulta numa atitude de cautela e não na destemida agressividade de um movimento de massa. Por outro lado, não existe mais poderoso meio de atrofiar o presente do que vê-lo simplesmente como elo entre um passado glorioso e um futuro também glorioso. Assim, embora a princípio o movimento de massa volte as costas ao passado, oportunamente desenvolve uma viva consciência, por vêzes especiosa, de um passado distante e glorioso. Os movimentos religiosos voltam ao dia da criação; as revoluções sociais falam de uma idade de ouro em que os homens eram livres, iguais e independentes.

tes; os movimentos nacionalistas revivem ou inventam recordações de passada grandeza. Essa preocupação com o passado deriva não só do desejo de demonstrar a legitimidade do movimento e a ilegitimidade da velha ordem de coisas, mas também de mostrar o presente como simples interlúdio entre o passado e o futuro.<sup>3</sup>

Uma consciência histórica também empresta um sentido de continuidade. Possuído de uma viva visão do passado e do futuro, o crente da verdade vê-se como parte de algo que se estende infinitamente para trás e para a frente — algo eterno. Pode se desprender do presente (e de sua própria vida) não apenas por ser uma coisa ínfima, à qual não vale a pena apegar-se, mas também porque não é o começo e o fim de todas as coisas. Além do mais, uma viva consciência do passado e do futuro rouba ao presente a sua realidade. Torna o presente uma parte de uma procissão ou parada. Os seguidores do movimento de massa vêem-se em marcha com tambores rufando e cores esvoaçando. São participantes de um emocionante drama desempenhado perante uma vasta platéia as gerações passadas e as gerações que virão. Fazem-nos sentir que não são seus eus reais, e sim atores representando um papel, e seus atos um “desempenho” mais do que uma coisa real. Ao morrerem, também, eles veem-no como um gesto, um ato de ilusionismo.

## 51

Uma atitude depreciativa para com o presente oferece a capacidade de prognóstico. Os bem ajustados dão péssimos profetas. Por outro lado, os que estão em guerra com o presente têm um olho clínico para as sementes da reforma e as potencialidades de pequenos começos.

Uma existência agradável torna-nos cegos para as possibilidades de uma mudança drástica. Agarramo-nos ao que chamamos nosso bom senso, nosso ponto de vista prático. Na verdade, são apenas nomes para uma absorvente familiaridade com as coisas tais como elas são. A tangibilidade de uma existência agradável e segura é tal que torna as outras realidades, embora iminentes, vagas e visionárias. Assim, acontece que quando chega a hora, as pessoas práticas é que são

tomadas de surpresa e ficam parecendo visionários que se agarram a coisas que não existem.

Por outro lado, aqueles que rejeitam o presente e fixam os olhos e o coração nas coisas futuras possuem a faculdade de pressentir o embrião do perigo ou desvantagem futuros na maturidade de sua época. Assim, o indivíduo frustrado e o crente convicto são melhores em prognósticos do que aqueles que têm razões para desejar a manutenção do *status quo*. "Muitas vezes são os fanáticos, e nem sempre os espíritos delicados, que percebem o fio certo das soluções exigidas pelo futuro."<sup>4</sup>

## 52

É interessante comparar aqui as atitudes em relação ao presente, futuro e passado demonstradas pelos conservadores, liberais, céticos, radicais e reacionários.

Os conservadores duvidam que o presente possa ser melhorado, tentam moldar o futuro à imagem do presente. Recorrem ao passado para se reassegurarem do presente: "Eu queria o senso de continuidade, a certeza de que nossos transtornos contemporâneos eram endêmicos na natureza humana, de que nossos novos caprichos eram heresias muito antigas, de que as coisas amadas ora ameaçadas haviam oscilado não menos fortemente no passado."<sup>5</sup> Na verdade, como o cético se parece com o conservador! "Existe alguma coisa da qual se possa dizer: vêde, isto é nôvo? Tudo que há diante de nós já existiu no passado."<sup>6</sup> Para o cético o presente é a soma de tudo o que foi e que será. "As coisas que foram, são as que serão; e o que foi feito é o que será feito; e não há nada de nôvo sob o sol."<sup>7</sup> O liberal vê o presente como legítimo rebento do passado, constantemente crescendo e desenvolvendo-se para um futuro melhor; prejudicar o presente é atrofiar o futuro. Todos três veneram o presente, e, como é de esperar, não encaram de boa vontade a idéia de auto-sacrifício. Sua atitude para com o auto-sacrifício é melhor expressa pelo cético: "Pois um cão vivo é melhor do que um leão morto. Pois o vivo sabe que morrerá; mas o morto não sabe coisa alguma... nem possui mais qualquer porção de qualquer coisa que exista sob o sol."<sup>8</sup>

O radical e o reacionário detestam o presente. Vêm-no como uma aberração e uma deformidade. Ambos estão prontos a agir ousada e atrevidamente com o presente, e ambos acatam a idéia de auto-sacrifício. Onde é que diferem? Principalmente em sua visão da maleabilidade da natureza humana. O radical tem uma fé apaixonada na infinita perfeição da natureza humana. Acredita que mudando o meio onde vive o homem e aperfeiçoando uma técnica de formação de alma, pode-se criar uma sociedade nova e sem precedentes. O reacionário não acredita que o homem tenha espantosas potencialidades de bem. Para estabelecer-se uma sociedade estável e saudável, deve-se adotar padrões conforme os modelos comprovados do passado. O reacionário vê o futuro como uma gloriosa restauração, não como uma inovação sem precedentes.

Na realidade a linha divisória entre o radical e o reacionário nem sempre é distinta. O reacionário manifesta radicalismo quando chega a re-criar seu passado ideal. Sua imagem do passado é baseada mais no que ele deseja que o futuro seja do que no que realmente o passado era. Ele mais inova do que reconstrói. Mudança semelhante ocorre no caso do radical quando vai construir seu novo mundo. Ele sente necessidade de orientação prática, e como rejeitou e destruiu o presente é impellido a ligar o novo mundo com algum ponto do passado. Se tiver que empregar violência para moldar o novo, sua visão da natureza humana se torna sombria e aproxima-se da do reacionário.

A mistura do radical e do reacionário é mais evidente nos que se dedicam a um reavivamento nacionalista. Os seguidores de Gandhi na Índia, e os Sionistas na Palestina, reviveram um passado glorificado e simultaneamente criaram uma Utopia sem precedentes. Os profetas também eram um misto de reacionários e radicais. Pregavam o retorno à fé antiga e também visualizavam um novo mundo e uma nova vida.

É evidente que a atitude depreciativa dos movimentos de massa para com o presente secunda as inclinações dos frustrados. O que nos surpreende, quando ouvimos os frustrados



desprezando o presente e tôdas as suas obras, é a imensa alegria que êles têm ao fazê-lo. Tal euforia não pode provir da simples explosão de um recalque. Deve haver alguma coisa mais — e há. Vituperando sôbre a incurável baixeza e vileza da época, os frustrados suavizam seu sentimento de fracasso e isolamento. É como se dissessem: “Não apenas nossos conspurcados egos, mas a vida de todos os nossos contemporâneos, mesmo os mais felizes e bem sucedidos, são sem valor e desperdiçados.” Assim, depreciando o presente, adquirem um vago sentimento de igualdade.

Também os meios que o movimento de massa utiliza para tornar o presente insuportável (Secção 48) tocam uma corda receptiva nos frustrados. O auto-domínio necessário para superar os apetites dá-lhes uma ilusão de força. Sentem que dominando-se a si mesmos dominaram o mundo. O fato do movimento de massa advogar o impraticável e o impossível também combina com seus gostos. Aqueles que fracassam no cotidiano mostram uma tendência para tentar alcançar o impossível. É um truque para disfarçar suas deficiências. Pois quando fracassamos ao tentar o possível, a culpa é unicamente nossa; mas quando fracassamos ao tentar o impossível, somos justificados se o atribuímos à magnitude da tarefa. Há menos risco de ser desacreditado quando se tenta o impossível do que quando se tenta o possível. Dessa forma, o fracasso nos assuntos cotidianos muitas vêzes alimenta uma audácia extravagante.

Tem-se a impressão de que os frustrados extraem tanta satisfação — senão mais — dos meios que o movimento de massa utiliza quanto dos fins que advoga. O prazer que o frustrado encontra no caos e na queda dos afortunados e prósperos não provém de uma consciência estática de que estão limpando o solo para a cidade celestial. Em seu fanático grito de “tudo ou nada”, a segunda alternativa ecoa talvez um desejo mais ardente do que a primeira.

*“As coisas que não são”*

Uma das regras que emergem da consideração dos fatores que promovem o auto-sacrifício é que somos menos dis-

postos a morrer pelo que temos ou somos do que pelo que desejamos ter e ser. É uma verdade estranha e desagradável que quando os homens já têm "alguma coisa pela qual lutar" não se sentem mais dispostos a lutar. As pessoas que vivem vidas plenas e valiosas não se mostram geralmente dispostas a morrer pelos seus próprios interesses, nem pelo seu país, nem por uma causa sagrada.<sup>9</sup> Almejar, e não possuir, é a mãe da completa dádiva de si mesmo.

As "coisas que não são", sem dúvida, são mais poderosas que as "coisas que são."<sup>10</sup> Em tôdas as épocas os homens lutaram mais desesperadamente por belas cidades ainda por construir e jardins ainda por plantar. "Tudo o que o homem tem êle dará por sua vida."<sup>11</sup> Tudo o que tem — sim. Mas prefere morrer do que ficar sem o que ainda não tem.

É estranho, realmente, que aqueles que apreciam o presente e se apegam a êle com tôdas as forças sejam os menos capazes de defendê-lo. E que, por outro lado, aqueles que desprezam o presente e lavam as mãos por êle tenham tôdas as suas dádivas e tesouros sem pedí-los.

Sonhos, visões e grandes esperanças são armas poderosas e instrumentos reais. A mente prática dos verdadeiros líderes consiste em reconhecer o valor prático desses instrumentos. Contudo, êsse reconhecimento geralmente provém de um desprezo do presente que pode ser atribuído a uma natural inaptidão para os negócios práticos. O homem de negócios bem sucedido é muitas vezes um fracasso como líder, porque sua mente está afinada com "as coisas que são" e seu coração apegado ao que pode ser alcançado "em nosso tempo." O fracasso na direção dos negócios práticos parece ser uma qualificação para o sucesso na direção dos negócios públicos. E talvez seja uma sorte que algumas naturezas orgulhosas, ao sofrerem uma derrota no mundo prático, não se sintam esmagadas e sim repentinamente incendiadas pela convicção aparentemente absurda de que são eminentemente competentes para dirigir a sorte da comunidade e da nação.

Não é completamente absurdo que as pessoas estejam dispostas a morrer por um distintivo, uma bandeira, uma pa-

lavra, uma opinião, um mito, e assim por diante. Pelo contrário, é o que existe de menos razoável dar a vida por algo concreto que vale a pena possuir. Pois certamente a vida é a mais real das coisas reais, e sem ela não pode haver coisas que valha a pena possuir. O auto-sacrifício não pode ser uma manifestação de auto-interesse tangível. Mesmo quando estamos dispostos a morrer para não ser mortos, o impulso de lutar provém menos do auto-interesse do que de intangíveis como tradição, honra (uma palavra) e, acima de tudo, esperança. Quando não há esperança, as pessoas fogem, ou deixam-se matar sem lutar. Apegam-se à vida como num transe. De que outra maneira explicar o fato de milhões de europeus deixarem-se levar para campos de exterminação e câmaras de gás, sabendo fora de dúvida que estavam sendo levadas para a morte? Não era dos menores entre os formidáveis poderes de Hitler o de saber como exaurir seus adversários (pelo menos na Europa continental) de toda esperança. Sua fanática convicção de estar construindo uma nova ordem que duraria mil anos comunicara-se tanto aos seus seguidores como aos seus antagonistas. Para os primeiros dava a sensação de que lutando pelo Terceiro Reich estavam em aliança com a eternidade, enquanto os últimos sentiam que lutar contra a nova ordem de Hitler era desafiar um destino inexorável.

É interessante notar que os judeus que se submeteram ao extermínio na Europa de Hitler lutaram destemidamente quando se transferiram para a Palestina. E embora se diga que eles lutaram na Palestina porque não tinham outra escolha — precisavam lutar ou ter a garganta cortada pelos árabes — a verdade é que sua ousadia e destemida disposição para o auto-sacrifício provinha não do desespero mas de sua ardente preocupação com o renascimento de uma antiga terra e de um antigo povo. Sem dúvida, lutavam por cidades a serem construídas e jardins a serem plantados.

### *Doutrina*

### 56

A disposição para o auto-sacrifício é contingente da impermeabilidade às realidades da vida. Aquêlê que é livre para tirar conclusões de sua experiência e observação individual

não é em geral favorável à idéia de martírio. Pois o auto-sacrifício é um ato irracional. Não pode ser o produto final de um processo de experimentação e deliberação. Todos os movimentos de massa ativos esforçam-se, portanto, para interpor um véu de fatos comprovados entre os fiéis e as realidades do mundo. Fazem-no proclamando que a última e absoluta verdade já está incorporada em sua doutrina e que não há verdade nem certeza fora dela. Os fatos em que o crente convicto baseia suas conclusões não devem derivar de sua experiência ou observação, mas do dogma sagrado. "Devemos apegar-nos tão tenazmente ao mundo revelado pelo Evangelho, que se eu visse todos os Anjos do Paraíso descendo para dizer-me algo diferente, não só não seria tentado a duvidar de uma única sílaba, como fecharia meus olhos e taparia meus ouvidos, pois eles não mereceriam ser vistos ou ouvidos."<sup>12</sup> Confiar na evidência dos sentidos e da razão é heresia e traição. É espantoso verificar quanta descrença é necessária para tornar a crença possível. O que conhecemos como fé cega é sustentado por inúmeras descrenças. Os fanáticos japoneses no Brasil recusaram-se durante anos a crer na evidência da derrota do Japão. Os fanáticos comunistas recusavam-se a crer em qualquer relatório desfavorável ou provas sobre a Rússia, nem se desiludiam vendo com seus próprios olhos a cruel miséria dentro da terra prometida dos soviéticos.

A capacidade do crente convicto de "fechar os olhos e tapar os ouvidos aos fatos que não merecem ser vistos ou ouvidos é a fonte de sua inigualável fortaleza e constância. Ele não pode ser assustado pelo perigo nem desencorajado pelo obstáculo ou perturbado por contradições, porque nega sua existência. A força da fé, salienta Bergson, manifesta-se não em mover montanhas mas em não ver as montanhas a serem movidas."<sup>13</sup> A certeza de sua infalível doutrina é que torna o crente convicto impermeável às incertezas, surpresas e desagradáveis realidades do mundo à sua volta.

Portanto, a eficácia de uma doutrina não deve ser julgada por sua profundidade, sublimidade ou validade das verdades que encarna, mas pela medida com que isola o indivíduo do seu ego e do mundo tal como é. O que Pascal disse de uma religião efetiva se aplica a qualquer doutrina efetiva: ela deve ser "contrária à natureza, ao bom senso e ao prazer."<sup>14</sup>

A eficácia de uma doutrina não provém de seu significado, mas de sua certeza. Nenhuma doutrina, por mais profunda e sublime que seja, será efetiva a menos que seja apresentada como corporificação de uma única verdade. Deve ser a palavra pela qual tôdas as coisas existem e tôdas as coisas falam.<sup>15</sup> Os mais crus absurdos, a mais trivial insensatez e as mais sublimes verdades são igualmente poderosos para dispor as pessoas ao auto-sacrifício, se fôrem aceitas como a única e eterna verdade.

É óbvio, portanto, que a fim de ser efetiva uma doutrina não deve ser compreendida, e sim acreditada. Podemos estar absolutamente certos apenas das coisas que não compreendemos. Uma doutrina que é compreendida é desprovida de sua força. Uma vez que compreendemos uma coisa, é como se ela se tivesse originado em nós. E, é claro, aqueles a quem se pede que renunciem ao ego e o sacrifiquem não podem ver eterna certeza em nada que tenha origem nêsse ego. O fato de compreenderem completamente uma coisa prejudica a sua validade e certeza a seus olhos.

Os devotos são sempre levados a buscar a verdade absoluta com o coração e não com a razão. "O coração é que tem consciência de Deus, não a razão."<sup>16</sup> Rudolph Hess, ao fazer juramento no partido nazista em 1934, exortou seus ouvintes: "Não procurem Adolph Hitler com seus cérebros; todos vocês o acharão com a força de seus corações."<sup>17</sup> Quando um movimento começa a racionalizar sua doutrina e torná-la inteligível, é sinal de que sua expansão dinâmica terminou; que está principalmente interessado na estabilidade. Pois, como mostraremos mais adiante (Secção 106), a estabilidade de um regime requer a aliança dos intelectuais, e é mais para conquistá-los do que para impingir o auto-sacrifício às massas que a doutrina é tornada inteligível.

Se a doutrina não fôr ininteligível, terá que ser vaga; e se não fôr nem ininteligível nem vaga, terá que ser inverificável. É preciso ir para o céu ou para um futuro distante para determinar a verdade de uma doutrina vigente. Quando alguma parte da doutrina é relativamente simples, há uma tendência dos fiéis para complicá-la e torná-la obscura. As pa-

lavras simples são pejadas de significado, e fazem-nas parecer símbolos de uma mensagem secreta. Assim, há um certo ar analfabeto mesmo entre os mais cultos crentes da verdade. Parecem usar as palavras como se ignorassem seu verdadeiro significado. Daí, também, seu gosto pelos sofismas, pelas sutilezas e pelas tortuosidades escolásticas.

58

Estar de posse de uma verdade absoluta é estender a rede da familiaridade sobre toda a eternidade. Não existem surpresas ou incógnitas. Todas as perguntas foram respondidas, todas as decisões tomadas, todas as eventualidades previstas. O crente convicto não tem dúvidas e hesitações. "Quem conhece Jesus conhece a razão de todas as coisas."<sup>18</sup> A verdadeira doutrina é a chave-mestra para todos os problemas do mundo. Com ela o mundo pode ser desmontado e montado novamente. A história oficial do Partido Comunista afirma: "O poder da teoria marxista-leninista reside no fato que permite ao Partido encontrar a orientação certa em qualquer situação, compreender a relação interna dos acontecimentos presentes, prever o seu curso, e perceber não como mas em que direção irão desenvolver-se no futuro."<sup>19</sup> O crente convicto é estimulado a tentar o inédito e o impossível não apenas porque lhe dá inigualável confiança no futuro. (Vide Seção 4).

Um movimento de massa ativo rejeita o presente e centraliza seu interesse no futuro. É dessa atitude que provém sua força, pois pode proceder ousadamente com o presente — com a saúde, riqueza e vida de seus seguidores. Mas precisa agir como se já tivesse lido o livro do futuro até a última palavra. Sua doutrina é proclamada como uma chave para esse livro.

59

Serão os frustrados mais facilmente doutrináveis do que os não frustrados? Serão mais crédulos? Pascal era de opinião que "aquele que odeia a si mesmo está condicionado para compreender a sagrada sabedoria."<sup>20</sup> Aparentemente existe algu-

ma relação entre a insatisfação consigo mesmo e a tendência à credulidade. O impulso de escapar ao ego real é também um impulso para escapar ao racional e à evidência. A recusa de ver-nos tais como somos desenvolve um certo desagrado pelos fatos e pela lógica fria. Para o frustrado não há esperança no real e no possível. A salvação só pode vir do miraculoso, que extravasa através da rachadura na parede de aço da inexorável realidade. Ele quer ser iludido. O que Stresemann disse dos alemães aplica-se aos frustrados em geral: "(Eles) rezam não só pelo pão de cada dia, mas também pela ilusão de cada dia."<sup>21</sup> A regra parece ser que aqueles que não acham dificuldade em iludir-se a si próprios são facilmente iludidos por outros. São facilmente persuadidos e levados.

Uma face peculiar da credulidade é que muitas vezes é acompanhada de uma tendência à impostura. A associação de crer e mentir não é característica apenas das crianças. A incapacidade ou recusa de ver as coisas como elas são promove a credulidade e o charlatanismo.

### *Fanatismo*

60

Sugerimos na Secção 1 que os movimentos de massa são às vezes necessários para a realização de mudanças drásticas e abruptas. Parece estranho que mesmo as mudanças práticas e desejáveis, tais como a renovação de sociedades estagnadas, exijam para sua realização uma atmosfera de paixão intensa e tenham de ser acompanhadas dos erros e loucuras de um movimento de massa. É menos surpreendente quando compreendemos que a principal preocupação de um movimento de massa ativo é instilar em seus seguidores a propensão para ação unida e auto-sacrifício, e que consegue essa propensão eliminando de cada entidade humana sua distinção e autonomia e transformando-a numa partícula anônima sem vontade e sem julgamento próprio. O resultado é não apenas uma massa compacta e destemida de seguidores, mas também uma massa plástica, homogênea, que pode ser manejada à vontade. A plasticidade humana necessária à rea-

lização de mudanças drásticas e repentinas parece, portanto, ser um subproduto do processo de unificação e da criação de uma disposição ao auto-sacrifício.

O ponto importante é que o afastamento do ego, que é uma pré-condição para a plasticidade e a conversão, quase sempre age numa atmosfera de intensa paixão. Pois o despertar da paixão é não apenas um meio eficaz de perturbar um equilíbrio estabelecido como também o inevitável subproduto dessa perturbação. A paixão é libertada mesmo quando o afastamento do ego é feito pelos meios menos emocionais. Apenas o indivíduo que alcançou a harmonia com o seu próprio ego pode ter uma atitude desapaixonada para com o mundo. Uma vez perturbada a harmonia com o próprio ego, o homem é impelido a rejeitar, renunciar, esquecer ou desconfiar d'ele, transformando-se numa entidade altamente reacionária. Como um radical químico instável, anseia por combinar com qualquer coisa que lhe chegue ao alcance. Não pode ficar isolado, confiante e auto-suficiente, precisa apegar-se acirradamente a um ou a outro lado.

Fomentando e estimulando paixões violentas no coração de seus seguidores, os movimentos de massa impedem o estabelecimento e um equilíbrio interior. Empregam também meios diretos para efetuar o afastamento do eu. Descrevem a existência autônoma e auto-suficiente como algo estéril e sem significado, e também depravado e mau. O homem que existe por si mesmo é uma criatura desamparada, miserável e pecadora. Sua salvação é rejeitar o seu ego e encontrar uma nova vida no seio de um sagrado corpo coletivo — seja uma igreja, uma nação ou um partido. E essa vilipendiação do ego, por sua vez, mantém a paixão em alta temperatura.

## 61

O fanático está perpétuamente incompleto e inseguro. Não pode gerar auto-confiança fora de seus recursos individuais — mas encontra-se apenas agarrando-se apaixonadamente a qualquer apoio que encontre. Esse apêgo apaixonado é a essência de sua cega devoção e religiosidade, e ele considera-o como a fonte de toda a virtude e toda a força. Embora sua dedicação absoluta seja um apêgo à vida, facilmente



te se vê como sustentador e defensor da causa sagrada à qual se aferra, e está pronto a sacrificar sua vida para demonstrar a si mesmo e aos outros que êsse é o seu papel. Sacrifica sua vida para provar seu valor.

Nem é preciso dizer que o fanático está convencido de que a causa que advoga é monolítica e eterna — a rocha milenar. Mesmo assim, seu senso de segurança provém do seu apêgo apaixonado e não da excelência de sua causa. O fanático não é realmente um homem aferrado a princípios. Abraça uma causa não exatamente por causa de sua justiça e santidade, mas por causa de sua desesperada necessidade de apegar-se a alguma coisa. Muitas vezes, mesmo, é a sua necessidade de apêgo desesperado que transforma qualquer causa que abraça numa causa sagrada.

O fanático não pode ser afastado de sua causa pelo apêlo à razão ou ao senso moral. Teme o compromisso e não pode ser persuadido a qualificar a correção e certeza de sua causa sagrada, mas não encontra dificuldade em mudar súbita e entusiasticamente de uma para outra causa sagrada. Não pode ser convencido, apenas convertido. Seu apêgo apaixonado é mais vital do que a qualidade da causa à qual se apegou.

## 62

Embora pareçam estar em polos opostos, os fanáticos de todos os tipos estão realmente aglomerados do mesmo lado. O fanático e o moderado é que estão em polos opostos e nunca se encontram. Os fanáticos de várias côres vêem-se uns aos outros com suspeita e estão sempre prontos a saltar à garganta do outro. Mas são vizinhos e pertencem quase a uma só família. Odeiam-se uns aos outros com ódio de irmãos. Estão tão afastados e tão próximos quanto Saulo e Paulo. É mais fácil um comunista fanático ser convertido ao fascismo, ao chauvinismo ou ao catolicismo do que se transformar num liberal sóbrio.<sup>22</sup>

O oposto do fanático religioso não é o fanático ateu, mas o cínico suave que não se importa se há Deus ou não. O ateu é uma pessoa religiosa. Acredita no ateísmo como se fôsse uma nova religião.<sup>32</sup> É ateu com devoção e unção. Segundo Renan. "No dia em que o mundo não mais acreditar em Deus, os ateus serão os mais desgraçados dos homens."<sup>24</sup> As-

sim, também, o oposto do chauvinista não é o traidor, e sim o cidadão sensato que aprecia o presente e não tem gôsto pelo martírio e pelo gesto heróico. O traidor é geralmente um fanático — radical ou reacionário — que cai sôbre o inimigo a fim de apressar a queda de um mundo que detesta. A maior parte dos traidores da Segunda Guerra Mundial veio da extrema direita. “Parece haver uma linha muito estreita entre a traição e o nacionalismo extremo, e violento”.

O parestesco entre o reacionário e o radical foi analisado na Secção 52. Todos nós que vivemos a era de Hitler sabemos que o reacionário e o radical têm mais em comum entre eles do que qualquer dêles tem com o liberal ou o conservador.

### 63

É de duvidar-se que o fanático que deserta de sua causa sagrada ou fica súbitamente sem ela possa ajustar-se a uma existência individual autônoma. Continua sendo um tomador de carona nas estradas do mundo, engajando-se em qualquer causa eterna que por ali passe. Uma existência individual, mesmo quando tenha objetivo, parece-lhe trivial, inútil e pecadora. Viver sem uma dedicação ardente é viver à deriva e abandonado. Ele vê na tolerância um sinal de fraqueza, futilidade e ignorância. Anseia pela profunda segurança que advém da total rendição — do integral apêgo a um credo ou causa. O que lhe importa não é o conteúdo da causa mas a total dedicação e a comunhão com a congregação. Está até mesmo pronto a entrar numa cruzada sagrada contra sua anterior causa que também era sagrada, mas deve ser uma autêntica cruzada — inflexível, intolerante, que proclame a única verdade.

Assim, os milhões de ex-fanáticos vencidos da Alemanha e Japão são mais receptivos à pregação do comunismo e do catolicismo militante do que ao ensino da maneira democrática de vida. O maior sucesso da propaganda comunista neste caso não é devido a uma técnica superior, mas à tendência peculiar aos antigos fanáticos alemães e japoneses. Os porta-vozes da democracia não oferecem uma causa sagrada à qual se apeguem e um todo coletivo para se perderem. A Rússia

comunista pode facilmente transformar prisioneiros de guerra japoneses em comunistas fanáticos, enquanto que nenhuma propaganda norte-americana, por mais sutil e perfeita que seja, pode transformá-los em democratas amantes da liberdade.

### *Movimentos de Massa e Forças Armadas*

#### 64

Neste ponto, antes de deixarmos o assunto de auto-sacrifício, é conveniente darmos uma olhada nas semelhanças e diferenças entre os movimentos de massa e as forças armadas — problema que já foi abordado nas Secções 35 e 47.

As semelhanças são muitas: tanto os movimentos de massa como as forças armadas são corpos coletivos; ambos tiram ao indivíduo a sua distinção e entidade separada; ambos exigem auto-sacrifício, obediência cega e dedicação absoluta; ambos fazem extenso uso da ilusão para promover a ousadia e a ação conjunta (vide Secção 47) e ambos podem servir de refúgio aos frustrados que não podem suportar uma existência autônoma. Um corpo militar como a Legião Estrangeira atrai muitos tipos que geralmente acorrem a juntar-se a um novo movimento. E é igualmente verdadeiro que o recruta e o agitador comunista muitas vezes pescam simultaneamente nas águas turvas da desordem.

Mas as diferenças são fundamentais: o exército não preenche a necessidade de uma nova maneira de vida; não é uma estrada da salvação. Pode ser usado como um bastão nas mãos de um ditador para impor uma nova maneira de vida e forçar os outros a engulí-lo. Mas as forças armadas são principalmente um instrumento para a preservação ou expansão de uma ordem estabelecida — velha ou nova. É um instrumento temporário que pode ser montado e desmontado à vontade. O movimento de massa, pelo contrário, parece ser um instrumento de eternidade, e aqueles que o adotam fazem-no para toda a vida. O ex-soldado é um veterano, um herói até; o ex-crente convicto é um renegado. O exército é um instrumento para fomentar, proteger e ampliar o presente. O movimento de massa vem para destruir o presente. Sua preocupação é com o futuro, e dessa preocupação extrai seu vigor

e seu impulso. Quando um movimento de massa começa a se preocupar com o presente isso quer dizer que ele já se firmou. Deixa então de ser um movimento e torna-se uma organização institucional — uma igreja estabelecida, um governo ou um exército (de soldados ou trabalhadores). O exército popular, que é muitas vezes subproduto do movimento de massa, retém muitas das armadilhas do movimento — eloquência pia, *slogans*, símbolos sagrados; mas como qualquer outro exército é unido menos pela fé e entusiasmo do que pelo desapaixonado mecanismo do *esprit de corps* e da coesão. Logo perde o ascetismo e unção de uma congregação sagrada e apresenta o entusiasmo e gosto pelas alegrias do presente, que são as características de todos os exércitos.

Sendo um instrumento do presente, o exército trata principalmente do possível. Seus líderes não confiam em milagres. Mesmo quando animados por uma fé ardente, são abertos à transigência. Enfrentam a possibilidade de derrota e sabem render-se. O líder do movimento de massa, pelo contrário, tem um absoluto desprezo pelo presente — por todos os seus teimosos fatos e perplexidades, mesmo os de geografia e clima. Confia em milagres. Seu ódio pelo presente (seu niilismo) vem à tona quando a situação se torna desesperada. Prefere destruir sua pátria e seu povo a render-se.

O espírito de auto-sacrifício dentro das forças armadas é fomentado pela devoção ao dever, pela ilusão, *esprit-de-corps*, fé num líder, esportividade, espírito de aventura e desejo de glória. Esses fatores, ao contrário dos empregados pelo movimento de massa, não provêm da depreciação do presente e da revolta contra um ego indesejável. Podem desenvolver-se, portanto, numa atmosfera sóbria. O soldado fanático é geralmente um fanático transformado em soldado e não o contrário. O espírito de auto-sacrifício do exército está expresso nobremente nas palavras que Sarpedon disse a Glauco ao atacarem as muralhas gregas: "Ó meu amigo, se nós, deixando esta guerra, pudéssemos fugir à idade e à morte, eu não estaria aqui lutando; mas agora, como são muitos os modos de morte pendentes sobre nós, aos quais nenhum homem pode escapar, vamos agir e dar fama a outros homens ou conquistá-la para nós mesmos."<sup>26</sup>

A diferença mais notável entre os movimentos de massa e as forças armadas é a sua atitude para com a multidão e a população. Observa De Tocqueville que os soldados são "os homens que mais facilmente perdem a cabeça, e que geralmente se mostram mais fracos nos dias de revolução."<sup>27</sup> Para o general típico, a massa é algo em que o seu exército se transformaria se tivesse que separar-se. Ele tem mais consciência da inconstância da massa e de sua disposição para a anarquia do que de sua tendência para o auto-sacrifício. Considera-a mais o venenoso subproduto de um corpo coletivo em desintegração do que a matéria-prima de um novo mundo. Sua atitude é um mixto de receio e desprezo. Ele sabe como suprimir a massa mas não como conquistá-la. O líder do movimento de massa, pelo contrário — de Moisés a Hitler — tira sua inspiração do mar de rostos levantados, e o rugido das massas é como a voz de Deus em seus ouvidos. Ele vê uma força irresistível ao seu alcance — uma força que só ele pode domar. E com essa força ele varre impérios e exércitos e todo o poderoso presente. O rosto da massa é como "o rosto das profundezas", de onde, como Deus no dia da criação, ele extrairá um novo mundo.

---

AGENTES DE UNIÃO

## Ódio

65

O ódio é o mais acessível e amplo agente de união. Impulsa e força o indivíduo para fora de seu ego, torna-o esquecido do seu futuro, livra-o de ciúmes e da auto-procura. Ele se torna uma partícula anônima que estremece de anseio por fundir-se e misturar-se com seus iguais numa só massa chamejante. Heine sugere que aquilo que o amor Cristão não pode fazer é realizado por um ódio comum.<sup>1</sup>

Os movimentos de massa podem surgir e difundir-se sem a crença em Deus, mas nunca sem a crença no diabo. Geralmente a força do movimento de massa é proporcional à vividez e tangibilidade de seu diabo. Quando perguntaram a Hitler se achava que o judeu devia ser destruído ele respondeu: "Nunca... Senão teríamos que inventá-lo. É essencial ter um inimigo concreto, não apenas um inimigo abstrato."<sup>2</sup> F. A. Voigt conta de uma missão japonesa que chegou a Berlim em 1932 para estudar o movimento nacional-socialista, quando ele perguntou a um membro da missão o que achava do movimento. A resposta foi: "É magnífico. Gostaria que tivéssemos algo parecido no Japão, mas não podemos, pois

não temos nenhum judeu.”<sup>3</sup> Talvez seja verdade que a visão e astúcia dos homens que sabem como pôr em ação um movimento de massa, ou como mantê-lo em ação, manifestam-se tanto em saber como escolher um inimigo valioso como em saber qual a doutrina a abraçar e qual o programa a adotar. Os teóricos do Kremlin mal esperaram que os canhões da Segunda Guerra Mundial esfriassem para escolherem o Ocidente democrático, especialmente os Estados Unidos, como seu inimigo dileto. É de duvidar que qualquer gesto de boa vontade ou qualquer concessão de nossa parte reduza o volume e o veneno da vilipendiação emanada do Kremlin contra nós.

Uma das mais sérias deficiências de Chiang Kai Shek foi não ter encontrado um nôvo diabo apropriado, depois que os japoneses saíram de cena no fim da guerra. O General, ambicioso mas de mentalidade simples, era talvez convencido demais para compreender que não era ele, e sim o diabo japonês, que gerava o entusiasmo, a unidade e a disposição de auto-sacrifício das massas chinesas.

66

O ódio comum une os mais heterogêneos elementos Partilhar de um ódio comum, mesmo com um inimigo, é contagiá-lo com um sentimento de afinidade, e assim solapar seu poder de resistência. Hitler usou o anti-semitismo não só para unir os alemães como também para solapar a resolução anti-semita da Polônia, Rumênia, Hungria, e finalmente até a França. Fêz uso do anti-comunismo de maneira semelhante.

67

Parece que, tal como a deidade ideal, o diabo ideal é um só. Temos a opinião de Hitler — a maior autoridade em diabos — de que o gênio de um grande líder consiste em concentrar todo o ódio num único fim, fazendo com que “até adversários distantes um do outro pareçam pertencer a uma única categoria.”<sup>4</sup> Quando Hitler escolheu o judeu para seu diabo, denunciou praticamente todo o mundo da Alemanha como judeus ou pessoas que trabalhavam para eles. “Atrás da Inglaterra está Israel, e atrás da França, e atrás dos Es-

tados Unidos.”<sup>5</sup> Stalin também adere ao princípio monoteísta ao escolher um diabo. Anteriormente seu diabo era o fascista; agora é o plutocrata norte-americano. (\*)

Também como a deidade ideal, o diabo ideal é onipotente e onipresente. Ao perguntarem a Hitler se não estaria atribuindo demasiada importância aos judeus, ele respondeu: “Não, não, não!... É impossível exagerar a formidável qualidade do judeu como inimigo.”<sup>6</sup> Toda dificuldade e fracasso dentro do movimento é trabalho do diabo, e todo sucesso é um triunfo sobre seu plano diabólico.<sup>7</sup>

Finalmente, ao que parece, o diabo ideal é o estrangeiro. Para ser qualificado como diabo, o inimigo nacional deve ter algum ancestral estrangeiro. Hitler achou fácil rotular os judeus alemães de estrangeiros. Os agitadores revolucionários russos salientaram a origem estrangeira (Varíngia, Tártara, Ocidental) da aristocracia russa.<sup>8</sup> Na Revolução Francesa os aristocratas eram vistos como “descendentes dos bárbaros germânicos, enquanto os franceses comuns eram descendentes de gálicos e romanos civilizados.”<sup>9</sup> Na Revolução Puritana, os monarquistas “eram rotulados de normandos, descendentes de um grupo de invasores estrangeiros.”<sup>10</sup>

## 68

Quando amamos, geralmente não buscamos aliados. Sem dúvida, muitas vezes até olhamos como rivais e usurpadores aqueles que também amam como nós. Mas quando odiamos sempre buscamos aliados.

É compreensível que procuremos outros para ficarem do nosso lado quando temos uma mágoa justa e ansiamos por vingar-nos daqueles que nos prejudicaram. O que é de estranhar é que o desejo de ter aliados se torne mais premente, quando o nosso ódio não provém de um mágoa visível e não parece justificado. São principalmente os ódios desarrazoados que nos levam a unir-nos aos que odeiam como nós, e é essa espécie de ódio que constitui um dos mais eficientes agentes catalizadores.

\* Este livro foi escrito em 1951 quando Stálin ainda estava no auge do poder. N. T.



De onde vêm esses ódios desarrazoados e por que o seu efeito unificador? Eles são a expressão de um desesperado esforço para suprimir a consciência de nosso desajustamento, desvalor, culpa e outras deficiências do ego. O desprezo de si próprio é então transmutado em ódio aos outros — e há um esforço determinado e persistente para mascarar essa mudança. Evidentemente, a maneira mais eficaz de fazê-la é encontrar outros no maior número possível, que odeiem como nós. Aqui, mais do que em qualquer outro ponto, precisamos do consentimento geral, e parte do nosso proselitismo consiste talvez em contagiar outros não com a nossa espécie de fé, mas com a nossa marca particular de ódio desarrazoado.

Mesmo no caso de uma justa mágoa, nosso ódio provém menos de um erro contra nós do que de uma consciência de nossa inutilidade, desajustamento e covardia — em outras palavras, do auto-desprezo. Quando nos sentimos superiores aos nossos algozes, tendemos a desprezá-los, até mesmo a ter piedade deles, mas não a odiá-los.<sup>11</sup> Que a relação entre a mágoa e o ódio não é simples nem direta verifica-se também pelo fato de que o ódio exarado nem sempre é dirigido contra aqueles que nos prejudicaram. Muitas vezes, quando alguma pessoa nos prejudica, voltamos nosso ódio contra uma pessoa ou grupo totalmente não relacionado. Os russos, perseguidos pela polícia secreta de Stalin, são facilmente inflamados contra “os pregadores de guerra capitalistas”; os alemães, agravados pelo tratado de Versalhes, vingaram-se exterminando os judeus; os zulus, oprimidos pelos boers, massacraram os hindus; a escória branca, explorada pelos sulistas pró-ros, lincha os negros.

O auto-desprezo produz no homem “as mais injustas e criminosas paixões imagináveis, pois ele concebe um ódio mortal contra a verdade que o inculpa e o convence de seus erros.”<sup>12</sup>

A íntima associação entre o ódio e uma consciência culpada mostra que ele se deriva mais do desprezo próprio do que de uma mágoa legítima.

Não existe talvez maneira mais segura de contagiar-nos com ódio virulento por uma pessoa do que fazendo-lhe uma grave injustiça. Que os outros tenham uma justa mágoa contra nós é uma razão mais poderosa para odiá-los do que têrmos uma justa mágoa contra êles. Não tornamos as pessoas humildes e plácidas quando lhes mostramos provável que agitemos sua arrogância e despertemos nelas uma ousada agressividade. O farisaísmo é uma algazarra erguida para abafar a voz da culpa dentro de nós.

Há uma consciência culpada por trás de cada palavra e ato violento e por trás de cada manifestação de farisaísmo.

70

Inculpar aquêles que odiamos é adicionar mais combustível ao nosso ódio. Contrariamente, tratar um inimigo com magnanidade é abafar o nosso ódio por êle.

71

A maneira mais eficaz de silenciar nossa consciência culpada é convencer-nos a nós mesmos e aos outros de que as pessoas contra quem pecamos são criaturas depravadas, que merecem tôdas as punições, até mesmo o extermínio. Não podemos ter piedade daqueles que prejudicamos, nem podemos ser indiferentes para com êles. Precisamos odiá-los e perseguí-los ou então deixar a porta aberta ao desprezo próprio.

72

Uma religião sublime inevitavelmente gera um forte sentimento de culpa. Há um inevitável contraste entre a perfeição da profissão de fé e a imperfeição da prática. E, como seria de esperar, o sentimento de culpa promove o ódio e a violência. Portanto, parece que quanto mais sublime a fé, mais virulento é o ódio que gera.

73

É mais fácil odiar um inimigo com muitas qualidades do que um inimigo que nada tem de bom. Não podemos odiar

aqueles que desprezamos. Os japoneses tinham uma vantagem sobre nós: é que nos admiravam mais do que nós a eles. Podiam odiar-nos mais fervorosamente do que nós a eles. Os norte-americanos são pobres em ódio, nos assuntos internacionais, em virtude do seu senso inato de superioridade sobre todos os estrangeiros. O ódio de um norte-americano por um conterrâneo (por Hoover ou Roosevelt, por exemplo) é muito mais virulento do que qualquer antipatia que ele possa ter contra um estrangeiro. É interessante notar que o Sul menos desenvolvido demonstra maior xenofobia do que o resto do país. Se os norte-americanos começarem a odiar os estrangeiros de todo o coração, isso será uma indicação de que perderam a confiança em sua própria maneira de vida.

A corrente subterrânea de admiração contida no ódio manifesta-se na inclinação para imitar aqueles que odiamos. Assim, todo movimento de massa amolda-se segundo seu diabo específico. O Cristianismo em seu apogeu idealizou a imagem do anti-Cristo. Os jacobinos praticaram todos os males da tirania contra a qual se haviam sublevado. A Rússia soviética está realizando o exemplo mais puro e colossal de capitalismo monopolista. Hitler tomou os protocolos dos Homens Sábios de Sion para seu guia e manual; seguiu-os "até nos menores detalhes."<sup>13</sup>

É surpreendente verificar como os oprimidos quase invariavelmente se amoldam à imagem de seus opressores odiados. O fato da obra dos homens maus viver depois deles é devido em parte a que os homens que possuem razões para mais odiar o mal quase sempre se amoldam a ele e assim o perpetuam. É evidente, portanto, que a influência do fanático está longe de ser em proporção às suas capacidades. Pela conversão e pelo antagonismo, ele conforma o mundo à sua própria imagem. O Cristianismo fanático após a sua marca no mundo antigo, tanto conquistando adeptos como provocando em seus adversários pagãos um estranho fervor e uma nova agressividade. Hitler impôs-se ao mundo tanto promovendo o nazismo como forçando as democracias a tornarem-se zelosas, intolerantes e agressivas. A Rússia comunista amolda a imagem de seus adeptos e de seus oponentes à sua própria imagem.

Assim, embora o ódio seja um instrumento conveniente para mobilizar uma comunidade para a defesa, isso, a longo prazo, não se faz sem um alto preço. Pagamo-lo perdendo todos ou muitos dos valores que nos propusemos defender.

Hitler, que sentia a corrente subterrânea de admiração existente no ódio, tirou uma conclusão notável. É da maior importância, disse ele, que o nacional-socialista busque e mereça o ódio violento de seus inimigos. Esse ódio seria a prova da superioridade da fé nacional-socialista. "A melhor medida de sua atitude (do nacional-socialista), para sinceridade de sua convicção, e para força de sua vontade, é a hostilidade que ele recebe do . . . inimigo."<sup>14</sup>

## 74

Ao que parece, quando somos oprimidos pelo conhecimento da nossa desvalia não nos vemos como inferiores a uns e superiores a outros, e sim inferiores aos mais inferiores da humanidade. Então odiamos todo mundo, e derramamos a nossa ira sobre toda a criação.

Há uma profunda reafirmação para os frustrados em testemunhar a queda dos afortunados e a desgraça dos justos. Eles vêem numa queda geral uma aproximação da fraternidade universal. O caos, como o tumulto, é um refúgio da igualdade. Sua ardente convicção de que é preciso haver uma nova vida e uma nova ordem é incentivada pela idéia de que o velho deve ser arrasado antes que se possa construir o novo. Seu clamor por um juízo final é desfechado através do ódio por tudo o que existe, e pelo anseio pelo fim do mundo.

## 75

O ódio apaixonado pode dar significação e propósito a uma vida vazia. Assim, as pessoas preocupadas pela falta de objetividade de suas vidas tentam encontrar um novo conteúdo não só dedicando-se a uma causa sagrada mas também alimentando uma mágoa fanática. O movimento de massa oferece-lhes ilimitadas oportunidades para ambas as coisas.

Quer seja verdade ou não que, como diz Pascal, "todos os homens por natureza odeiam-se uns aos outros", e que o amor e a caridade são "uma imagem fingida e falsa, pois no fundo são apenas ódio."<sup>15</sup> não se pode fugir à impressão de que o ódio é um ingrediente sempre presente nas fórmulas e combinações de nossa vida interior. Todos os nossos entusiasmos, devoções, paixões e esperanças, quando se decompõem, exalam ódio. Por outro lado, é possível sintetizar um entusiasmo, devoção ou esperança pela ativação do ódio. Disse Martinho Lutero: "Quando meu coração está frio e não posso orar como devia, mergulho no pensamento da impiedade e ingratitude de meus inimigos, o Papa e seus cúmplices e vermes, e Zwingli, de modo que meu coração incha de justa indignação e ódio e posso dizer com calor e veemência: Sagrado seja o Vosso Nome, venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa Vontade! E quanto mais ardente me sinto, mais fervorosas se tornam minhas preces."<sup>16</sup>

A unidade e o auto-sacrifício, por si sós, mesmo quando fomentados pelos mais nobres meios, produzem a propensão ao ódio. Mesmo quando se associam poderosamente para promover a tolerância e a paz no mundo, os homens tendem a ser violentamente intolerantes para com aqueles que não possuem mentalidade semelhante.

A alienação do ego, sem o qual não pode haver altruísmo nem completa assimilação do indivíduo num todo compacto, produz, como já mencionamos,<sup>17</sup> a propensão para atitudes apaixonadas, inclusive o ódio apaixonado. Existem também outros fatores que favorecem o crescimento do ódio numa atmosfera de união e altruísmo. O ato de auto-negação parece conferir-nos o direito de ser duros e impiedosos para com os outros. A impressão predominante é a de que o verdadeiro crente, particularmente o indivíduo religioso, é uma pessoa humilde. A verdade é que a rendição e humilhação do ego alimentam o orgulho e a arrogância. O crente convicto tende a considerar-se um dos eleitos, o que há de me-

lhora na terra, a luz do mundo, um príncipe disfarçado em mendigo, destinado a herdar esta terra e o reino do céu também.<sup>18</sup> Quem não é da sua fé é o mal; quem não ouvir perceberá.

Há também isto: quando renunciamos ao ego e tornamo-nos parte de um todo compacto, não renunciamos apenas à vantagem pessoal, mas também à responsabilidade pessoal. Não se pode prever a que extremos de crueldade e agressividade um homem pode chegar quando se liberta dos receios, hesitações, dúvidas e vagos remanescentes de decência que fazem parte do julgamento individual. Quando perdemos a nossa independência individual na coletividade de um movimento de massa, encontramos uma nova liberdade — liberdade de odiar, de trapacear, mentir, torturar, matar e trair sem vergonha e sem remorso. Aqui, sem dúvida, reside parte da atração do movimento de massa. Nêle encontramos o “direito de desonrar” que, segundo Dostoiévski, tem uma irresistível fascinação.<sup>19</sup> Hitler tinha uma opinião desdenhosa da brutalidade do indivíduo autônomo. “Qualquer violência que não provenha de uma firme base espiritual será oscilante e incerta. Não possui a estabilidade que só pode existir num ponto de vista fanático.”<sup>20</sup>

Assim, o ódio não é apenas um meio de unificação mas também o seu produto. Diz Renan que, desde o começo do mundo, jamais se ouviu falar de uma nação piedosa.<sup>21</sup> Nem tampouco, podemos acrescentar, ouviu-se falar de uma igreja piedosa ou de um partido revolucionário piedoso. O ódio e crueldade que têm sua origem no egoísmo são coisas ineficazes comparadas com o veneno e agressividade nascidos de sua falta.

Quando vemos o derramamento de sangue, o terror e a destruição nascidos de entusiasmos generosos como o amor de Deus, o amor de Cristo, o amor a uma nação, a compaixão pelos oprimidos e assim por diante, geralmente pomos a culpa dessa vergonhosa perversão numa liderança cínica, sedenta de poder. Na verdade, é a união posta em ação por esses entusiasmos, mais do que as manifestações de uma liderança calculista, que transforma os impulsos nobres numa realidade de ódio e violência. A desindividualização, que é um pré-requisito da profunda integração e desprendida dedi-

cação, é também, em grau considerável, um processo de desumanização. A câmara de tortura é uma instituição coletiva.

### *Mimetismo*

78

O mimetismo é um agente essencial da unificação. A criação de um grupo intimamente unido é inconcebível sem a difusão da uniformidade. A determinação e *Gleich-schaltung* almejados por todo movimento de massa são alcançados tanto pela imitação quanto pela obediência. A obediência em si consiste tanto da imitação de um exemplo como do seguimento de um preceito.

Embora a capacidade de mimetismo exista em tôdas as pessoas, ela pode ser mais forte em umas do que em outras. A questão é se os frustrados, que como vimos na Secção 43 possuem uma propensão para a ação unida e são equipados com um mecanismo para sua realização, são particularmente imitadores. Existe uma conexão entre a frustração e a tendência a imitar? Será o mimetismo, de certa forma, um meio de fugir aos males que perseguem o frustrado?

A principal carga do frustrado é a consciência de um ego conspurcado, ineficiente, e seu principal desejo é descartar-se do ego indesejável e começar uma nova vida. Tentam realizar êsse desejo seja encontrando uma nova identidade, seja diluindo e disfarçando sua distinção individual; e ambos os objetivos são alcançados pela imitação.

Quanto menor a satisfação que temos em sermos nós mesmos, maior o desejo de sermos como os outros. Somos portanto mais dispostos a imitar aqueles que são diferentes de nós do que aqueles quase iguais a nós; somos mais propensos a imitar aqueles que admiramos do que aqueles que desprezamos. O mimetismo dos oprimidos (negros e judeus) é notável.

Quanto à diluição e disfarce do ego, isso é alcançado apenas pela imitação — tornando-se o mais possível igual aos outros. O desejo de pertencer a alguma coisa é em parte o desejo de perder a individualidade.

Finalmente, a falta de auto-confiança característica dos frustrados também estimula-lhes o mimetismo. Quanto menos confiamos no nosso julgamento e na nossa sorte, mais prontos estamos a seguir o exemplo de outros.

79

A simples rejeição do ego, mesmo quando não acompanhada da busca de uma nova identidade, pode levar a um maior mimetismo. O ego rejeitado cessa de afirmar sua decisão de distinção, e não há nada que resista à propensão de copiar. A situação não é diferente daquela observada em crianças e em adultos não diferenciados, onde a falta de uma individualidade distinta deixa a mente sem defesas contra a intrusão de influências externas.

80

O sentimento de superioridade contrabalança o mimetismo. Se os milhões de imigrantes que vieram para este país fôssem pessoas superiores, se fôssem a elite dos países de onde vieram, não teria existido os Estados Unidos e sim um mosaico de grupos lingüísticos e culturais. Pelo fato da maioria dos imigrantes serem da espécie mais baixa e mais pobre, desprezados e rejeitados, é que os milhões heterogêneos miscigenaram tão rápida e profundamente. Vieram com o ardente desejo de eliminar sua identidade do velho mundo e renascer para uma nova vida; e estavam automaticamente equipados com ilimitada capacidade de imitar e adotar o que era novo. A estranheza do novo país mais os atraía do que repelia. Ansiavam por nova identidade e nova vida — e quanto mais estranho o mundo, mais ele se adaptava às suas inclinações. Para os que não eram anglo-saxões, a estranheza da língua talvez tenha sido mais uma atração. O fato de terem de aprender a falar aumentava-lhes a ilusão de estarem nascendo de novo.

81

O mimetismo é muitas vezes um atalho para uma solução. Quando nos falta inclinação, capacidade ou tempo para



encontrar uma solução independente, copiamos. As pessoas que têm pressa imitam mais prontamente do que as que têm tempo. Assim, a agitação tende a produzir uniformidade. E na fusão deliberada dos indivíduos num grupo compacto, a ação ininterrupta desempenha um papel considerável.<sup>22</sup>

## 82

A unificação por si só, quer causada por persuasão, coação ou rendição espontânea, tende a intensificar a capacidade imitativa. O civil convocado para o exército e transformado em membro de uma unidade militar muito unida torna-se mais imitador do que era na vida civil. O indivíduo unificado não tem um ego distinto; está perpétuamente incompleto e imaturo, e portanto sem resistência contra as influências vindas de fora. O marcante mimetismo de povos primitivos é devido talvez menos ao seu primitivismo do que ao fato de serem geralmente membros de clãs ou tribos compactas.

O imediato mimetismo de seguidores unificados é tanto uma vantagem como um perigo para o movimento de massa. Os fiéis são facilmente levados e moldados, mas são também particularmente suscetíveis às influências externas. Tem-se a impressão que um grupo profundamente unificado é facilmente seduzido e corrompido. A pregação de todos os movimentos de massa está juncada de advertências contra a imitação de modelos externos e a "prática de tôdas as suas abominações." A imitação de estranhos é qualificada de traição e apostasia. "Quem copia um estrangeiro é culpado do crime de lesa-pátria (um insulto à nação) como um espião que dê entrada a um inimigo por uma porta secreta."<sup>23</sup> Todos os recursos são utilizados para isolar o fiel da convivência com os descrentes. Alguns movimentos de massa vão ao extremo de levar seus seguidores para lugares isolados a fim de permitir um estabelecimento imperturbado do novo padrão de vida.

O desprezo pelo mundo externo é, naturalmente, a mais efetiva defesa contra o mimetismo desagregador. Contudo, um movimento de massa ativo preza o ódio acima do desdém passivo; e o ódio não sufoca a imitação, pelo contrário, muitas vezes estimula-a (vide Secção 72). O desprezo é empregado como isolante no caso de pequenos corpos coletivos incrustados num mar de estranhos, e atentos unicamente à

preservação de sua distinção, e leva a uma exclusividade na receptiva aos convertidos.

O mimetismo de seus membros dá a um grupo profundamente unificado grande flexibilidade e adaptabilidade e pode adotar inovações e mudanças de orientação com surpreendente facilidade. A rápida modernização de um Japão e uma Turquia unidos contrasta marcadamente com a lenta e dolorosa adaptação a novos costumes na China, no Irã e em outros países não animados por um espírito de unidade. A Rússia soviética profundamente unificada tem melhor chance de assimilar novos métodos e novo sistema de vida do que a desagregada Rússia dos Czares. É evidente, também, que um povo primitivo possuindo uma estrutura coletiva intacta pode ser mais rapidamente modernizado do que um povo com um padrão tribal ou comunitário em desagregação.<sup>24</sup>

### *Persuasão e Coação*

83

Hoje em dia temos a tendência de exagerar a eficácia da persuasão como meio de incultar opinião e moldar a conduta. Vemos na propaganda um instrumento formidável. Ao seu uso hábil atribuímos muitos êxitos surpreendentes dos movimentos de massa do nosso tempo, e chegamos a temer a palavra tanto quanto a espada.

Na verdade, os fabulosos efeitos atribuídos à propaganda não possuem fundamentos maiores do que a queda das muralhas de Jericó ser atribuída ao soar das trombetas de Josué. Se a propaganda tivesse uma décima parte da potência que lhe atribuem, os regimes totalitários da Rússia, Alemanha, Itália e Espanha teriam sido casos benignos. Teriam sido agressivos e ferozes, mas sem a horrenda brutalidade da polícia secreta, dos campos de concentração e do extermínio em massa.

A verdade é que a propaganda por si só não pode forçar o caminho nas mentes pouco receptivas; não pode incutir algo de inteiramente novo; nem pode manter as pessoas persuadidas uma vez que tenham cessado de acreditar. Penetra apenas nas mentes já abertas, e não instila opiniões —

articula e justifica opiniões já presentes na mente de seus receptores. O propagandista bem dotado cozinha idéias e paixões já em ebulição na mente de seus ouvintes. Ecoa seus sentimentos internos. Quando a opinião não é coagida, as pessoas só podem ser levadas a acreditar naquilo que já "sabem."

A propaganda em si só tem êxito principalmente com os frustrados. Seus medos, esperanças e paixões palpitantes acumulam-se no limiar de seus sentidos e permanecem entre eles e o mundo exterior. Não podem ver senão o que já imaginaram, e é a música de sua própria alma que ouvem nas palavras apaixonadas do propagandista. Sem dúvida, é mais fácil ao frustrado perceber suas próprias imaginações e ouvir o eco de suas próprias músicas num arrazoado apaixonado e em refrões sonoros do que em palavras precisas, reunidas com irrefutável lógica.

A propaganda por si mesma, por mais hábil que seja, não pode manter as pessoas persuadidas uma vez que cessaram de acreditar. Para manter-se, o movimento de massa tem de ordenar as coisas de forma que quando as pessoas não mais acreditem tenham que acreditar pela força.<sup>25</sup>

Como veremos mais adiante (Secção 104), as palavras são um instrumento essencial no preparo do terreno para um movimento de massa. Mas uma vez realizado o movimento, as palavras, embora ainda úteis, cessam de desempenhar um papel decisivo. Um renomado mestre da propaganda como o Dr. Goebbels, admite, num momento sem defesa, que "uma espada afiada deve sempre manter-se por trás da propaganda, para que ela seja realmente efetiva."<sup>26</sup> Também parece pedir desculpas quando afirma que "não se pode negar que pode-se fazer mais com boa propaganda do que sem nenhuma."<sup>27</sup>

Ao contrário do que seria de esperar, a propaganda se torna mais ardente e importuna quando opera em conjunto com a coação do que quando tem de contar unicamente com a sua própria eficácia.

Tanto os que convertem como os que são convertidos pela coação necessitam da ardente convicção de que a fé que impõem ou são forçados a adotar é a única fé verdadeira. Sem essa convicção, o terrorista proselitizador se não fôr mal intencionado, sente-se como um criminoso, e o convertido forçado vê-se como um covarde que prostituiu a alma para poder viver.

Assim, a propaganda serve mais para justificar-nos do que para convencer os outros; e quanto mais razão temos para nos sentirmos culpados, mais ardente a nossa propaganda.

85

Talvez seja verdade que a violência alimenta o fanatismo tanto quanto o fanatismo alimenta a violência. Muitas vezes é impossível dizer qual dêles chegou primeiro. Os que empregam a violência, tanto quanto os que estão sujeitos a ela, são propensos a criar um estado de espírito fanático. Ferrero diz, a respeito dos terroristas da Revolução Francesa, que quanto mais sangue derramavam mais precisavam acreditar em seus princípios como absolutos. Apenas o absoluto ainda os absolvía aos seus próprios olhos e sustinha-lhes a desesperada energia. Não derramavam todo aquele sangue porque acreditassem na soberania popular como uma verdade religiosa; tentavam acreditar na soberania popular como verdade religiosa, porque o medo fazia-os derramar tanto sangue."<sup>28</sup> A prática do terror serve ao crente convicto não apenas para arrebanhar e esmagar seus oponentes mas também para revigorar e intensificar sua própria fé. Cada linchamento do Sul dos Estados Unidos não apenas intimida o negro, como também revigora a convicção fanática da supremacia do branco.

No caso dos coagidos a violência também pode causar o fanatismo. Existem provas de que o convertido forçado é muitas vezes tão fanático em sua adesão à nova fé quanto o convertido persuadido, e às vezes mais. Nem sempre é verdade que "aquele que reclama contra sua vontade ainda tem sua própria opinião." O Islam impôs sua fé pela força, contudo os islamitas coagidos apresentam uma fé mais ardente do que a dos primeiros árabes que aderiram ao movimento.

Segundo Renan, o Islam obteve dos seus convertidos forças "uma fé que tende a tornar-se sempre mais forte."<sup>29</sup> A ortodoxia fanática é, em todos os movimentos, um desenvolvimento posterior. Vem quando o movimento está em plena posse do poder e pode impor sua fé pela força e pela persuasão.

Assim, a coação, quando implacável e persistente, tem uma força de persuasão insuperável, e isto não apenas com almas simples como com aqueles que se orgulham da resistência e integridade do seu intelecto. Quando um decreto arbitrário do Kremlin força cientistas, escritores e artistas a negar suas convicções e confessar seus erros, a probabilidade é de que tais negações e confissões representem conversões autênticas e não apenas palavras. É preciso uma fé fanática para racionalizar a nossa covardia.

86

Existem poucos exemplos de um movimento de massa que alcance grandes proporções e uma organização durável apenas pela persuasão. O professor K. S. Latourette, historiador muito Cristão, teve de admitir que "Por mais incompatíveis que sejam o espírito de Jesus e as forças armadas, e por mais desagradável que seja reconhecer isso, como simples fato histórico o último muitas vezes tornou possível ao primeiro sobreviver."<sup>30</sup> Foi a espada temporal que fez do Cristianismo uma religião mundial. A conquista e a conversão andaram lado a lado, a última servindo de justificativa e de instrumento para a primeira. O Cristianismo não conseguiu um poder permanente ou amplo quando não conseguiu conquistar ou reter o apoio do poder estatal. Na Pérsia o Cristianismo enfrentou uma religião estatal, sustentada pela coroa, e jamais se tornou a fé senão de uma minoria."<sup>31</sup> Na fenomenal difusão do Islam, a conquista foi um fator primário, a conversão um subproduto." O período mais florescente do maometanismo foi nas épocas em que recebeu sua maior força do exterior."<sup>32</sup> A Reforma só venceu nos lugares em que conquistou o apoio dos governantes locais ou do príncipe governante. Disse Melanchthon, o mais sábio lugar-tenente de Lutero: "Sem a intervenção da autoridade civil que teriam si-

do nossos preceitos? — Leis platônicas.”<sup>33</sup> Quando, como aconteceu na Fraça, o poder estatal era contra ela, foi afofada em sangue e jamais se levantou novamente. No caso da Revolução Francesa, “Foram os exércitos da Revolução, e não as suas idéias, que penetraram em tôda a Europa.”<sup>34</sup> Não foi uma questão de contágio intelectual. Dumouriez protestou que os franceses proclamaram a lei sagrada da liberdade “como o Alcorão, de espada na mão.”<sup>35</sup> A ameaça do comunismo atualmente não provém da força de sua pregação mas do fato de ser sustentada por um dos mais poderosos exércitos do mundo.

Parece também que, quando o movimento de massa só pode persuadir ou coagir, geralmente escolhe o último. A persuasão é desajeitada e seus resultados incertos. Dizia o espanhol São Domingos aos herejes albigenses: “Por muitos anos exortei-vos em vão, com gentileza, pregação, preces e lamentos. Mas segundo o provérbio do meu país — quando a bênção nada pode conseguir, os golpes podem valer — e levantaremos contra vós príncipes e prelados, que, ai de vós, irão armar nações e reinos contra esta terra... e assim a força triunfará onde as bênções e a delicadeza foram impotentes.”<sup>36</sup>

## 87

A afirmativa de que o movimento de massa não pode ser sustado pela força não é integralmente verdadeira. A força pode sustar e esmagar até mesmo o mais poderoso movimento. Mas para isso ela deve ser impiedosa e persistente. E aqui é que a fé entra como fator indispensável, pois uma perseguição impiedosa e persistente só pode vir da convicção fanática. “Qualquer violência que não provenha de uma base firme e espiritual, será oscilante e incerta. Falta-lhe a estabilidade que só pode apoiar-se num ponto de vista fanático.”<sup>37</sup>

O terrorismo que emana da brutalidade individual não vai longe nem dura muito. É espasmódico, sujeito a climas e hesitações. Mas tão logo a força acena e alterna o seu apoio, não só a doutrina a ser reprimida recupera-se de novo, como estará em posição de tirar novos benefícios de cada persegui-

ção."<sup>38</sup> Só o terror sagrado não conhece limites e jamais hesita.

Parece, portanto, que precisamos de fé ardente não só para poder resistir à coação,<sup>39</sup> mas também para poder exercê-la com eficácia.

## 88

De onde vem o impulso de proselitizar?

A intensidade de convicção não é o fator principal que impele um movimento a difundir sua fé nos quatro cantos da terra: "as religiões de grande intensidade muitas vezes se limitam a condenar, destruir, ou pelo menos lamentar os que não pertencem a elas."<sup>40</sup> O impulso de proselitizar não é também uma expressão de superabundância de poder que, como disse Bacon, "é como uma grande enchente, que com certeza extravazará."<sup>41</sup> O zelo missionário parece mais uma expressão de alguma profunda deficiência, de algum sentimento de insuficiência pressionando no seu âmago. O proselitismo é mais uma apaixonada busca de algo ainda não encontrado do que o desejo de lançar ao mundo algo que já possuímos. É uma busca da demonstração final e irrefutável de que a nossa verdade absoluta é sem dúvida a única verdade. O fanático proselitizador reforça sua própria fé convertendo os outros. O credo cuja autenticidade é mais facilmente desafiada terá provavelmente o mais forte impulso para proselitizar. É de duvidar-se que um movimento que não professa algum dógma absurdo e patentemente irracional possa possuir êsse impulso zeloso que "deve conquistar os homens ou destruir o mundo." É também plausível que os movimentos de maior contradição interna entre a profissão e a prática — isto é, com um forte sentimento de culpa — sejam os mais ardentes em impor sua fé aos outros. Quanto menos operante o comunismo se revela na Rússia, quanto mais seus líderes são impelidos a ceder e adular o credo original, mais feroz e arrogante é o seu ataque a um mundo descrente. Os escravagistas do Sul tornaram-se tanto mais agressivos em difundir sua maneira de vida quanto mais se tornava patente que sua posição era insustentável no mundo moderno. Quando a livre iniciativa se torna uma causa sagrada proselitizadora, é

sinal de que sua viabilidade e vantagens deixaram de ser evidentes.

A paixão do proselitismo e a paixão do domínio do mundo são ambos sintomas de alguma séria deficiência no centro. Provavelmente é tão verdadeiro para um bando de apóstolos ou conquistadores como para um bando de fugitivos dirigindo-se a uma terra distante e fugindo a uma situação insustentável. E quantas vezes os três se encontram, misturam-se e fazem intercâmbio.

### *Liderança*

89

Não importa quão vital achemos o papel da liderança na criação de um movimento de massa, não há dúvida que o líder não pode criar as condições que tornam possível o surgimento do movimento. Ele não pode conjurar um movimento partindo do nada. Tem de haver uma ansiedade de seguir e obedecer, e uma intensa insatisfação com as coisas existentes, antes que o movimento e o líder possam fazer a sua aparição. Quando as condições não estão maduras, o líder em potencial, por mais bem dotado que seja, e sua causa sagrada por mais poderosa que seja, permanecem sem seguidores. A Primeira Guerra Mundial e suas conseqüências prepararam o terreno para o nascimento do bolchevismo, do fascismo e do nazismo. Se a guerra tivesse sido evitada ou adiada por mais uma década ou duas, o destino de Lenine, Mussolini e Hitler não teria sido diferente do de vários agitadores e conspiradores brilhantes do século dezenove, que jamais conseguiram amadurecer as freqüentes desordens e crises do seu tempo para transformá-las em movimentos de massa em grande escala. Algo estava faltando. As massas européis, até os acontecimentos catastróficos da Primeira Guerra Mundial, não haviam desesperado totalmente do presente e, portanto, não estavam dispostas a sacrificá-lo por uma nova vida e um novo mundo. Até mesmo os líderes nacionalistas, que tiveram melhor êxito do que os revolucionários, não conseguiram transformar o nacionalismo na causa sagrada popular que se tornou desde então.



O nacionalismo militante e o revolucionismo militante parecem ser contemporâneos.

Na Inglaterra, também, o líder teve de esperar que o tempo amadurecesse antes de poder desempenhar o seu papel. Na década de 1930, o líder em potencial (Churchill) tornou-se proeminente aos olhos do povo e fêz-se ouvir, dia a dia. Mas não havia vontade de segui-lo. Foi só quando a catástrofe abalou o país nos seus alicerces e tornou a vida individual autônoma insustentável e sem significação que o líder se firmou.

Há um período de espera por trás do pano — muitas vezes um período bastante longo — para todos os grandes líderes cuja entrada em cena nos parece um ponto crucial no curso de um movimento de massa. Os acidentes e as atividades dos outros homens têm de preparar o palco para eles antes que possam entrar e começar sua representação. "O homem que comanda num dia momentoso parece ser apenas o último acidente de uma série."<sup>42</sup>

## 90

Uma vez pronto o palco, a presença de um líder marcante é indispensável. Sem ele não haverá movimento. O amadurecimento dos tempos não produz automaticamente um movimento de massa, nem tampouco as eleições, as leis e os órgãos administrativos. Foi Lenine quem forçou o fluxo dos acontecimentos para os canais da revolução bolchevista. Se tivesse morrido na Suíça, ou a caminho da Rússia em 1917, é quase certo que os outros bolchevistas proeminentes teriam aderido a um governo de coalisão. O resultado teria sido uma república mais ou menos liberal, governada principalmente pela burguesia. No caso de Mussolini e Hitler a evidência é ainda mais decisiva: sem eles, não teria havido nem o movimento fascista nem o movimento nazista.

Os acontecimentos na Inglaterra neste momento também demonstram a indispensabilidade de um líder bem dotado para a cristalização do movimento de massa. Um autêntico líder (um Churchill Socialista), à testa do governo Trabalhista, teria iniciado as drásticas reformas de nacionalização na fervente atmosfera de um movimento de massa, e não na mo-

notonia pouco dramática da austeridade socialista. Esse líder teria amoldado o trabalhador britânico ao papel de um heróico produtor e de um pioneiro do industrialismo verdadeiramente científico. Teria feito o povo britânico sentir que sua principal tarefa era mostrar ao mundo inteiro, e aos Estados Unidos e Rússia em particular, o que uma nação realmente civilizada pode fazer com modernos métodos de produção, quando está livre tanto da confusão, desperdício e avareza da administração capitalista como do bisantinismo, barbarismo e ignorância de uma burocracia bolchevista. Teria sabido como infundir no povo da Inglaterra o mesmo orgulho e esperança que o sustentaram nas horas mais negras da guerra.

É preciso a vontade de ferro, a ousadia e a visão de um líder excepcional para concertar e mobilizar as atitudes e impulsos existentes para transformá-los no impulso coletivo de um movimento de massa. O líder personifica a exatidão do credo e o desafio e grandeza do poder. Articula e justifica o ressentimento represado na alma dos frustrados. Impinge a visão de um futuro admirável a fim de justificar o sacrifício de um presente transitório. Encena o mundo ilusório tão indispensável à realização do auto-sacrifício e da ação unida. Desperta o entusiasmo da comunhão — o senso de libertação de uma existência individual pequena e sem significado.

Quais os predicados necessários a um tal desempenho?

Inteligência excepcional, caráter nobre e originalidade não parecem nem indispensáveis nem talvez desejáveis. Os principais requisitos parecem ser: audácia e gosto pelo desafio; uma vontade férrea; uma convicção fanática de estar de posse da verdade uma e única; fé em seu destino e em sua sorte; capacidade de ódio apaixonado; desprêzo pelo presente; estimativa ladina da natureza humana; amor aos símbolos (espetáculos e cerimonias); ousadia sem limites, que encontre expressão num desdém pela coerência e pela sinceridade; reconhecimento de que o mais profundo anseio de um seguidor é a comunhão, algo que nunca pode haver demais; capacidade para conquistar e manter a lealdade absoluta de um grupo de assessores hábeis. Esta última faculdade é uma das mais essenciais e fugidias. Os poderes de um líder não se manifestam tanto na força que tem sobre as massas como na

sua capacidade de dominar e quase enfeitiçar um pequeno grupo de homens capazes. Esses homens precisam ser destemidos, orgulhosos, inteligentes e capazes de organizar e dirigir empreendimentos em grande escala, e no entanto devem submeter-se totalmente à vontade do líder, tirar d'ele suas inspirações e impulsos, e rejubilar-se nessa submissão.

Nem tôdas as qualidades enumeradas acima são igualmente essenciais. As mais decisivas para a eficiência de um líder de movimento de massa parecem ser a audácia, a fé fanática numa causa sagrada, a consciência da importância de uma coletividade intimamente unida, e, acima de tudo, a capacidade de provocar uma devoção fervorosa num grupo de assessôres capazes. O fracasso de Trotsky como líder veio da sua negligência, ou provavelmente sua incapacidade, de criar uma máquina de assessôres capazes e leais. Ele não atraiu simpatias pessoais, ou se atraiu não pôde mantê-las.<sup>43</sup> Outra deficiência foi o seu irrevogável respeito pelo indivíduo, particularmente pelo indivíduo criador. Não estava convencido do erro e ineficiência de uma existência individual autônoma, e não percebeu a grande importância da comunhão para um movimento de massa. Sunt Yat-sen "atraiu para si... um extraordinário número de seguidores capazes e devotados, incendiando-lhes a imaginação com suas visões da nova China e da lealdade absoluta e do auto-sacrifício."<sup>44</sup> Ao contrário d'ele, Chiang Kai-shek parece não possuir as qualidades essenciais de um líder de movimento de massa. Por outro lado, De Gaulle é certamente um homem a observar. Os líderes do Partido Comunista fora da Rússia, pela sua subserviência a Stalin e ao Politburo, não poderão atingir a estatura de autênticos líderes. Continuarão sendo assessôres capazes. Para que o comunismo se torne, no momento atual, um movimento de massa efetivo em qualquer país Ocidental, um de dois opostos terá que acontecer. Ou a personalidade de Stalin será tão concreta e imediata que poderá agir como um catalítico, ou o partido Comunista local terá que seccionar-se do da Rússia e, à maneira de Tito, lançar seu desafio contra o capitalismo e o estalinismo. Se Lenine tivesse sido o emissário de um líder, e ocupasse um *politburo* nalguma terra distante, é de duvidar-se que pudesse ter exercido sua influência decisiva no curso dos acontecimentos da Rússia.

As cruas idéias avançadas por muitos dos líderes de movimentos de massa de nossos dias fazem-nos pensar que uma certa rudeza e imaturidade mental é uma qualidade de liderança. Contudo, não foi a crueza intelectual de uma Aimee McPherson ou de um Hitler que conquistou e prendeu seus seguidores, mas a ilimitada auto-confiança que levou êsses líderes a darem rédea solta às suas absurdas idéias. Um líder realmente sábio, que ousasse seguir o curso de sua sabedoria, teria igual chance de êxito. A qualidade das idéias parece desempenhar um papel secundário na liderança dos movimentos de massa. O que conta é o gesto arrogante, a completa indiferença pela opinião dos outros, o desafio solitário ao mundo.

O charlatanismo é, em certo grau, indispensável ao líder eficiente. Não pode haver movimento de massa sem alguma distorção deliberada dos fatos. Nenhuma vantagem firme e concreta pode prender seguidores e torná-los zelosos e leais até a morte. O líder tem que ser prático e realista e, contudo, tem que falar a linguagem do visionário e do idealista.

A originalidade não é um pré-requisito de liderança dos grandes movimentos de massa. Um dos traços mais surpreendentes do líder bem sucedido é sua disposição de imitar amigos e inimigos, modelos passados e contemporâneos. A ousadia essencial a êsse tipo de liderança consiste tanto na coragem de imitar como na coragem de desafiar o mundo. Talvez o segredo de uma carreira heróica seja uma ilimitada capacidade de imitação; a imitação absoluta de um modelo. Esta excessiva capacidade de mimetismo indica que o herói não possui um ego plenamente desenvolvido e realizado. Há muito de rudimentar e recalcado em sua personalidade. Sua força reside nos seus pontos cegos e em obstruir tôdas as válvulas de saída menos uma.

A rendição total de um ego distinto é um pré-requisito para atingir a unidade e o auto-sacrifício; e provavelmente não existe maneira mais direta de realizar essa rendição do

que inculcando e implantando o hábito da obediência cega. Quando Stalin força cientistas, escritores e artistas a rastejar de quatro e negar sua inteligência individual, seu senso de beleza e seu senso moral, êle não está se entregando a um impulso sádico mas solenizando, de maneira impressionante, a suprema virtude da obediência cega. Todos os movimentos de massa colocam a obediência entre as mais altas virtudes e põem-na no mesmo nível da fé: "a união das mentes requer não só um perfeito acôrdo na única Fé mas também a completa submissão e obediência da vontade à Igreja e ao Sumo Pontífice e ao próprio Deus."<sup>45</sup> A obediência é não só a primeira lei de Deus, como também o primeiro mandamento de um partido revolucionário e do nacionalismo fervoroso. "Não querer saber por que" é considerado por todos os movimentos de massa a marca de um espírito forte e generoso.

A desordem, o derramamento de sangue e a destruição que marcam a trilha de um movimento de massa em ascensão levam-nos a pensar nos seguidores do movimento como seres sem lei. Na verdade, a ferocidade das massas nem sempre é a soma de marginalidade individual. A truculência pessoal milita contra a ação unida. Leva o indivíduo a luta por si mesmo. Produz o pioneiro, o aventureiro e o bandido. Os crentes convictos, por mais cruéis e violentos que sejam os seus atos, são basicamente pessoas obedientes e submissas. Os convertidos Cristãos que assaltavam a Universidade de Alexandria e linchavam professôres suspeitos de inortodoxia eram membros submissos de uma Igreja compacta. O agitador comunista é o membro servil de um partido. Os comandos japoneses e nazistas eram as pessoas mais disciplinadas que o mundo já viu. Neste país, o empregador norte-americano muitas vêzes encontra no fanático racial do Sul — tão dado à violência de massa — um operário respeitoso e dócil. O exército também acho-o particularmente dócil à disciplina.

As pessoas que vivem uma vida estéril e insegura parecem mostrar maior disposição para a obediência do que as que são auto-suficientes e auto-confiantes. Para os frustrados, a libertação da responsabilidade é mais atraente do que a liber-

tação da repressão. Anseiam por trocar a sua independência pelo alívio das pesadas cargas de querer, decidir e ser responsáveis pelo inevitável fracasso. Abdicam de bom grado da direção de sua vida em favor daqueles que desejam planejar, comandar e assumir toda a responsabilidade. Mais ainda, a submissão de todos a um líder supremo é uma aproximação do seu ideal de igualdade.

Em tempos anormais, durante as enchentes, terremotos, epidemias, crises e guerras, o esforço individual separado não tem valor, e as pessoas de todas as condições estão prontas a obedecer e seguir um líder. Obedecer é, então, o único ponto firme numa existência caótica do dia a dia.

#### 94

Os frustrados são também os mais incansáveis seguidores. É de notar que, num esforço coletivo, os menos auto-confiantes são os que menos se desencorajam com a derrota, pois unem-se aos outros num empreendimento comum não tanto para assegurar o êxito de um projeto acalentado, mas para evitar a responsabilidade individual de culpa em caso de fracasso. Quando o empreendimento comum fracassa, é-lhes poupado aquilo que mais temem, isto é, a exposição de suas deficiências individuais. Sua fé permanece imperturbável e ficam ansiosos por prosseguir numa nova tentativa.

Os frustrados não seguem um líder por causa da fé de que ele os está conduzindo a uma terra prometida, e sim por seu sentimento imediato de que estão sendo levados para longe de seus egos indesejáveis. A entrega a um líder não é o meio de atingir um fim, mas de alcançar a plenitude. Até onde são levados é de importância secundária para eles.

#### 95

Existe provavelmente uma diferença essencial entre líder de movimento de massa e o líder de uma sociedade livre. Numa sociedade mais ou menos livre, o líder só pode conservar seu poder sobre o povo quando tem fé cega em sua sabedoria e bondade. Um líder de segunda categoria, possuído desta fé, vencerá um líder de primeira categoria que não a possua. Is-

to significa que numa sociedade livre o líder segue o povo enquanto este o segue. Ele precisa, como disse alguém, saber onde o povo vai para poder guiá-lo. Quando o líder de uma sociedade livre torna-se desdenhoso do povo, mais cedo ou mais tarde prossegue na falsa e fatal teoria de que todos os homens são tolos, e eventualmente mergulha na derrota. As coisas são diferentes quando o líder pode empregar uma impiedosa coação. Quando, como acontece num movimento de massa ativo, ele pode exigir obediência cega, pode também operar sob a firme teoria de que todos os homens são covardes, pode tratá-los de acôrdo e obter resultados.

Uma das razões por que os líderes comunistas estão perdendo nos nossos sindicatos é que, seguindo a linha e adotando a tática do partido, estão assumindo a atitude e usando as táticas de um líder de movimento de massa, numa organização feita de homens livres.

### Ação

96

A ação é unificadora. Há menos distinção individual no verdadeiro homem de ação — o construtor, o soldado, o esportista e até o cientista — do que no pensador ou naqueles cuja criatividade flui da comunhão com o ego. O empreendedor e o apressado têm muita coisa de abortivo e indiferenciado. Um homem nunca está realmente pronto para ação a menos que seja desprovido de um ego distinto e diferenciado. Assim, um povo ativo é propenso à uniformidade. É de duvidar-se que, sem a ampla ação envolvida na conquista de um continente, nossa nação de imigrantes pudesse ter alcançado sua surpreendente homogeneidade em tão curto tempo. Os que vieram a este país para agir (ganhar dinheiro) foram mais rápida e completamente americanizados do que os que vieram para realizar algum ideal elevado. Os primeiros sentiram uma imediata afinidade com os milhões de pessoas absorvidas na mesma tarefa. Foi como se se reunissem a uma fraternidade. Logo reconheceram que para ter êxito tinham que mesclar-se com seus companheiros, fazer o que os outros faziam, aprender a língua e jogar o jogo. Mais ainda, a lou-

ca corrida em que entraram impediu o desenvolvimento do seu ser, de modo que, sem uma individualidade distinta, não poderiam, mesmo que para isso tivessem inclinação, opor uma resistência efetiva contra a influência de seu novo meio ambiente.<sup>46</sup> Por outro lado, os que vieram a este país para realizar um ideal (de liberdade, justiça, igualdade) mediram as realidades da nova terra contra o seu ideal e acharam-nas escassas. Sentiram-se superiores, e inevitavelmente isolaram-se contra o novo meio ambiente.

97

Os homens de idéias raramente trabalham bem em conjunto, enquanto que entre os homens de ação existe geralmente uma fácil camaradagem. O trabalho em equipe é raro em empreendimentos intelectuais ou artísticos, mas comum e quase indispensável entre homens de ação. O grito "Vamos, deixem-nos construir uma cidade, e uma torre"<sup>47</sup> é sempre um chamado à ação conjunta. Um comissário de indústria comunista tem provavelmente mais em comum com o industrial capitalista do que com um teórico comunista. A verdadeira Internacional é a dos homens de ação.

98

Todos os movimentos de massa valem-se da ação como meio de unificação. Os conflitos que o movimento de massa busca e incita servem não só para deprimir os inimigos como para retirar de seus seguidores a individualidade distinta e torná-los mais solúveis no meio coletivo. A limpeza da terra, a construção de cidades, a exploração e os empreendimentos industriais em larga escala servem a um objetivo semelhante. Até uma simples marcha pode servir de agente unificador. Os nazistas fizeram grande uso desta ridícula variante da ação. Hermann Rauschning, que a princípio achava aquela eterna marcha uma insensata perda de tempo e energia, reconheceu mais tarde o seu efeito sutil. "A marcha distrai os pensamentos dos homens. A marcha mata o pensamento. A marcha é o fim da individualidade."<sup>48</sup>

O chamado à ação de um movimento de massa provoca uma resposta ansiosa nos frustrados. Pois os frustrados vêm



na ação a cura para tudo o que os faz sofrer. Traz o esquecimento de si mesmo e dá-lhes um senso de objetividade e valor. Sem dúvida, parece que a frustração provém principalmente da incapacidade de agir, e que os mais profundamente frustrados são aqueles cujos talentos e temperamentos equipam-nos idealmente para uma vida de ação, mas são condenados pelas circunstâncias a enferrujarem-se na inatividade. De outra forma, como explicar o fato surpreendente de que os Lenines, Trotsky, Mussolinis e Hitlers, que passaram a melhor parte de suas vidas arengando em cafés e comícios, tenham se revelado de repente como os mais capazes e incansáveis homens de ação do seu tempo?

99

A fé organiza e equipa a alma do homem para a ação. Estar de posse de uma única verdade e jamais duvidar dela; sentir que se está apoiado por um misterioso poder, seja êle Deus, o destino ou a lei da história; estar convencido de que os adversários são a encarnação do mal e devem ser esmagados; exultar na autonegação e na devoção ao dever — são admiráveis qualificações para uma ação resoluta e destemida em qualquer campo. Os soldados cantadores de salmos, pioneiros, homens de negócios e até esportistas revelaram-se formidáveis. O entusiasmo revolucionário e nacionalista têm efeito semelhante: também podem transformar pessoas sem espírito e inertes em lutadores e construtores. Eis, portanto, outra razão para a aparente necessidade de um movimento de massa na modernização de países atrasados e estagnados.

Entretanto, a excepcional aptidão do crente convicto para uma vida de ação pode ser tanto um perigo como um auxílio para as perspectivas de um movimento de massa. Abrindo amplos campos de ação turbulenta, o movimento de massa pode apressar o seu fim. A ação bem sucedida tende a tornar-se um fim em si mesma. Orienta tôdas as energias e todo o fervor para seus próprios canais. A fé e a causa sagrada, ao invés de serem o propósito supremo, tornam-se meros lubrificantes da máquina de ação. O crente convicto que triunfa em tudo o que faz ganha auto-confiança e reconcilia-se com seu ego e com o presente. Não mais vê sua única sal-

•

vação em perder-se na unidade de um corpo coletivo e em tornar-se uma partícula anônima sem vontade, julgamento e responsabilidade próprios. Busca e encontra sua salvação na ação, provando seu valor e afirmando sua superioridade individual. A ação não pode levá-lo à auto-realização, mas ele logo encontra nela uma auto-justificativa. Se ainda se apegar à sua fé, é apenas para estimular sua confiança e legitimar seu triunfo. Assim, o gosto da ação continuamente bem sucedida é fatal ao espírito de coletividade. Um povo entregue à ação é provavelmente menos religioso, menos revolucionário e menos chauvinista. A estabilidade social e a tolerância política e religiosa dos povos anglo-saxões é devida em parte à relativa abundância da vontade, capacidade e oportunidades de ação que existem entre eles. A ação serviu-lhes de substituto do movimento de massa.

Existe, naturalmente, o constante perigo de que as rotas de ação sejam completamente bloqueadas por uma grave crise ou derrota na guerra, e a frustração resultante seja tão intensa que quase todo movimento de massa proselitizador encontre a situação preparada para a sua propagação. A explosiva situação na Alemanha, após a Primeira Guerra Mundial, foi em parte causada pela inatividade forçada de uma população que se sabia admiravelmente equipada para a ação. Hitler deu-lhes um movimento de massa. Mas o que foi provavelmente mais importante foi que ele abriu diante deles oportunidades ilimitadas para uma ação febril, incessante e espetacular. Não é de admirar que o tenham saudado como o seu Salvador.

### *Suspeita*

100

Já vimos que a amarga secreção da mente frustrada, embora composta principalmente de medo e vontade doente, age como uma maravilhosa argamassa para cimentar os amargos e desajustados num todo compacto. A suspeita é também um ingrediente desta argamassa amarga, e pode agir também como agente unificador.

A consciência de suas deficiências individuais inclina os frustrados a imaginar má vontade e mesquinhez em seus companheiros. O auto-desprêzo, embora vago, aguça os olhos para as imperfeições dos outros. Geralmente tentamos revelar nos outros as manchas que escondemos em nós mesmos. Assim, quando os frustrados se congregam num movimento de massa, o ar fica pesado de suspeita. Há intromissões e espionagem, tensa observação e tensa consciência de estar sendo observado. O surpreendente é que essa desconfiança patológica dentro das fileiras não leva a dissensões mas à perfeita conformidade. Sabendo-se continuamente observados, os fiéis tentam escapar à suspeita aderindo zelosamente ao comportamento e opinião prescritos. A ortodoxia restrita pode resultar tanto da suspeita mútua como da fé ardente.

Os movimentos de massa fazem extenso uso da suspeita em sua máquina de domínio. As contínuas inspeções nas fileiras do partido nazista eram feitas para que sentissem que estavam sempre em observação, mantendo-os num permanente estado de consciência e medo.<sup>49</sup> Medo dos vizinhos, dos amigos e até dos parentes parece ser uma regra em todos os movimentos de massa. De vez em quando pessoas inocentes são deliberadamente acusadas e sacrificadas a fim de manter viva a suspeita. Dá-se à suspeita uma lâmina afiada, associando toda oposição dentro das fileiras com o inimigo que ameaça o movimento de fora. Esse inimigo — o indispensável diabo de todo movimento de massa — é onipresente. Conspira tanto dentro como fora das fileiras de fiéis. É a sua voz que fala pela boca do dissidente. Se alguma coisa vai mal dentro do movimento, é a sua obra. O dever sagrado do verdadeiro crente é ser suspeito. Precisa estar constantemente à espreita dos sabotadores, espões e traidores.

A unidade coletiva não é resultado do amor fraternal dos fiéis uns pelos outros. A lealdade do verdadeiro crente é para com o todo — a igreja, o partido, a nação — e não para com seu companheiro de crença. A verdadeira lealdade entre indivíduos só é possível numa sociedade flexível e relativamente livre. Assim como Abraão estava disposto a sacri-

ficar seu único filho para provar sua devoção a Jeová, o nazista ou comunista fanático deve estar pronto a sacrificar parentes e amigos para demonstrar sua total rendição à causa sagrada. O movimento de massa ativo vê nos laços pessoais de sangue e amizade uma diminuição de sua própria coesão coletiva. Assim, a susseita mútua dentro das fileiras é não apenas compatível com a força coletiva mas antes, pode-se quase dizer, uma pré-condição dela. "Os homens de convicções fortes e paixões fortes, quando associados, olham-se uns aos outros com suspeita, e encontram nela a sua força; pois a suspeita mútua cria o receio mútuo, liga-os com uma cinta de aço, impede a deserção e protege-os contra momentos de fraqueza." <sup>50</sup>

Parte da formidabilidade de um autêntico movimento de massa vem de que o auto-sacrifício que êle promove inclui também o sacrifício do senso moral que peia e restringe nossa natureza. "Nosso zelo faz maravilhas quando secunda nossa propensão ao ódio, à crueldade, à ambição, à avareza, à detração, à rebelião." <sup>51</sup>

### *Os efeitos da unificação*

#### 102

A unificação completa, quer causada por uma rendição espontânea, persuasão, coação, necessidade ou hábito, ou por uma combinação dos mesmos, tende a intensificar as inclinações e atitudes que promovem a unidade. Vimos que a unificação intensifica a propensão ao ódio (Secção 77) e a capacidade imitativa (Secção 82). É verdade também que o indivíduo unificado é mais crédulo e obediente que o crente convicto em potencial, que ainda é um indivíduo autônomo. Embora seja verdade que a liderança de um corpo coletivo geralmente mantenha o ódio em alto grau, estimule a imitação e credulidade e fomenta a obediência, permanece o fato de que a própria unificação, mesmo quando não auxiliada pelas manipulações da liderança, intensifica as reações que funcionam como agentes unificadores.

Isto, à primeira vista, é um fato surpreendente. Vimos que muitos fatores unificadores se originam na repugnância

do indivíduo frustrado por um ego indesejável e uma existência insuportável. Mas o crente convicto que está integralmente assimilado num corpo coletivo compacto não é mais frustrado. Encontrou uma nova identidade e uma nova vida. É um dos escolhidos, prestigiado e protegido por poderes invisíveis, e destinado a herdar a terra. Seu estado de espírito é completamente oposto ao do indivíduo frustrado; contudo ele apresenta, com crescente intensidade, tôdas as reações sintomáticas de tensão interna e insegurança.

Que acontece ao indivíduo unificado?

A unificação é mais um processo de subtração do que de adição. Para ser assimilada num meio coletivo, a pessoa precisa perder a sua distinção individual. Tem de ser privada da livre escolha e do julgamento independente. Muitas de suas inclinações e impulsos naturais têm de ser suprimidos ou sufocados. Esses atos são todos de diminuição. Os elementos aparentemente acrescentados — fé, esperança, orgulho, confiança — são negativos em origem. A exaltação do crente convicto não flui de reservas de força e sabedoria, mas de um senso de libertação: foi libertado das sobrecargas inúteis de uma existência autônoma. "Nós alemães somos tão felizes. Estamos livres da liberdade."<sup>52</sup> Sua felicidade e fortaleza provém de não serem mais eles mesmos. Os ataques contra o ego não podem tocá-los. Seus poderes de suportar tudo, quando estão à mercê de um inimigo implacável ou enfrentam circunstâncias insustentáveis, são superiores aos do indivíduo autônomo. Mas essa invencibilidade apoia-se na linha de vida que os une ao todo coletivo. Enquanto se sinta parte dêsse todo e nada mais, ele é indestrutível e imortal. Todo o seu fervor e fanatismo são, portanto, acumulados ao redor dessa linha de vida. Seu esforço por uma unidade absoluta é mais intenso do que o vago anseio dos frustrados por uma fuga a um ego insuportável. O indivíduo frustrado ainda tem uma escolha: pode encontrar uma nova vida não só tornando-se parte de um corpo coletivo mas também mudando o seu meio ambiente ou entregando-se totalmente a algum empreendimento absorvente. O indivíduo unificado, por outro lado, não tem escolha. Precisa apegar-se ao corpo coletivo ou, como uma fôlha caída, fenecer e morrer. É duvidoso que o padre excomungado, o comunista expulso e o re-

negado chauvinista possam achar paz de espírito como indivíduos autônomos. Não podem viver por si mesmos, precisam abraçar uma nova causa e anexar-se a um novo grupo.

O crente convicto é eternamente incompleto, eternamente inseguro.

## 103

É de interesse observarmos os meios pelos quais o movimento de massa acentua e perpetua a irrealização individual de seus adeptos. Elevando o dogma acima da razão, a inteligência individual é impedida de tornar-se auto-confiante. A dependência econômica é mantida centralizando-se o poder econômico e criando deliberadamente a escassez das necessidades da vida. A auto-suficiência social é desestimulada por habitação promíscua ou instalações comunitárias, e pela participação forçada e cotidiana em funções públicas. A impiedosa censura de literatura, arte, música e ciência impede até os poucos criadores de viver vidas auto-suficientes. As devoções de igreja, partido, país, líder e credo também perpetuam um estado de irrealização. Pois cada devoção é uma válvula que exige a adaptação de uma parte complementar de fora.

Assim, as pessoas criadas na atmosfera de um movimento de massa são amoldadas em seres humanos incompletos e dependentes, mesmo que tenham dentro de si a marca de entidades auto-suficientes. Embora estranhas à frustração e sem mágoa, elas mostram ainda assim as peculiaridades de pessoas que anseiam por perderem-se e livrarem-se de uma existência irrevogavelmente estragada.

## 4.ª PARTE

### Comêço e Fim

## HOMENS DE PALAVRAS

104

Os movimentos de massa geralmente não surgem senão quando a ordem estabelecida foi desmoralizada. Essa desmoralização não é resultado automático dos erros e abusos dos que estão no poder, mas a obra deliberada de homens de palavras com razões de queixa. Quando os que podem falar estão ausentes ou não têm motivos de queixa, o estado de coisas existente, embora incompetente e corrupto, pode continuar no poder até que caia ou se destrua por si mesmo. Por outro lado, uma situação de indubitável mérito e vigor pode ser eliminada se deixar de conquistar o apoio da minoria que tem o poder de palavra.<sup>1</sup>

Como salientamos nas Secções 83 e 86, a realização e perpetuação de um movimento de massa depende da força. Um movimento de massa plenamente desabrochado é uma coisa impiedosa, e sua direção está nas mãos de fanáticos cruéis, que usam a palavra apenas para dar uma aparência de espontaneidade a um consentimento obtido por coação, mas esses fanáticos só podem aparecer e tomar o poder depois que a ordem estabelecida esteja desmoralizada e tenha perdido o apoio das massas. O trabalho preliminar de solapar as instituições vigentes, de familiarizar as massas com a idéia de reforma, e de criar a receptividade a uma nova fé, só pode

125



ser feita por homens que sejam, antes de mais nada, oradores ou escritores e sejam reconhecidos como tal por todos. Enquanto a ordem vigente funcionar de modo mais ou menos ordenado, as massas permanecerão basicamente conservadoras. Podem pensar em reformas mas não em renovação total. O extremista fanático, por mais eloquente que possa ser, parece-lhes perigoso, traçoeiro, pouco prático ou mesmo insano. Não o ouvirão. O próprio Lenine reconheceu que, quando o terreno não está pronto para eles, os comunistas "acham difícil aproximar-se das massas... e mesmo fazer com que os escutem."<sup>2</sup> Além do mais, as autoridades, mesmo se fracas ou tolerantes, provavelmente reagirão violentamente contra as táticas ativas dos fanáticos e podem obter um novo vigor com essas atividades.

As coisas são diferentes no caso do típico homem de palavras. As massas ouvem-no porque sabem que suas palavras, embora pressionem, não podem ter resultados imediatos. As autoridades ignoram-no ou usam métodos benignos para reduzi-lo. Assim, imperceptivelmente, o homem de palavras solapa as instituições estabelecidas, desmoraliza os que estão no poder, enfraquece as crenças e lealdades dominantes, e prepara o palco para o surgimento de um movimento de massa.

A divisão entre os homens de palavras, os fanáticos e os homens de ação práticos, conforme esboçamos nas secções seguintes, não deve ser considerada categórica. Homens como Gandhi e Trotsky iniciaram-se como homens de palavras aparentemente inofensivos, e mais tarde demonstraram talento excepcional como administradores ou generais. Um homem como Maomé começa como homem de palavras, e revela-se um fanático implacável, e finalmente demonstra um magnífico senso prático. Um fanático como Lenine é um mestre da palavra falada, e insuperável como homem de ação. O que tentamos sugerir com a nossa classificação é que o preparo do terreno para um movimento de massa é feito melhor pelos homens cuja principal qualidade é sua habilidade no uso da palavra escrita ou falada; que a criação de um verdadeiro movimento requer o temperamento e o talento de um fanático; e que a consolidação final do movimento é em grande parte o trabalho dos homens de ação prática.

O surgimento de uma minoria bem falante, onde antes não existia, é um passo revolucionário em potencial. Os poderes Ocidentais foram fomentadores indiretos e involuntários dos movimentos de massa na Ásia não apenas por estimularem o ressentimento (vide Secção 1) mas também por criarem minorias eloqüentes mediante uma obra educacional em grande parte filantrópica. Muitos líderes revolucionários na Índia, China e Indonésia receberam seu treinamento em instituições conservadoras do Ocidente. A universidade Americana de Beirute, dirigida e subvencionada por norte-americanos conservadores, tementes a Deus, é uma escola de revolucionários, no mundo analfabeto da Arábia. Nem existe qualquer dúvida de que os professores missionários da China forma, sem o saber, um dos que preparam o terreno para a revolução chinesa.

105

Os homens de palavras são de diversos tipos. Podem ser padres, escribas, profetas, escritores, artistas, professores, estudantes e intelectuais em geral. Nos lugares onde ler e escrever é uma arte difícil, como na China, o simples fato de ser alfabetizado pode dar a um homem a posição de orador. Situação semelhante prevalecia no antigo Egito, onde a arte de escrita figurada era monopólio de uma minoria.

Qualquer que seja o seu tipo, existe um anseio profundamente arraigado, comum a todos os homens de palavras, que determina sua atitude para com a ordem estabelecida. É um anseio pelo reconhecimento; um anseio por uma posição claramente marcada acima do comum da humanidade. Dizia Napoleão que "A vaidade fez a Revolução; a liberdade foi apenas um pretexto." Parece haver uma irremediável insegurança no âmago de todo intelectual, quer seja criativo ou não criativo. Até os mais bem dotados e prolíficos parecem viver uma vida de eterna dúvida de si mesmos e têm de provar seu valor de novo todos os dias. O que De Rémusat disse de Thiers talvez seja aplicável a todos os homens de palavras: "êle tem muito mais vaidade que ambição; e prefere consideração a obediência, e aparência de poder ao poder em si mesmo. Consultem-no constantemente, e depois façam co-

mo quizerem. Êle levará mais em conta sua deferência para com êle do que seus atos."

Há um momento, na carreira de quase todo homem de palavras dado a descobrir erros, em que um gesto de deferência ou conciliação daqueles que estão no poder poderá conquistá-lo para o seu lado. Numa determinada fase, os homens de palavras estão prontos a tornarem-se servos e cortesãos. O próprio Jesus talvez não tivesse pregado um novo Evangelho se os fariseus dominantes o tivessem acolhido, chamado Rabbi, e ouvido com deferência suas palavras. Um bispado conferido a Lutero no momento certo poderia ter esfriado seu ardor por uma Reforma. O jovem Karl Marx talvez tivesse sido atraído pelo prussianismo pelo conferimento de um título e de um importante cargo no govêrno; e Lassalle, por um título e um uniforme da côrte. É provável que, uma vez que formule uma filosofia e um programa, o homem de palavras se atenha a elas e seja imune a blandícias e aliciamentos.

Por mais que o homem de palavras de protesto se considere o paladino dos subjugados e feridos, a queixa que o anima é, com muito poucas exceções, particular e pessoal. Sua piedade é geralmente gerada pelo seu ódio aos poderes vigentes.<sup>4</sup> "Apenas uns raros e excepcionais homens possuem essa espécie de amor pela humanidade em geral que torna-os incapazes de suportar pacientemente a grande massa de mal e sofrimento, independentemente de qualquer relação que possa ter com suas próprias vidas."<sup>5</sup> Thoreau declara êsse fato com feroz extravagância: "Creio que o que tanto entristece o reformador não é a sua simpatia pelos companheiros de desgraça, mas, conquanto seja o mais sagrado filho de Deus, o seu sofrimento particular. Que êste seja sanado... e êle esquecerá seus generosos companheiros sem pedir desculpas."<sup>6</sup> Quando sua posição superior é devidamente reconhecida pelos que estão no poder, o homem de palavras em geral encontra tôdas as espécies de razões edificantes para ficar com os fortes contra os fracos. Lutero, que quando desafiou pela primeira vez a Igreja estabelecida falou livremente da "gente pobre, simples e comum",<sup>7</sup> proclamou mais tarde, quando se aliou aos príncipes germânicos, que "Deus preferiria apoiar o govêrno existente, por pior que fôsse, do que

permitir que a plebe se insurgisse, por mais justificada que ela estivesse.”<sup>8</sup> Burke, apadrinhado por lordes e nobres, falou da “multidão suja” e recomendou aos pobres “paciência, trabalho, sobriedade, frugalidade e religião.”<sup>9</sup> Os elogiados e endeusados homens de palavras na Alemanha nazista e na Rússia bolchevista não sentem qualquer impulso para ficar ao lado dos perseguidos e aterrorizados, contra os líderes cruéis e sua polícia secreta.

106

Sempre que vemos um govêrno sustentando-se além do seu período de competência, é porque existe uma inteira ausência de uma classe educada ou uma íntima aliança entre os do poder e os homens de palavras. Nos lugares onde todos os homens cultos são do clero, a igreja é invencível. Quando todos os homens cultos são burocratas ou a educação dá ao homem um estado superior de cultura, a ordem vigente é geralmente livre de movimentos de protesto.

A Igreja Católica desceu ao seu nível mais baixo no século dez, na época do Papa João XII. Foi então mais corrupta e ineficiente do que no tempo da Reforma. Mas no século dez todos os homens de cultura eram padres, enquanto que no século quinze, em consequência da invenção de imprensa e papel, o conhecimento deixara de ser monopólio da igreja. Foram os humanistas seculares que formaram a vanguarda da Reforma. Os sábios filiados à igreja ou que, como acontecia na Itália, tinham a proteção dos Papas, “demonstravam um espírito tolerante para com as instituições vigentes, inclusive os abusos eclesiásticos e, em geral, pouco se importavam que o rebalho vulgar fôsse deixado em superticiosa ignorância, pois isso era vantajoso para a sua posição.”<sup>10</sup>

A estabilidade da China Imperial, como a do antigo Egito, foi devida a uma íntima aliança entre a burocracia e os literatos. É interessante que a rebelião de Taiping, o único movimento de massa efetivo da China enquanto o Império ainda existia, tenha sido iniciada por um sábio que fracassou várias vezes no exame estatal para a mais alta casta de mandarim.<sup>11</sup>

A longa duração do Império Romano foi devida até certo ponto à integral associação entre os governantes romanos e os homens de palavras gregos. Os gregos conquistados sentiam que estavam dando leis e civilização aos conquistadores. É desconcertante ler-se como o disforme e depravado Nero, que era extravagante em sua admiração pelos helênicos, foi saudado histêricamente pelos gregos em sua visita no ano 67. Os gregos o acolheram como seu colega intelectual e artístico. "Para agradá-lo, todos os jogos foram realizados num mesmo ano. Tôdas as cidades enviaram-lhe os prêmios de suas competições. Havia sempre comissões aguardando-o, para pedir-lhe que cantasse em tôda a parte."<sup>12</sup> E êle por sua vez cumulava-os de privilégios e proclamou a liberdade da Grécia nos jogos do Istmo.

O Professor A. J. Toynbee, em *A Study of History*, cita os hexâmetros em latim que Cláudio de Alexandria escreveu elogiando Roma, quase quinhentos anos depois de César ter pôsto o pé no solo do Egito, e acrescenta: "Seria fácil provar que o Raj Britânico foi em muitos sentidos uma instituição mais benevolente e talvez mais beneficiente do que o Império Romano; mas seria difícil encontrar um Cláudio em qualquer das Alexandrias do Indostão."<sup>13</sup> Agora não é inteiramente absurdo presumir que, se os inglêses na Índia ao invés de cultivar os Nizams, Marajás, Nawabs, Gekawars e outros, tivessem feito um esforço para conquistar o intelectual hindu; se o tivessem tratado como um igual, estimulado o seu trabalho e permitido a êle uma parte do bôlo, talvez tivessem conseguido manter seu poder indefinidamente. Mas o inglêse que governou a Índia foi do tipo completamente sem aptidão para conviver com intelectuais em qualquer terra, e menos ainda na Índia. Eram homens de ação, imbuídos da fé na superioridade inata dos britânicos. Na maior parte, desdenhavam o intelectual hindu como homem de palavras e como hindu. Os britânicos na Índia tentaram preservar o reino da ação para si mesmos. Não estimularam os hindus a tornarem-se engenheiros, agrônomos ou técnicos. As instituições educacionais que estabeleceram produziam homens de palavras "pouco práticos"; e foi uma ironia do destino que êsse sistema, ao invés de salvaguardar o domínio inglêse, tenha apressado o seu fim.

O fracasso da Inglaterra na Palestina foi também em parte devido à falta de afinidade entre o típico oficial colonial britânico e os homens de palavras. A maioria dos judeus da Palestina, embora criados na ação, são por origem e tradição homens de palavras, e sensíveis a um erro. Sofriam antes a atitude desdenhosa do funcionário inglês que considerava os judeus um punhado de trocadilhistas ingratos e pouco másculos, fácil presa para os árabes guerreiros uma vez que a Inglaterra retirasse a sua mão protetora. Os judeus da Palestina também se ressentiam da tutela de funcionários medíocres, seus inferiores tanto em experiência como em inteligência. Inglêses do calibre de Julian Huxley, Harold Nicolson ou Richard Crossman talvez tivessem salvo a Palestina para o Império Britânico.

No regime bolchevista, como no nazista, é evidente uma aguda consciência da fatal relação entre os homens de palavras e o Estado. Na Rússia, os homens de letras, artistas e estudiosos partilham dos privilégios do grupo dominante. São todos funcionários civis superiores. E embora isso os faça figurar na linha de vanguarda do partido, não são sujeitos à mesma disciplina imposta ao resto da elite. No caso de Hitler, havia um diabólico realismo no seu plano de tornar o conhecimento monopólio da elite que deveria dominar o seu império mundial visionário, conservando as massas anônimas apenas alfabetizadas.

Os homens de letras da França, no século dezoito, são os mais familiares exemplos de intelectuais pioneiros de um movimento de massa. Um padrão algo semelhante pode ser encontrado nos períodos que precederam a eclosão de muitos movimentos. O terreno para a Reforma foi preparado pelos homens que satirizavam e denunciavam o clero em panfletos populares, e por homens de letras como Johann Reuchlin, que combatia e desmoralizava a cúria romana. A rápida difusão do Cristianismo no mundo romano foi em parte devida ao facto dos cultos pagãos que ele buscava suplantar já estarem profundamente desmoralizados. A desmoralização fôra feita, antes e depois do nascimento do Cristianismo, pelos filósofos

gregos que se aborreciam com a puerilidade dos cultos, denunciando-os e ridicularizando-os nas escolas e nas ruas das cidades. O Cristianismo fez pouco progresso contra o judaísmo porque a religião judaica tinha o ardente apoio dos homens de palavras judeus. Os rabbis e seus discipulos possuíam uma posição eminente na vida judaica daquela época, onde a escola e o livro suplantava mo templo e a pátria. Em qualquer ordem social onde o reinado dos homens de palavras é assim supremo, não se pode desenvolver oposição e nenhum movimento de massa estrangeiro pode tomar pé.

Os movimentos de massa dos tempos modernos, quer socialistas ou nacionalistas, foram invariavelmente advogados por poetas, escritores, historiadores, estudiosos, filósofos e semelhantes. A associação entre os teóricos intelectuais e os movimentos revolucionários não precisa ser salientada. Mas é igualmente verdadeiro que todos os movimentos nacionalistas — desde o culto à Pátria na França revolucionária até o último levante nacionalista na Indonésia — foram concebidos por intelectuais perfeccionistas, e não por homens de ação. Os gerais, industriais, latifundiários e homens de empresa que são considerados pilares do patriotismo são aliados de última hora, que entram no movimento depois que êste se tornou concreto.

O esforço mais estrênuo da fase inicial de qualquer movimento nacionalista consiste em convencer e conquistar êsses futuros pilares do patriotismo. O historiador checo Palacky disse que se desabasse o teto de uma sala onde êle e alguns amigos jantavam certa noite, não haveria movimento nacionalista checo.<sup>14</sup> Êsses grupos de homens de palavras pouco práticos estão no início de todos os movimentos nacionalistas. Os intelectuais alemães foram os fundadores do nacionalismo germânico, assim como os intelectuais judeus foram os fundadores do Sionismo. É o profundo anseio do homem de palavras por uma posição eminente que o torna supersensível a qualquer humilhação imposta à classe ou à comunidade (racial, lingüística ou religiosa) à qual pertence, embora vagamente. Foi humilhação que Napoleão infligiu aos alemães, particularmente aos prussianos, que levou Fichte e os intelectuais alemães a reunirem as massas para formar uma nação poderosa que dominaria a Europa. Theodoro

Herzl e os intelectuais judeus foram levados ao Sionismo pela humilhação imposta a milhares de judeus na Rússia, e pelas calúnias às quais os judeus eram sujeitos em toda a Europa continental em fins do século dezenove. Até certo ponto, o movimento nacionalista que forçou os ingleses para fora da Índia teve sua origem na humilhação de um esquelético homem de palavras hindu, de óculos, na África do Sul.

É fácil ver como o homem de palavras perfeccionista, pelo ridículo e denúncias persistentes, abala as crenças e lealdades existentes e familiariza as massas com a idéia de reforma. O que não é tão evidente, é o processo pelo qual a desmoralização das crenças e instituições vigentes torna possível a eclosão de uma nova fé fanática. Pois um fato marcante é que o homem de palavras militante, que "sonda a ordem estabelecida até suas raízes para marcar sua falta de autoridade e de justiça",<sup>15</sup> muitas vezes prepara o terreno não para uma sociedade de indivíduos livre-pensadores, mas para uma sociedade coletiva que venera a absoluta unidade e a fé cega. Uma larga divulgação de dúvida e irreverência leva, portanto, a resultados inesperados. A irreverência da Renascença foi um prelúdio do novo fanatismo da Reforma e da Contra-Reforma. Os franceses do Iluminismo, que depreciavam a Igreja e a Corôa e pregavam a razão e a tolerância, causaram uma explosão de fanatismo revolucionário e nacionalista que ainda não foi debelada. Marx e seus seguidores desmoralizaram a religião, o nacionalismo e a busca apaixonada do êxito financeiro, e trouxeram à luz o novo fanatismo do socialismo, comunismo, nacionalismo estalinista e a paixão pelo domínio do mundo.

Quando depreciamos uma fé fanática ou um preconceito, não golpeamos a raiz do fanatismo. Simplesmente impedimo-lo de extravazar num certo ponto, com o provável resultado de que extravaze em algum outro. Assim, denegrindo as crenças e lealdades existentes, o homem de palavras militante cria involuntariamente nas massas desiludidas uma fome de fé, pois a maioria das pessoas não pode suportar a esterilidade e inutilidade de suas vidas a menos que alguma



dedicação fervorosa, ou alguma busca apaixonada onde possam perder-se. Assim, apesar de si mesmo, o homem de palavras que reclama torna-se precursor de uma nova fé.

O autêntico homem de palavras pode por si mesmo viver sem fé num absoluto. Dá tanto valor à busca da verdade quanto à própria verdade. Aprecia o choque de pensamentos e o dá e toma da controvérsia. Se formula uma filosofia e uma doutrina, elas são mais uma exibição do seu brilhantismo e um exercício de dialética do que um programa de ação e os mandamentos de uma fé. Sua vaidade, é certo, muitas vezes leva-o a defender suas especulações com selvageria e virulência, mas seu apêlo é geralmente à razão e não à fé. Os fanáticos e as massas sedentas de fé, entretanto, têm uma tendência a investir tais especulações com a certeza de um rito sagrado, e transformá-las na fonte de uma nova fé. Jesus não era Cristão, e nem Marx era marxista.

Resumindo, o homem de palavras militante prepara o terreno para a eclosão do movimento de massa: 1) desmoralizando os credos e instituições vigentes e retirando deles o apoio do povo; 2) criando indiretamente uma sede de fé no coração daqueles que não podem viver sem ela, de modo que quando a nova fé seja pregada encontre uma receptividade ansiosa nas massas desiludidas; 3) fornecendo a doutrina e os *slogans* da nova fé; 4) solapando as convicções da "gente boa" — as pessoas que podem viver sem fé — de modo que quando o fanatismo fizer sua aparição, estejam sem capacidade para resistir-lhe. Não vêm sentido algum em morrer por convicções e princípios, e apegam-se à nova ordem sem luta.<sup>16</sup>

Assim, quando o intelectual irreverente faz a sua obra,

Os melhores não têm qualquer convicção, enquanto  
Os piores enchem-se de apaixonada intensidade.  
Certamente alguma revelação está para acontecer  
Certamente a Segunda Vinda está chegando  
O palco está preparado para os fanáticos.<sup>17</sup>

As figuras trágicas na história de um movimento de massa são muitas vezes os intelectuais precursores que vivem o

suficiente para assistir à queda da velha ordem pela ação das massas.

A impressão de que os movimentos de massa, e as revoluções em particular, nascem da resolução das massas de afastar uma tirania corrupta e opressora, e conquistar liberdade de ação, de palavra e de consciência, tem sua origem na onda de palavras exaradas pelos fundadores intelectuais do movimento, em suas escaramuças com a ordem estabelecida. O fato dos movimentos de massa, ao surgirem, manifestarem menor liberdade individual<sup>18</sup> do que a ordem que suplantaram é, geralmente, atribuído ao truque de um instrumento sedento de poder, que se apossa do movimento a uma certa altura crítica e rouba às massas a liberdade que desabrochava. Na realidade, os únicos roubados nesse processo são os precursores intelectuais. Eles se levantam contra a ordem dominante, desvendam a sua irracionalidade e incompetência, denunciam sua ilegitimidade e opressão, e exigem liberdade de expressão e de realização. Estão convictos de que as massas que respondem ao seu chamamento e ficam ao seu lado anseiam pelas mesmas coisas. No entanto, a liberdade que as massas almejam não é a liberdade de expressão própria e de auto-realização, e sim a liberdade da intolerável carga de uma existência autônoma. Desejam libertar-se "da terrível carga da livre escolha,"<sup>19</sup> da árdua responsabilidade de realizarem seus egos ineficientes e de assumir a culpa pelo produto defeituoso. Não desejam liberdade de consciência, e sim fé cega e autoritária. Eliminam a velha ordem não para criar uma sociedade de homens livres e independentes, mas para estabelecer a uniformidade, a anonimidade individual e uma nova estrutura de unidade perfeita. Não é a maldade do velho regime que combatem, mas a sua fraqueza; não a sua opressão, mas o seu fracasso em amoldá-los num todo sólido e poderoso. A persuasão do demagogo intelectual consiste não tanto em convencer o povo da vilania da ordem estabelecida como em demonstrar a sua absoluta incompetência. O resultado imediato de um movimento de massa geralmente corresponde àquilo que o povo quer. O povo não é enganado nesse processo.

A razão do destino trágico que quase sempre atinge os parteiros intelectuais de um movimento de massa é que eles

permanecem essencialmente individualistas, por mais que preguem e glorifiquem o esforço unido. Acreditam na possibilidade de felicidade individual e na validade da opinião e iniciativa individual, mas, uma vez que o movimento comece a agir, o poder cai nas mãos dos que não possuem nem fé nem respeito pelo indivíduo. E a razão dêles prevalecerem não é tanto a sua desconsideração pelo indivíduo, que lhes dá uma grande capacidade de manterem-se impiedosos, como o fato de sua atitude estar de pleno acôrdo com a paixão das massas pelo domínio.

## OS FANÁTICOS

110

Quando o momento está maduro, apenas o fanático pode criar um autêntico movimento de massa. Sem êle, a desafeição engendrada pelo homem de ação militante permanece desorientada e pode extravazar apenas em desordens inúteis e prontamente reprimidas. Sem êle as reformas iniciadas, mesmo que sejam drásticas, deixam a antiga maneira de vida intacta, e qualquer mudança de govêrno geralmente não é mais do que uma transferência de poder de um grupo de homens de ação para outro. Sem êle talvez não haja um nôvo comêço.

Quando a velha ordem começa a desintegrar-se, muitos dos homens de palavras vociferantes, que pregaram tanto tempo por aquêle dia, ficam assustados. À primeira visão do rosto da anarquia apavora-os até a medula. Esquecem tudo o que disseram sôbre "o pobre povo simples" e correm a pedir auxílio aos fortes homens de ação — príncipes, generais, administradores, banqueiros, latifundiários — que sabem como lidar com a ralé e como conter a maré do caos.

O fanático não. O caos é o seu elemento. Quando a velha ordem começa a desintegrar-se, êle arremete contra ela com tôda a sua fôrça e ousadia, para fazer com que todo o

odiado presente vá pelos ares. Rejubila-se à vista de um mundo chegando ao súbito fim. Ao diabo com as reformas! Tudo o que já existe é lixo, e não faz sentido reformar lixo. Então justifica sua vontade de anarquizar com a afirmação plausível de que não pode haver nôvo comêço enquanto o que é velho estiver sujando a paisagem. Joga de lado os amedrontados homens de palavras, se ainda estiverem por perto, embora continui a pregar as doutrinas dêles e a ventilar seus *slogans*. Só êle conhece o profundo anseio das massas em ação: o anseio por comunhão, pela dissolução da maldita individualidade na majestade e grandeza de um todo poderoso: A posteridade é quem manda; e malditos aquêles que, fora ou dentro do movimento, se apegam e veneram o presente.

111

De onde vem o fanático? Em grande parte, das fileiras dos homens de palavras não criativos. A divisão mais significativa entre os homens de palavras é entre os que podem achar realização num trabalho criativo e os que não podem. O homem de palavras criativo, não importa quão amargamente critique e deprecie a ordem vigente, está na verdade apegado ao presente. Sua paixão é reformar e não destruir. Quando o movimento de massa permanece totalmente em suas mãos, transforma-se num incidente sem conseqüências. As reformas que êle inicia são de superfície, e a vida flui por sôbre elas sem um súbita quebra. Mas isso só é possível quando a ação anárquica das massas não entra em jôgo, ou porque a velha ordem abdique sem lutas ou porque o homem de palavras se alie a fortes homens de ação no momento em que o caos ameaça instalar-se. Quando a luta com a velha ordem é amarga e caótica, e a vitória só pode ser obtida pela absoluta unidade e pelo auto-sacrifício, o homem de palavras criativo é geralmente afastado e a direção do movimento cai nas mãos dos homens de palavras não criativos — os eternos desajustados e os fanáticos depreciadores do presente.<sup>1</sup>

O homem que deseja escrever um grande livro, pintar um grande quadro, criar uma obra-prima de arquitetura, tornar-se um grande cientista, e sabe que jamais em tôda a eternidade será capaz de realizar o seu mais profundo desejo, não

pode encontrar paz numa ordem social estável — velha ou nova. Vê a sua vida irrevogavelmente estragada e o mundo perpétuamente fora dos eixos. Só fica à vontade num estado de caos. Mesmo quando se submete ou impõe uma disciplina férrea, não está senão submetendo o instrumento indispensável para atingir um estado de eterno fluxo, eterna realização.

Só quando se dedica à reforma pode ter um senso de libertação e o sentimento de estar crescendo e desenvolvendo-se. Como jamais pode reconciliar-se com seu ego, teme o finalismo e a fixidez da ordem de coisas. Marat, Robespierre, Lenine, Mussolini e Hitler são exemplos notáveis de fanáticos surgidos das fileiras dos homens de palavras não criativos. Peter Vieneck salienta que muitos dos grandes nazistas tinham ambições artísticas e literárias que não puderam realizar. Hitler tentou a pintura e a arquitetura: Goebbels, o teatro, o romance e a poesia; Rosenberg, a arquitetura e a filosofia; Von Shirack, a poesia; Funk, a música; Streicher, a pintura. "Todos eram fracassados, não só pelo critério vulgar do sucesso como pelo seu próprio critério artístico." Suas ambições artísticas e literárias "eram a princípio bem mais profundas do que as ambições políticas; eram parte integrante de suas personalidades."<sup>2</sup>

O homem de palavras criativo sente-se mal na atmosfera de um movimento ativo. Sente que sua agitação e paixão solapam suas energias criadoras. Enquanto está consciente do fluxo criador em si mesmo, não acha satisfação em liderar milhões de pessoas e em levá-las a vitórias. Em consequência, uma vez que o movimento começa a funcionar, ou retira-se voluntariamente ou é pôsto de lado. E, o que é mais, como o autêntico homem de palavras não pode jamais suprimir completamente e por muito tempo sua faculdade crítica, êle é inevitavelmente transformado no papel do hereje. Assim, a menos que o homem de palavras criativo auxilie o movimento recém-nascido aliando-se com homens de ação práticos, ou a menos que morra no momento certo, é provável que termine numa reclusão completa, no exílio, ou enfretando um pelotão de fuzilamento.

O perigo do fanático para o desenvolvimento de um movimento é que êle não pode ficar parado: Uma vez conquistada a vitória e cristalizada a nova ordem, o fanático se torna um elemento de tensão e desagregação. O gôsto pelos sentimentos fortes leva-o a buscar mistérios ainda não revelados e portas secretas ainda por abrir. Continua apreciando os extremos. Assim, no auge da vitória, muitos movimentos de massa acham-se sob as garras da dissensão. O ardor que ontem encontrava uma válvula de escape numa luta de vida e morte com inimigos exteriores agora extravaza em disputas violentas e em choques de facções. O ódio tornou-se um hábito. Não tendo mais inimigos externos para destruir, os fanáticos se tornam inimigos uns dos outros. Hitler — que era uma fanático — diagnosticou com precisão o estado de espírito dos fanáticos que conspiravam contra êle nas fileiras do Partido Nacional-Socialista. Em sua ordem aos novos chefes da SA após o expurgo de Rohm em 1934, êle fala daqueles que não podiam ficar quietos "... sem percebê-lo, (êles) encontraram no niilismo a sua última profissão de fé... sua inquietação e agitação só pode achar satisfação em alguma atividade conspiradora da mente, em tramar perpétuamente a desintegração de quaisquer instituições do momento."<sup>3</sup> Como freqüentemente acontecia com Hitler, suas acusações contra antagonistas (dentro e fora do Reich) eram uma auto-revelação. Êle também, particularmente em seus últimos dias, achou no niilismo sua "última filosofia e seu adeus."<sup>14</sup>

Os fanáticos, se forem deixados à vontade, podem dividir o movimento em cismas e heresias que ameaçam sua existência. Mesmo quando os fanáticos não alimentam a dissensão, podem ainda arruinar o movimento levando-o a tentar o impossível. Só o aparecimento de um homem de ação pode salvar as conquistas do movimento.

## OS HOMENS DE AÇÃO PRÁTICOS

113

O movimento de massa é gerado por homens de palavras, materializado por fanáticos e consolidado por homens de ação.

Em geral é uma vantagem para o movimento, e talvez um pré-requisito para sua permanência, que êsses papéis sejam desempenhados por homens diferentes, sucedendo-se uns aos outros à medida que as condições o exijam. Quando a mesma pessoa ou pessoas (ou o mesmo tipo de pessoa) lidera um movimento da sua concepção à sua maturidade, êsse geralmente redundando em fracasso. Os movimentos fascistas e nazistas não tiveram uma mudança sucessiva de liderança, e ambos terminaram em desastre. Foi o fanatismo de Hitler, sua incapacidade de estabelecer-se e fazer o papel de um homem de ação prático, que arruinou o seu movimento. Se Hitler houvesse morrido em meados da década de 1930, pouca dúvida existe de que um homem de ação, do tipo de Goering, tê-lo-ia sucedido na liderança e o movimento teria sobrevivido.

Há, naturalmente, a possibilidade de uma mudança de caráter. Um homem de palavras pode transformar-se num autêntico fanático ou num prático homem de ação. Contudo, a



evidência indica que tais metamorfoses são geralmente temporárias, e que mais cedo ou mais tarde há uma reversão ao tipo original. Trotsky era essencialmente um homem de palavras — vaidoso, brilhante, e individualista até a raiz. O cataclísmico colapso de um Império e a sobrepujança de Lenine levaram-no ao campo dos fanáticos. Na guerra civil, demonstrou talento insuperável como organizador e general. Mas no momento em que a tensão afrouxou, no fim da guerra civil, era novamente um homem de palavras, sem destemor e com negras suspeitas, pondo a sua confiança em palavras mais do que na força incessante, e deixou-se pôr de lado pelo hábil fanático Stalin.

O próprio Stalin era uma combinação de fanático e homem de ação, com a côr fanática dos *kulaks* e de seus rebentos, o terror dos expurgos, o pacto com Hitler, a desajeitada intromissão no trabalho criador de escritores, artistas e cientistas — eram atitudes de um fanático. Os russos tinham pouca chance de gozar as alegrias do presente enquanto Stalin, o fanático, estivesse no poder.

Hitler também foi primordialmente um fanático, e seu fanatismo viciou suas notáveis realizações como homem de ação.

É claro que existem raros líderes como Lincoln, Gandhi, e até mesmo Franklin Roosevelt, Churchill e Nehru. Eles não hesitam em domar as fomes e mêdos do homem para formar seguidores e torná-los zelosos até a morte a serviço de uma causa sagrada; mas, ao contrário de Hitler, Stalin ou mesmo Lutero e Calvino,<sup>1</sup> não são tentados a usar a argamassa de almas frustradas para cimentar a construção de um nôvo mundo. A auto-confiança dêsses raros líderes deriva e mescla-se com a sua fé na humanidade, pois sabem que ninguém pode ser honrado a menos que honre a humanidade.

O homem de ação salva o movimento das dissensões suicidas e da ousadia dos fanáticos. Mas sua aparição geralmente marca o fim da fase dinâmica do movimento. A guerra com o presente terminou. O autêntico homem de ação fica atento não para renovar o mundo mas para possuí-lo. Enquanto a vida da fase dinâmica era o protesto e o desejo de reforma

drástica, a fase final se preocupa principalmente com a administração e perpetuação do poder conquistado.

Com o aparecimento do homem de ação, o vigor explosivo do movimento é embalsamado e confinado em instituições santificadas. O movimento religioso cristaliza-se em hierarquia e ritual; o movimento revolucionário, em órgãos de vigilância e administração; o movimento nacionalista, em instituições governamentais e patrióticas. O estabelecimento de uma Igreja marca o fim do espírito reavivador; os órgãos de uma revolução triunfante liquidam a mentalidade e a técnica revolucionárias; as instituições governamentais de uma nação nova ou reavivada põem um fim à beligerância chauvinista. As instituições congelam o padrão de ação unida. Os membros do corpo coletivo institucionalizado devem agir como um só homem, mas precisam representar uma agregação afrouxada e não uma coalisão espontânea. Precisam ser unificados apenas pela sua inquestionável lealdade às instituições. A espontaneidade é suspeita, e o dever é venerado acima da devoção.

## 115

A principal preocupação de um homem de ação, quando assume o poder no "chegado" momento, é fixar e perpetuar sua unidade e disposição para o auto-sacrifício. Seu ideal é um todo compacto, invencível, que funcione automaticamente. Para realizar isto não pode confiar no entusiasmo, pois o entusiasmo é efêmero. A persuasão também é imprevisível. Ele se inclina, portanto, a confiar principalmente na força e coação. Acha que a afirmação de que todos os homens são covardes é menos questionável do que a de que todos os homens são tolos, e, nas palavras de Sir John Maynard, inclina-se a fundar a nova ordem sobre as costas do povo e não sobre o seu coração.<sup>2</sup> O autêntico homem de ação não é um homem de fé e sim um homem de leis.

Ainda assim, ele não pode impedir-se de ficar perplexo ante as tremendas realizações da fé e espontaneidade nos primeiros tempos do movimento, quando um poderoso instrumento de poder foi evocado do nada. A recordação disso ainda está extremamente viva. Portanto, toma grande cuidado em preservar as novas instituições uma impressionante fa-

chada de fé, e mantém um fluxo incessante de propaganda ardorosa, embora confie principalmente na persuasão da força. Suas ordens são expressas em vocabulário piedoso, e as velhas fórmulas e *slogans* estão continuamente nos seus lábios. Os símbolos de fé são elevados bem alto e reverenciados. Os homens de palavras e os fanáticos do primeiro período são canonizados. Embora os dedos de aço da coação, se façam sentir por toda a parte, e se dê grande ênfase à coação mecânica, as frases pias e a propaganda fervorosa à coação uma aparência de persuasão, e ao hábito uma aparência de espontaneidade. Nenhum esforço é poupado para apresentar a nova ordem como a gloriosa consumação das esperanças e lutas dos primeiros tempos.

O homem de ação é eclético nos métodos que utiliza para dotar a nova ordem de estabilidade e permanência. Ele toma emprestado dos próximos e dos distantes, de amigos e inimigos. Chega a ir até a velha ordem que precedeu o movimento para apropriar-se de muitas de suas técnicas de estabilidade, dando assim, não intencionalmente, uma continuidade ao passado. A instituição de um ditador absoluto, que é característica desta fase, é tanto o emprêgo deliberado de um instrumento como a manifestação de uma grande sede de poder. O bisantinismo é provavelmente conspicuo no nascimento e no declínio de uma organização. É a expressão do desejo por uma padrão estável, e pode ser empregado quer para dar forma ao que ainda é amorfo quer para reunir o que parece estar se desagregando. A infalibilidade do bispo de Roma foi proposta por Irineu (século dois), nos primeiros dias do papado, e por Pio IX em 1870, quando o papado parecia estar à beira da extinção.

Assim, a ordem instituída por um homem de ação é uma colcha de retalhos. A Rússia de Stalin foi uma colcha de retalhos de bolchevismo, czarismo, nacionalismo, pan-escravagismo, ditadura tomada de empréstimo a Hitler, e capitalismo monopolista. O Terceiro Reich de Hitler era um conglomerado de nacionalismo, racismo, prussianismo, ditadura tomada do fascismo, bolchevismo, shintoísmo, catolicismo e dos antigos hebreus. O Cristianismo também, quando, depois dos conflitos e dissensões dos primeiros séculos, se cristalizou numa Igreja autoritária, era uma colcha de retalhos do velho e do

nôvo e de coisas empréstimo de amigos e inimigos .Padronizou a sua hierarquia segundo a burocracia do Império Romano, adotou partes do antigo ritual, desenvolveu a instituição de um líder absoluto, e utilizou todos os meios para absorver todos os elementos existentes de vida e poder.<sup>3</sup>

116

Nas mãos de um homem de ação, o movimento de massa deixa de ser um refúgio contra as agonias de sobrecargas de uma existência individual e torna-se um meio de auto-realização para os ambiciosos. A irresistível atração que o movimento então exerce sobre aqueles que estão preocupados com sua carreira individual é uma clara indicação da drástica mudança no seu caráter e de sua reconciliação com o presente. É bem claro, também, que o influxo desses homens de carreira acelera a transformação do movimento num empreendimento. Hitler, que tinha uma clara visão de todo o curso do movimento mesmo ao tempo em que ainda acalentava seu recém-nascido Nacional-Socialismo, advertiu que um movimento só mantém sua força enquanto nada oferece no presente — apenas “honra e fama aos olhos da posteridade”, e que quando é invadido por aqueles que querem fazer do presente o máximo “a missão de tal movimento está liquidada.”<sup>4</sup>

O movimento, nesta fase, ainda se preocupa com os frustrados — não para dominar-lhes o descontentamento numa luta mortal com o presente, mas para reconciliá-los com este; para torná-los pacientes e humildes. A eles oferece a esperança distante, o sonho e a visão.<sup>5</sup> Assim, ao fim do seu período mais vigoroso, o movimento é um instrumento de poder para os bem sucedidos e um ópio para os frustrados.

---

BONS E MAUS MOVIMENTOS DE MASSA*A falta de atração e Esterilidade da Fase Ativa*

117

Este livro trata principalmente da fase ativa dos movimentos de massa — a fase moldada e dominada pelo crente convicto. É nesta fase que os movimentos de massa de todos os tipos muitas vezes manifestam os traços comuns que tentamos delinear. Ora, ao que parece, não importa quão nobre seja o objetivo original de um movimento e quão benéfico o resultado final, sua fase ativa certamente nos parece desagradável, senão de todo má. O fanático que personifica esta fase é geralmente um tipo humano pouco atraente. É impiedoso, convencido, crédulo, beligerante, mesquinho e rude. Muitas vezes está pronto a sacrificar parentes e amigos por sua causa sagrada. A absoluta unidade e disposição para o auto-sacrifício, que dão ao movimento ativo um irresistível impulso e permite-lhe empreender o impossível, são geralmente alcançadas com sacrifício de muita coisa agradável e preciosa para o indivíduo autônomo. Nenhum movimento de massa, por mais sublime que seja sua fé e por mais valioso que seja o seu objetivo, pode ser bom se sua fase ativa fôr longa; e particularmente se fôr seguida, depois de firmado o movimento, por uma disputa do poder. Os movimentos de massa que

consideramos mais ou menos benéficos — a Reforma, as revoluções Puritana, Francesa e Americana, e muitos movimentos nacionalistas dos últimos cem anos — tiveram fases relativamente curtas, embora trouxessem, enquanto duraram, em maior ou menor grau, a marca do fanático. O líder de movimento de massa que beneficia seu povo e a humanidade sabe não só como iniciar um movimento, mas, como Gandhi, quando encerrar sua fase ativa.

Quando um movimento de massa conserva durante gerações o padrão formado na sua fase ativa (como no caso da Igreja militante através da Idade Média), ou quando por uma sucessiva adição de prosélitos fanáticos sua ortodoxia é continuamente reforçada (como no caso do Islam<sup>1</sup>), o resultado é uma era de estagnação — uma idade negra. Sempre que encontramos um período de verdadeira criatividade associado a um movimento de massa, é quase sempre um período que precede ou, mais freqüentemente, que se segue à fase ativa. Desde que a fase ativa do movimento não seja demasiado longa e não envolva excessivo derramamento de sangue e destruição, o seu término, particularmente se fôr repentino, faz eclodir um florescimento da criatividade. Isso parece ser verdadeiro quando o movimento termina em triunfo (como no caso da Rebelião Holandesa) e quando termina em derrota (como no caso da Revolução Puritana). Não é o idealismo e o fervor do movimento que causam qualquer renascença cultural subsequente, e sim o repentino afrouxamento da disciplina coletiva e a libertação do indivíduo da atmosfera sufocante da fé cega e do desdém pelo ego e pelo presente. Algumas vèzes, o anseio de preencher o vácuo deixado pela perda da causa sagrada desertada torna-se um impulso criador.<sup>2</sup>

A fase ativa em si mesma é estéril. Trostsky sabia que "Os períodos de alta tensão nas paixões sociais deixa pouco lugar para a contemplação e reflexão. Tôdas as musas — até mesmo a musa plebéia do jornalismo apesar de seus quadrís avantajados — passam maus pedaços em tempos de revolução."<sup>3</sup> Por outro lado, Napoleão e Hitler foram morficados pela qualidade anêmica da literatura e arte produzida em sua época heróica e clamavam por obras-primas dignas dos poderosos feitos do tempo. Não tiveram sequer a percepção de que a atmosfera de um movimento ativo sufoca ou abafa o es-

pírito criador. Milton, que em 1640 era um poeta altamente promissor, com um rascunho do *Paraíso Perdido* no bôlso, passou vinte anos estêreis escrevendo panfletos, imerso até o percoço num "mar de ruídos e disputas violentas"<sup>5</sup> que foi a Revolução Puritana. Com a morte da revolução, e caído em desgraça, produziu *Paradise Lost*, *Paradise Regained* e *Samson Agonistes*.

A interferência de um movimento de massa ativo com o processo criador é profunda e múltipla: 1) o fervor que ela gera drena as energias que fluiriam para um trabalho criador e tem o mesmo efeito sôbre a criatividade que a dissipação. 2) Subordina o trabalho criador ao avanço do movimento. Literatura, arte e ciência devem ser propagandísticas e "práticas." O escritor, artista ou cientista convicto não cria para expressar-se ou para salvar sua alma ou para descobrir o real e o belo. Sua tarefa, tal como a vê, é advertir, glorificar e denunciar. 3) Quando o movimento de massa abre vastos campos de ação (guerra, colonização, industrialização), há outra drenagem da energia criadora. 4) o estado de espírito fanático em si pode sufocar tôdas as formas de trabalho criador. O desdém do fanático pelo presente cega-o para a complexidade e raridade da vida. As coisas que emocionam o trabalhador criativo parecem-lhe triviais ou corruptas. "Nossos escritores precisam marchar em fileiras cerradas, e aquêle que parar ao lado da estrada para colhêr flôres será como um desertor." Estas palavras de Konstantine Simonov ecoam as idéias e as próprias palavras dos fanáticos de tôdas as idades. Disse o Rabbi Jacó (primeiro século): "Aquêle que anda no caminho: ... e interrompe seu estudo (do Torá) dizendo — como é bela esta árvore — ou — como é belo êste campo arado — ... tornou-se culpado perante sua própria alma."<sup>6</sup> São Bernardo de Clerveaux andava o dia inteiro às margens do lago de Genebra sem jamais ver o lago. Em *Refinement of the Arts*, David Hume conta do monge "que, só porque as janelas de sua cela abriam para uma nobre perspectiva, fêz um convênio com seus olhos de jamais se voltarem para aquê-le lado." A cegueira do fanático é uma fonte de resistência

(êle não vê obstáculo), mas é causa de esterilidade intelectual e monotonia emocional.

O fanático é também mentalmente teimoso, e por isso vedado a novos começos. Na raiz de sua teimosia há a convicção de que a vida e o universo se conformam com uma simples fórmula — a sua fórmula. Portanto, não possui aquêles intervalos de frutífera indagação, em que a mente parece estar em solução: pronta para tôdas as formas de novas reações, novas combinações e novos começos.

## 119

Quando um movimento de massa ativo apresenta originalidade, ela é geralmente uma originalidade de aplicação e de escala. Os princípios, métodos, técnicas, etc. que o movimento de massa aplica e explora são em geral produto de uma criatividade que era ou ainda é ativa fora da esfera do movimento. Todos os movimentos de massa ativos possuem aquela incrível mania de imitação que costumamos associar aos japoneses. Mesmo no campo da propaganda, os nazistas e comunistas imitam mais do que criam. Vendem sua marca de causa sagrada do mesmo modo que o anunciante capitalista vende sua marca de sabonete ou de cigarro.<sup>7</sup> Muito daquilo que nos parece nôvo nos métodos comunistas e nazistas provém do fato de estarem dominando (ou tentando dominar) vastos impérios territoriais, do mesmo modo que a Ford ou a DuPont governam seu império industrial. Talvez o sucesso da experiência comunista dependa sempre do processo contínuo de criatividade que existe no mundo não comunista. Os violentos homens do Kremlin acham que é uma magnânima concessão dizerem que o comunismo e o capitalismo podem continuar lado a lado por muito tempo. Na verdade, se não existissem sociedades livres fora da órbita comunista, talvez êles achassem necessário estabelecê-las por *ukase*.

### *Alguns Fatores que Determinam a Extensão da Fase Ativa*

## 120

O movimento de massa com um objetivo concreto, limitado, tem provavelmente uma fase ativa mais curta que o mo-



vimento com objetivo nebuloso, indefinido. O objetivo vago é talvez indispensável para o desenvolvimento do extremismo crônico. Disse Oliver Cromwel: "O homem jamais vai tão longe como quando não sabe aonde vai."<sup>8</sup>

Quando o movimento de massa é pôsto em ação para livrar a nação da tirania, quer nacional quer estrangeira, ou para resistir ao agressor, ou para renovar uma sociedade atrasada, há um ponto terminal natural uma vez que a luta com o inimigo termine, ou o processo de reorganização esteja próximo de completar-se. Por outro lado, quando o objetivo é uma sociedade ideal de perfeita unidade e altruísmo — quer seja a cidade de Deus, um paraíso comunista na terra, ou o Estado guerreiro de Hitler — a fase ativa não tem fim automático. Quando a unidade e o auto-sacrifício são indispensáveis para o funcionamento normal de uma sociedade, a vida cotidiana assume o aspecto religioso (tarefas comuns transformadas em causas sagradas) ou o aspecto militarizado. Em qualquer dos casos, o padrão estabelecido pela fase ativa será provavelmente fixo e contínuo. Jacob Burckhardt e Ernest Renan estavam entre os poucos que, na esperançosa segunda metade do século dezenove, sentiam ominosas implicações espreitando o milênio seguinte. Burckhardt viu a sociedade militarizada: "Tenho um pressentimento que soa como loucura completa, e que contudo positivamente não me deixa: o Estado militar deve tornar-se uma grande fábrica... O que deve logicamente vir é uma definida e supervisionada restrição da matéria, com promoções e uniformes, e dias começando a findando com o som dos tambores."<sup>9</sup> Renan teve uma intuição mais profunda. Sentiu que o socialismo seria a futura religião do Ocidente, e que sendo uma religião secular levaria a uma religionização da política e da economia contra a nova religião: "Devemos tremer. Neste mesmo momento, talvez, a religião do futuro está em gestação; e não temos parte nela!... A credulidade tem raízes profundas. O socialismo pode trazer de volta, com a cumplicidade do catolicismo, uma nova Idade Média, com bárbaros, igrejas, eclipse da liberdade e da individualidade — numa palavra, da civilização."<sup>10</sup>

Pode-se talvez extrair alguma esperança do fato de que, em muitos casos em que a tentativa de realizar uma sociedade ideal deu nascimento ao horror e violência de um prolongado movimento de massa ativo, a experiência foi feita em grande escala e com uma população heterogênea. Esse foi o caso da eclosão do Cristianismo e do Islamismo, e das revoluções Francesa, Russa e Nazista. As promissoras propriedades coletivas no pequeno Estado de Israel e o bem sucedido programa de socialização nos pequenos países escandinavos indicam talvez que, quando a tentativa de realizar uma sociedade ideal é empreendida por uma pequena nação com população mais ou menos homogênea, isso pode prosseguir e obter êxito numa atmosfera que não é violenta nem coercitiva. O horror que uma nação pequena tem de perder seu precioso material humano, sua necessidade premente de harmonia interna e coesão como salvaguarda contra a agressão de fora, e finalmente o sentimento de seu povo de ser uma só família, tornam possível estimular uma disposição de cooperação absoluta sem recorrer à religião ou ao militarismo. Seria provavelmente uma felicidade para o Ocidente que as experiências sociais fôssem feitas por pequenos países, com populações homogêneas, civilizadas. O princípio de uma fábrica-piloto, praticado em indústrias de produção em massa, poderia assim ser empregado na realização do progresso social. Que as pequenas nações poderiam dar ao Ocidente o modelo de um futuro esperançoso seria parte de um padrão longamente estabelecido. Foram os pequenos Estados do Oriente Médio, Grécia e Itália, que nos deram a sua religião e os elementos essenciais de sua cultura e civilização.

Existe uma outra relação entre a qualidade das massas e a natureza e duração de um movimento de massa ativo. O fato é que os japoneses, russos e alemães, que permitiram a interminável continuação de um movimento de massa sem sinais de oposição, haviam sido submetidos a um jugo ou uma disciplina de ferro durante gerações antes de surgirem seus respectivos movimentos de massa modernos. Lenin tinha consciência da enorme vantagem que a submissão das massas russas lhe dava: "Como se pode comparar (exclamou) as mas-

sas da Europa Ocidental com o nosso povo tão paciente, tão acostumado à privação?"<sup>11</sup> Quem quer que leia o que Madame de Staël disse dos alemães há mais de um século não poderá senão compreender o material ideal que eles são para um interminável movimento de massa: "Os alemães são fortemente submissos. Empregam raciocínio filosófico para explicar a coisa menos filosófica do mundo, o respeito à força e o medo que transforma esse respeito em admiração."<sup>12</sup>

Não se pode afirmar com certeza que seria impossível a Hitler ou a Stalin surgirem num país com uma tradição firme de liberdade. O que se pode afirmar com alguma plausibilidade é que num país tradicionalmente livre um Hitler ou um Stalin poderiam não achar dificuldade em alcançar o poder, mas achariam extremamente difícil manterem-se indefinidamente. Qualquer melhoria marcante nas condições econômicas iria quase certamente ativar a tradição de liberdade, que é uma tradição de revolta. Na Rússia, conforme observamos na Secção 45, o indivíduo que ficava contra Stalin não tinha com que identificar-se, e sua capacidade de resistir à coação era nula. Mas num país tradicionalmente livre, o indivíduo que se situa contra a coação não se sente um átomo humano isolado e sim um membro de uma raça poderosa — seus ancestrais rebeldes.

## 122

A personalidade do líder é provavelmente um fator essencial na determinação da natureza e duração de um movimento de massa. Líderes raros como Lincoln e Gandhi não só tentam dominar o mal inerente a um movimento de massa como também querem pôr fim ao movimento quando seu objetivo está mais ou menos realizado. São dos raros homens em quem "o poder desenvolveu grandeza e generosidade de alma."<sup>13</sup> A mente medieval de Stalin e sua agressividade tribal foram fatores preponderantes no prolongado dinamismo do movimento comunista. É inútil especular sobre o que a Revolução Russa poderia ter sido, se Lenine tivesse vivido uma ou duas décadas mais. Temos a impressão de que ele não tinha o barbarismo de alma tão evidente em Hitler e Stalin, que, como disse Heráclito, fazia dos olhos e ouvidos "teste-

munhas malélicas das obras do homem." Stalin amoldou seus possíveis sucessores à sua própria imagem, e o povo russo pode provavelmente esperar maior dose da mesma coisa nas próximas décadas. A morte de Cromwell pôs fim à Revolução Puritana, enquanto que a morte de Robespierre marcou o fim da fase ativa da Revolução Francesa. Se Hitler tivesse morrido em meados da década de 1930, o nazismo provavelmente teria apresentado, sob a liderança de Goering, uma alteração fundamental no seu curso, e a Segunda Guerra Mundial teria sido evitada. Contudo, o sepulcro de Hitler, fundador da religião nazista, teria sido talvez um maior mal do que tôdas as atrocidades, derramamentos de sangue e destruições da guerra de Hitler.

123

A maneira como o movimento de massa começa pode ter também algum efeito sobre a duração e o término de sua fase ativa. Quando vemos a Reforma, as revoluções Puritana, Americana e Francesa, e muitas revoltas nacionalistas, terminarem, após uma fase ativa relativamente curta, numa ordem social marcada por maior liberdade individual, estamos testemunhando a realização de exemplos que caracterizaram os primeiros dias desses movimentos. Todos eles começaram desafiando e depondo uma autoridade longamente estabelecida. Quanto mais claro esse ato inicial de desafio e quanto mais viva sua recordação na mente do povo, mais provável é a eclosão da liberdade individual. Não houve esse ato claro de desafio no início do Cristianismo. Ele não começou por depor um rei, uma hierarquia, um Estado ou uma Igreja. Os mártires existiam, mas não indivíduos sacudindo os punhos no nariz de orgulhosas autoridades e desafiando-a à vista de todo o mundo.<sup>14</sup> Daí talvez o fato da ordem autoritária criada pelo Cristianismo permanecer incólume durante mil e quinhentos anos. A eventual emancipação da mente Cristã na época da Renascença italiana tirou sua inspiração não da história da antiga Cristandade mas dos exemplos emocionantes de independência individual e desafio do passado greco-romano. Existe falta de um dramático ato de desafio semelhante no nascimento do islamismo e do corpo coletivo japonês, e em

nenhum dêles existe até hoje sinais de verdadeira emancipação individual. O nacionalismo alemão, ao contrário do nacionalismo dos países Ocidentais, não começou com um espetacular ato de desafio contra a autoridade estabelecida. Foi abrigado sob as asas do exército prussiano, em seu início.<sup>15</sup>

A semente da liberdade individual na Alemanha está no seu protestantismo e não no seu nacionalismo. A reforma, as revoluções Americana, Francesa e Puritana, e muitos movimentos nacionalistas iniciaram com uma grandiosa "abertura" de desafio individual, cuja recordação é mantida sempre verde.

Por êste teste, não devemos talvez desesperar de uma eventual eclosão da liberdade individual na Rússia.

### *Movimentos de Massa Úteis*

#### 124

Aos olhos do crente convicto, as pessoas que não têm causa sagrada não possuem espinha dorsal nem caráter, o que os torna prêsas fáceis para o homem de fé. Por outro lado, os crentes convictos de vários matizes, embora se vejam uns aos outros com ódio mortal e estejam prontos a se degladrarem, reconhecem e respeitam a força de cada um. Hitler olhava os bolchevistas como seus iguais e dava ordens de que os antigos comunistas fôssem admitidos no partido nazista imediatamente. Stalin, por sua vez, via nos nazistas e nos japoneses as únicas nações dignas de respeito. Mesmo o religioso fanático e o ateu militante não deixam de respeitar-se. Dostoiévski põe as seguintes palavras na boca do Bispo Tihon: "O ateísmo absoluto deve ser mais respeitado do que a indiferença mundana... o ateu completo está no penúltimo degrau da mais perfeita fé... mas a pessoa indiferente não tem fé alguma exceto um terrível medo."<sup>16</sup>

Todos os crentes convictos do nosso tempo — quer comunista, nazista, fascista, japonês ou católico — afirmaram volúvelmente (e os comunistas ainda o fazem) a decadência das democracias Ocidentais. O peso de sua fala é que nas democracias as pessoas são muito suaves, muito amantes do prazer e muito egoístas para morrerem por uma nação, um Deus ou uma causa sagrada. Essa falta de vontade de mor-

rer, dizem eles, indica uma ruína interior — uma decadência moral e biológica. As democracias são velhas, corruptas e decadentes. Não são um páreo para as viris congregações dos fiéis que estão a pique de herdar a terra.

Há um pouco de senso e mais que um pouco de insensatez nessas afirmações. A disposição à ação unida e ao auto-sacrifício é, como indicamos na Secção 43, um fenómeno do movimento de massa. Em tempos normais uma nação democrática é uma associação institucionalizada de indivíduos mais ou menos livres. Quando sua existência é ameaçada e é preciso unificar as pessoas e gerar nelas um espírito de absoluto auto-sacrifício, a nação democrática precisa transformar-se em algo parecido com uma igreja miiltante ou um partido revolucionário. Esse processo de religionização, embora lento e difícil, não envolve alterações muito profundas. Os próprios cren-tes convictos sugerem que a “decadência” contra a qual clamam tão veementemente não é uma decadência orgânica. Segundo os nazistas, a Alemanha estava decadente em 1920 e totalmente viril em 1930. Certamente, uma década é tempo muito curto para realizar significativas mudanças biológicas ou mesmo culturais numa população de milhões.

É verdade, contudo, que em épocas como a década de Hitler a capacidade de produzir um movimento de massa rápido é de vital importância para a nação. O domínio da arte de religionizar é um requisito essencial para o líder de uma nação democrática, embora possa não surgir a oportunidade de praticá-la. A extrema fastidiosidade intelectual ou o espírito prático do homem de negócios talvez o desqualifiquem para uma liderança nacional. Existem talvez certas qualidades na vida normal de uma nação democrática que podem facilitar o processo de religionização em tempo de crise e são portanto os elementos de uma virilidade nacional em potencial. A medida da virilidade potencial de uma nação é como que um reservatório de seus anseios. A frase de Heráclito de que “não seria melhor para a humanidade se lhe realizassem seus desejos” é tão verdadeira para as nações como para os indivíduos... Quando uma nação deixa de querer fervorosamente as coisas ou dirige seus desejos para um ideal que é concreto e limitado, sua virilidade potencial é prejudicada. Apenas um objetivo que leve por si à contínua perfeição po-

de manter uma nação potencialmente viril mesmo que seus desejos sejam continuamente atendidos. O objetivo não precisa ser sublime. O ideal bruto de um padrão de vida sempre mais alto tem mantido esta nação bastante viril. O ideal britânico do *gentleman* do campo e o ideal francês do reideiro aposentado são concretos e limitados. Esta limitação do seu ideal nacional talvez tenha algo a ver com a diminuição do dinamismo nas duas nações. Na América do Norte, Rússia e Alemanha o ideal é indefinido e ilimitado.

125

Como indicamos na Secção 1, os movimentos de massa são muitas vezes um fator no despertar e renovação de sociedades estagnadas. Embora não se possa sustentar que os movimentos de massa sejam o único instrumento efetivo de renascimento, ainda parece ser um fato que em organismos sociais grandes e heterogêneos, como a Rússia, Índia, China, o mundo árabe e até a Espanha, o processo de despertar e de renovação depende da presença de algum entusiasmo ardente e difundido que talvez apenas um movimento de massa pode gerar e manter. Quando o processo de renovação tem de ser realizado em curto prazo, os movimentos de massa podem ser indispensáveis mesmo nas pequenas sociedades homogêneas. A incapacidade de produzir um movimento de massa completo pode ser, portanto, um grave *handicap* para um organismo social. Foi talvez um dos grandes infortúnios da China nos últimos cem anos que seus movimentos de massa (a rebelião de Taiping e a revolução de Sun Yat-sen) se tivessem deteriorado ou fôssem abafados muito cedo. A China foi incapaz de produzir um Stalin, um Gandhi ou mesmo um Atatürk que pudessem manter um autêntico movimento de massa em ação por tempo suficiente para que suas reformas drásticas criassem raízes. Ortega Y Gasset é de opinião que a incapacidade de um país produzir um autêntico movimento de massa indica algum defeito étnico. Diz êle, a respeito de sua própria Espanha, que sua "inteligência étnica foi sempre uma função atrofiada e jamais teve um desenvolvimento normal."<sup>17</sup>

Provavelmente é melhor para o país que quando o seu govêrno comece a mostrar sinais de incompetência crônica se-

ja deposto por um poderoso levante de massa — mesmo que essa queda envolva uma perda considerável de vidas e riqueza — do que o deixem cair e destruir-es por si mesmo. Um verdadeiro levante popular é muitas vezes um processo revigorante, renovador e integrador. Quando os governos morrem de morte lenta, o resultado é muitas vezes a estagnação e a decadência — talvez a decadência irremediável. E como os homens de palavras geralmente desempenham um papel vital na eclosão dos movimentos de massa,<sup>18</sup> é evidente que a presença de uma minoria educada e eloqüente é indispensável para o contínuo vigor de um organismo social. É necessário, naturalmente, que os homens de palavras não estejam em íntima aliança com o governo estabelecido. A longa estagnação social do Oriente tem muitas causas, mas não há dúvida que uma das mais importantes é o fato de durante séculos a educação ter sido privilégio de poucos, e quase sempre esses poucos serem do governo, funcionários ou sacerdotes.

O efeito revolucionário do trabalho educacional feito pelos poderes colonizadores do Ocidente já foi mencionado.<sup>19</sup> Imaginamos se a capacidade da Índia de produzir um Gandhi e um Nehru é devida menos a raros elementos da cultura hindu do que à longa presença do domínio britânico. A influência externa parece ser um fator predominante no processo de renascimento social. As influências judaica e cristã foram ativas no despertar da Arábia no tempo de Maomé. No despertar da Europa depois da estagnação da Idade Média também encontramos influências externas — greco-romanas e árabes. As influências do Ocidente foram ativas no despertar da Rússia, Japão e vários países asiáticos. O ponto importante é que a influência externa não age de maneira direta. Não é a introdução de modas, maneiras, língua, modo de pensar e de fazer as coisas que abala um organismo social tirando-o da estagnação. A influência externa age principalmente pela criação de uma minoria culta onde não havia nenhuma anteriormente, ou pela alienação de uma minoria eloqüente existente do governo vigente; e é essa minoria que cumpre o trabalho da renascença pondo em ação o movimento de massa. Em outras palavras, a influência externa é apenas o primeiro elo numa cadeia de processos, cujo último elo é geralmente um movimento de massa; e é o movimento de massa que tira



o organismo social da sua estagnação. No caso da Arábia, as influências externas alienaram Maomé, o homem de palavras, do governo vigente em Meca. Ele iniciou um movimento de massa (Islamismo) que abalou e integrou a Arábia por um certo tempo. No tempo da Renascença, as influências externas (greco-romana e árabe) facilitaram o aparecimento de homens de palavras que não tinham ligação com a igreja, e também alienaram muitos homens de palavras tradicionais do domínio Católico predominante. O conseqüente movimento da Reforma tirou a Europa do seu torpor. Na Rússia, a influência européia (inclusive o marxismo) desligou dos Romanos a *intelligentsia* e a eventual revolução bolchevista ainda está em ação renovando o vasto Império Moscovita. No Japão, a influência externa reagiu não em homens de palavras mas num raro grupo de homens de ação que incluía o Imperador Meiji. Esses práticos homens de ação tinham a visão que Pedro o Grande, também homem de ação, não possuía; e tiveram êxito onde ele fracassou. Sabiam que a simples introdução de costumes estrangeiros e métodos estrangeiros não trariam o Japão à vida, nem poderiam levá-lo a recuperar em algumas décadas o atraso de séculos. Reconheceram que a arte da religionização é um fator indispensável a uma tarefa tão inédita. Puseram em ação um dos mais eficientes movimentos de massa dos tempos modernos. Os males desse movimento estão abundantemente ilustrados em todo este livro. É duvidoso, entretanto, que qualquer outro órgão de qualquer natureza pudesse ter realizado a fenomenal proeza de renovação que foi alcançada no Japão. Na Turquia, também, a influência externa reagiu no homem de ação, que foi Ataturk, e o último elo da cadeia foi um movimento de massa.

J.B.S. Haldane conta o fanatismo entre as quatro invenções realmente importantes feitas entre 3.000 A. C. e 1400 da Era Cristã. Foi uma invenção judaico-cristã. E é estranho pensar-se que, ao receber esta moléstia da alma, o mundo tenha recebido também um miraculoso instrumento para elevar as sociedades e as nações acima da morte — um instrumento de ressurreição.

## NOTAS

### Prefácio

<sup>1</sup> A palavra “frustrado” não é empregada neste livro como termo clínico. Neste caso, indica pessoas que, por uma ou outra razão, sentem que suas vidas foram desperdiçadas ou estragadas.

### 1.<sup>a</sup> Parte

#### Capítulo 1

<sup>1</sup> E. H. Carr, *Nationalism and After* (New York: Macmillan Company, 1945), pág. 20.

<sup>2</sup> Vide final da Seção 104.

<sup>3</sup> Henry David Thoreau, *Walden*, Edição Modern Library (New York, Random House, 1937), pág. 69.

<sup>4</sup> Alexis de Tocqueville, *On the State of Society in France Before The Revolution of 1789* (Londres, John Murray, 1888), págs. 198-199.

<sup>5</sup> Gênesis 11:4,6.

<sup>6</sup> Vide Seção 58.

<sup>7</sup> Karl Polany, *The Great Transformation* (New York, Farrar and Rinehart Inc., 1944), pág. 35.

<sup>8</sup> Idem, pág. 40.

#### Capítulo 2

<sup>1</sup> Adolph Hitler, *Mein Kampf* (Boston, Houghton Mifflin Company, 1943), pág. 105.

<sup>2</sup> Herman Rauschnig, *The Conservative Revolution* (New York, G. P. Putnam's Sons, 1941), pág. 189.

<sup>3</sup> Thomas Gray, *Letters*, Vol. I, pág. 137. Citado por Gamaliel Bradford, *Bace Souls* (New York, Harper & Brothers, 1924), pág. 71.

## Capítulo 3

- <sup>1</sup> Chaim Weizmann, *Trial and Error* (New York, Harper & Brothers, 1949), pág. 13.
- <sup>2</sup> Hermann Rauschning, *Hitler Speaks* (New York, G. P. Putnam's Sons, 1940), pág. 134.
- <sup>3</sup> Konrad Heiden, *Der Fuehrer* (Boston, Houghton Mifflin Company, 1944), pág. 30.
- <sup>4</sup> Fritz August Voigt, *Unto Caesar* (G. P. Putnam's Sons, 1938), pág. 283.
- <sup>5</sup> Carl L. Becker, *The Heavenly City of the Eighteenth-Century Philosophers* (New Haven, Yale University Press, 1932), pág. 155.
- <sup>6</sup> A. Mathiez, "*Les Origins des Cultes Revolutionnaires*", pág. 31. Citado por Carlton J. H. Hayes, *Essays on Nationalism* (New York, Macmillan Company, 1926), pág. 103.
- <sup>7</sup> Frantz Funck-Brentano, *Luther* (London, Jonathan Cape Ltd., 1939), pág. 278.
- <sup>8</sup> H. G. Wells, *The Outline of History* (New York, Macmillan Company, 1922), págs. 482-484.

## 2.<sup>a</sup> Parte

## Capítulo 4

- <sup>1</sup> Um exemplo benigno da moldagem combinada do melhor e do pior é observado no caso da língua. A classe média respeitável da nação obedece ao dicionário. As inovações provêm dos melhores — estadistas, poetas, escritores, cientistas, especialistas — e dos piores — os que fazem a gíria.

## Capítulo 5

- <sup>1</sup> Charles A. e Mary R. Beard, *The Rise of American Civilization* (New York, Macmillan Company, 1939), Vol. I, pág. 24.
- <sup>2</sup> Angélica Balabanoff, *My Life as a Rebel* (New York, Harper & Brothers, 1938), pág. 204.
- <sup>3</sup> Edward A. Ross, *The Changing Chinese* (New York, Century Company, 1911), pág. 92.
- <sup>4</sup> Alexis de Tocqueville, *op. cit.*, pág. 149.
- <sup>5</sup> Idem, pág. 152.
- <sup>6</sup> Lyford P. Edwards, *The Natural History of Revolution* (Chicago, University of Chicago Press, 1927), pág. 70.
- <sup>7</sup> Epístola de São Paulo Apóstolo aos Romanos, 8:25.
- <sup>8</sup> Vide Seção 116.
- <sup>9</sup> I. A. R. Wylie, "*The Quest of our Lives*", Reader's Digest, Maio, 1948, pág. 2.

- 10 Crane Brinton, *A Decade of Revolution* (New York, Harper & Brothers, 1934), pág. 161.
- 11 Ernest Renan, *The Hibbert Lectures, 1880* (Londres, Willians and Norgate, 1898), Prefácio.
- 12 Epiteto, *Discursos*, Livro I, Cap. 2.
- 13 Arthur J. Hubbard, *The Fate of Empires* (New, Longmans, Green & Company 1913), pág. 170.
- 14 Mateus, 10:35-37.
- 15 Idem, 12:47-49.
- 16 Idem, 8:22.
- 17 Idem, 10:21.
- 18 Kenneth Scott Latourette, *The Chinese, Their History and Culture* (New York, Macmillan Company, 1946), Vol. I, pág. 79.
- 19 Brooks Adams, *The Law of Civilization and Decay* (New York, Alfred A. Knopf Inc., 1943), pág. 142.
- 20 Citado por Nicolas Zernov, *Three Russians Prophets* (Toronto, Mc-Millan Company, 1944), pág. 63.
- 21 Peter F. Drucker, "The Way to Industrial Peace", Harper's Magazine Novembro, 1946, pág. 392.
- 22 Kenneth Scott Latourette, *A History of the Expansion of Christianity* (New York, Harper & Brothers, 1937), Vol. I, pág. 164.
- 23 Idem, pág. 23.
- 24 *Ibidem*, pág. 163.
- 25 Carlton J. H. Hayes, *A Generation of Materialism* (New York, Harper & Brothers, 1941), pág. 254.
- 26 H. G. Wells, *The Outline of History* (New York, Macmillan Company, 1922), pág. 719.
- 27 Theodore Abel, *Why Hitler Came into Power* (New York, Prentice-Hall, 1938), pág. 150.
- 28 Alexis de Tocqueville, *op. cit.*, pág. 152.
- 29 Mais detalhes sobre veteranos na Secção 38, e sobre a relação entre exércitos e movimentos de massa na Secção 64.

## Capítulo 6

- 1 Vide Secção 111.

## Capítulo 10

- 1 Hermann Rauschning, *Hitler Speaks* (New York, G. P. Putnam's Sons, 1940), pág. 268.
- 2 Idem, pág. 258.
- 3 Miriam Berrod, *A History of the Businessman* (New York, Macmillan Company, 1938), pág. 462.

## Capítulo 11

1 "... Haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento." Lucas, 15:7. Assim também no Talmud (citado por Joseph Klausner em *Jesus of Nazareth*, pág. 380); "Os justos não têm valor para ocupar o lugar do pecador arrependido."

2 Carta de R. S. Aldrich em *Life*, Dezembro, 1946.

3 Vide Secção 45 sobre confissões russas.

4 Citado por Brooks Adams, *The Law of Civilization and Decay* (New York, Alfred A. Knopf Inc., 1943), pág. 144.

## 3.<sup>a</sup> Parte

## Capítulo 12

1 Vide Secção 64, sobre exércitos.

2 "Entre as tribos de índios norte-americanos, aquelas que eram mais guerreiras possuíam o sentido mais intenso de unidade." W. G. Sumner, *War and Other Essays* (New Haven, Yale University Press, 1911), pág. 15.

## Capítulo 13

1 Vide mais sobre este assunto na Secção 90.

2 Christopher Burney, *The Dungeon Democracy* (New York, Duell, Sloan & Pearce, 1946), pág. 147. Vide também, sobre o mesmo assunto, Odd Nansen, *From Day to Day* (New York, G. P. Putnam's Sons, 1949), pág. 335; e ainda Arthur Keestler, *The Yogi and the Commissar* (New York, Macmillan Company, 1945), pág. 178.

3 Para outro ponto de vista sobre o assunto, vide Secção 20.

4 Ernest Renan, *History of the People of Israel* (Boston, Little, Brown & Company, 1888-1896), Vol. III, pág. 416.

5 John Buchan, *Pilgrim's Way* (Boston, Houghton Mifflin Company, 1940), pág. 183.

6 Eclesiastes 1:10.

7 *Idem*, 1:9.

8 *Ibidem*, 9:4, 5, 6.

9 Há um eco desta desconcertante verdade numa carta escrita na Noruega ao tempo da invasão nazista: "O nosso mal é que fomos tão favorecidos de tantas maneiras que muitos de nós perderam o verdadeiro espírito de auto-sacrifício. A vida tem sido tão agradável para muita gente que não estão dispostos a arriscá-la seriamente." Citado por J. D. Barry no *San Francisco News*, 22 de junho de 1940.

10 I Coríntios 1:28.

11 Jó 2:4.

- 12 Lutero, *Table Talk, Number 1687*. Citado por Frantz Buncck-Brentano, *Luther* (Londres, Jonathan Cape Ltd., 1939), pág. 246.
- 13 Henri L. Bergson, *The Two Sources of Morality and Religion* (New York, Henry Holt & Company, 1935).
- 14 Pascal, *Pensées*.
- 15 Thomas A. Kempis, *Of the Imitation of Christ* (New York, Macmillan Company, 1937), Cap. III.
- 16 Pascal, *op. cit.*
- 17 Konrad Heiden, *Der Fuehrer* (Boston, Houghton Mifflin Company, 1944), pág. 758.
- 18 Pascal, *op. cit.*
- 19 *History of the Communist Party* (Moscou, 1945), pág. 355. Citado por John Fischer, *Why They Behave Like Russians* (New York, Harper & Brothers, 1947), pág. 236.
- 20 Citado por Emile Cailliet, *The Clue to Pascal* (Toronto, Macmillan Company, 1944).
- 21 Citado por Michael Demiashkevich, *The National Mind* (New York, American Book Company, 1938), pág. 353.
- 22 Vide exemplos na Secção 14.
- 23 Fedor Dostoievski, *The Idiot*, Parte IV, Cap. 7.
- 24 Ernest Renan, *op. cit.*, Vol. V, pág. 159.
- 25 Harold Ettlinger, *The Axis on the Air* (Indianapolis, Bobbs-Merril Company, 1943), pág. 39.
- 26 Homero, *Ilíada*.
- 27 Alexis de Tocqueville, *Recollections* (New York, Macmillan Company, 1896), pág. 52.

## / Capítulo 14

- 1 Heinrich Heine, *Religion and Philosophy in Germany* (Londres, Trubner & Company, 1882), pág. 89.
- 2 Hermann Rauschning, *Hitler Speaks* (New York, G. P. Putnam's Sons, 1940), pág. 234.
- 3 Fritz August Voigt, *Unto Caesar* (New York, G. P. Putnam's Sons, 1938), pág. 301.
- 4 Adolph Hitler, *Mein Kampf* (Boston, Houghton Mifflin Company, 1943), pág. 118.
- 5 Citado por Hermann Rauschning, *op. cit.*, pág. 234.
- 6 *Idem*, pág. 235.
- 7 Vide Secção 100.
- 8 Crane Brinton, *The Anatomy of Revolution* (New York, W. W. Norton & Company Inc., 1938), pág. 62.
- 9 *Idem*.
- 10 *Ibidem*.
- 11 Quando John Huss viu uma velha mulher arrastando uma acha de lenha para colocar na sua pira funerária, disse: "O sancta simplicitas!" Citado por Ernest Renan, *The Apostles* (Boston, Roberts Brothers, 1898), pág. 43.

- 12 Pascal, *Pensées*.
- 13 Hermann Rauschning, *op. cit.*, pág. 235.
- 14 Adolph Hitler, *op. cit.*, pág. 351.
- 15 Pascal, *op. cit.*
- 16 Lutero, *Table Talk, Number 2387 a-b*. Citado por Frantz Funck-Brentano, *Luther* (Londres, Jonathan Cape, Lt., 1939), pág. 319.
- 17 Vide Secção 60.
- 18 Mateus, 5.
- 19 Fedor Dostoievski, *Os Possessos*, Parte II, Cap. 6.
- 20 Adolph Hitler, *op. cit.*, pág. 171.
- 21 Ernest Renan, *History of the ePople of Israel* (Boston, Little, Brown & Company, 1888-1896), Vol. I, pág. 130.
- 22 Vide Secções 96 e 98.
- 23 Ministro de Educação da Itália em 1926. Citado por Jlien Benda, *The Treason of the Intellectuals* (New York, William Morrow Company, 1928), pág. 39.
- 24 Para outro ponto de vista sôbre o assunto, vide Secção 33.
- 25 Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, Cap. VI.
- 26 *The Goebbels Diaries* (Garden City, Doubleday & Company Inc., 1948), pág. 460.
- 27 *Idem*, pág. 298.
- 28 Guglielmo Ferrero, *Principles of Power* (New York, G. P. Putnam's Sons, 1942), pág. 100.
- 29 Ernest Renan, *The Poetry of the Celtic Races* (Londres, W. Scott Ltd., 1896), ensaio sôbre o islamismo, pág. 97.
- 30 Kenneth Scott Latourette, *A History of the Expansion of Christianity* (New York, Harper & Brothers, 1937), Vol. I, pág. 164.
- 31 Kenneth Scott Latourette, *The Unquenchable Light* (New York, Harper & Brothers, 1941), pág. 33.
- 32 Charles Reginald Haines, *Islam as a Missionary Religiom* (Londres, Sociedade de Promoção do Conhecimento Cristão, 1889), pág. 206.
- 33 Citado por Fritz Funck-Brentano, *op. cit.*, pág. 260.
- 34 Guglielmo Ferrero, *The Gamble* (Toronto, Oxford University Press, 1939), pág. 297.
- 35 Crane Brinton, *op. cit.*, pág. 168.
- 36 "Dominic", *Encyclopaedia Britannica*.
- 37 Adolph Hitler, *op. cit.*, pág. 171.
- 38 *Idem*, pág. 171.
- 39 Vide Secção 45.
- 40 Jacob Burckhardt, *Force and Freedom* (New York, Pantheon Books, 1943), pág. 129.
- 41 Francis Bacon, *Of Vicissitude of Things, Essays*, edição da Everyman's Library (New York, E. P. Dutton & Company, 1932), pág. 171.
- 42 John Morley, *Notes on Politics and History* (New York, Macmillan Company, 1914), págs. 69-70.
- 43 Angélica Balabanoff, *My Life as a Rebel* (New York, Harper & Brothers, 1939), pág. 156.

44 Frank Wilson Price, "Sun Yat-sen", *Encyclopaedia of the Social Sciences*.

45 Leão XIII, *Sapientiae Christianae*. Segundo Lutero, "A desobediência é um pecado maior que homicídio, não-castidade, roubo e desonestidade..." Citado por Jerome Frank, *Fate and Freedom* (New York, Simon & Schuster Inc., 1945), pág. 281.

46 Vide Secções 78 e 80.

47 Gênesis 11:4.

48 Hermann Rauschnig, *The Revolution of Nihilism* (Chicago, Alliance Books Corporation, 1939), pág. 48.

49 *Idem*, pág. 40.

50 Ernest Renan, *Antichrist* (Boston, Roberts Brothers, 1897), pág. 381.

51 Montaigne, *Essays*, edição Modern Library (New York, Random House, 1946), pág. 374.

52 Um jovem nazista para I. A. R. Wylie, *The Quest of our Lives*, em *Reader's Digest*, Maio 1948, pág. 2.

#### 4.<sup>a</sup> Parte

#### Capítulo 15

1 Vide exemplos na Secção 106.

2 G. E. G. Catlin, *The Story of the Political Philosophers* (New York, McGraw-Hill Company, 1939), pág. 633.

3 Citado por Alexis de Tocqueville, *Recollections* (New York, Macmillan Company, 1896), pág. 331.

4 Multatuli, *Max Havelaar* (New York, Alfred A. Knopf Inc., 1927). Introdução de D. H. Lawrence.

5 Bertrand Russell, *Proposed Roads to Freedom* (New York, Blue Ribbon Books, 1931). Introdução, pág. viii.

6 Henry Thoreau, *Walden*, edição Modern Library (New York, Random House, 1937), pág. 70.

7 Em sua carta ao Arcebispo de Mainz acompanhando sua tese. Citado por Frantz Funck-Brentano, *Luther* (Londres, Jonathan Cape Ltd., 1939), pág. 65.

8 Citado por Jerome Frank, *Fate and Freedom* (New York, Simon and Schuster Inc., 1945), pág. 281.

9 *Idem*, pág. 133.

10 "Reformation", *Encyclopaedia Britannica*.

11 René Fülöp Miler, *Leaders, Dreamers and Rebels* (New York, The Viking Press, 1935), pg. 85.

12 Ernest Renan, *Antichrist* (Boston, Roberts Brothers, 1897), pág. 245.

13 Arnold J. Toynbee, *A Study of History*. Condensado por D. C. Somervell (Toronto, Oxford University Press, 1947), pág. 423.

14 Carlton J. H. Haes, *The Historical Evolution of Modern Nationalism* (New York, R. R. Smith, 1931), pág. 294.



<sup>15</sup> Pascal, *Pensées*.

<sup>16</sup> Demaree Bess cita um banqueiro holandês em 1941: "Não desejamos nos tornar mártires, mais do que qualquer outra pessoa do mundo moderno o desejaria" "A Face Amarga da Holanda", *Saturday Evening Post*, 1.º de fevereiro de 1941.

<sup>17</sup> William Butler Yeats, "A Segunda Vinda", *Collected Poems* (New York, Macmillan Company, 1933).

<sup>18</sup> Vide Seção 27.

<sup>19</sup> Fédor Dostoievski, *Os Irmãos Karamazov*, Livro V, Cap. 5.

## Capítulo 16

<sup>1</sup> Vide Seção 37.

<sup>2</sup> Peter Viereck, *Metapolitics* (New ork, Alfred A. Knopf, 1941), págs. 156 e 170.

<sup>3</sup> Hans Bernd Gisevius, *To the Bitter End* (Boston, Houghton Mifflin Company, 1947), págs. 121-122.

<sup>4</sup> H. R. Trevor-Roper, *The Last Days of Hitler* (New York, Macmillan Compan, 1947), pág. 4.

## Capítulo 17

<sup>1</sup> Tanto Lutero como Calvino "almejavam estabelecer uma nova autoridade da Igreja que fôsse mais poderosa, mais ditatorial e exigente e muito mais diligente na perseguição dos herejes, do que a Igreja Católica." Jerome Frank, *Fate and Freedom* (New York, Simon and Schuster, Inc., 1945), pág. 283.

<sup>2</sup> John Maynard, *Russia in Flux* (Londres, Victor Gollancz Ltd., 1941), pág. 19.

<sup>3</sup> John Addington Symonds, *The Fine Arts*, série "Renascença Italiana" (Londres, Smith, Elder & Company, 1906), págs. 19-20.

<sup>4</sup> Adolph Hitler, *Mein Kampf* (Boston, Hoghton Mifflin Company, 1943), pág. 105.

<sup>5</sup> Vide Secção 25.

## Capítulo 18

<sup>1</sup> Vide Secção 85.

<sup>2</sup> Por exemplo, analise-se as carreiras de Milton e Bunyan, Koestler e Silone.

<sup>3</sup> Leon Trotsky, *The History of the Russian Revolution* (New York, Simon and Schuster Inc., 1932), Prefácio.

<sup>4</sup> "Foi Napoleão que escreveu ao seu Comissário de Polícia perguntando por que não florescia a literatura no Império e pedindo-lhe o favor de providenciar para que florescesse." Jacques Barzun, *Of Human Freedom* (Bostou, Littler, Brown & Company, 1939), pág. 91.

<sup>5</sup> "John Milton", *Encyclopaedia Britannica*.

- <sup>6</sup> Pirke Aboth, *The Sayings of the Jewish Fathers* (New York, E. P. Dutton & Company Inc., 1929), pág. 36.
- <sup>7</sup> Eva Lips, *Savage Symphony* (New York, Random House, 1938), pág. 18.
- <sup>8</sup> Citado por J. A. Cramb, *The Origins and Destiny of Imperial Britain* (Londres, John Murray, 1915), pág. 216.
- <sup>9</sup> Numa carta a seu amigo Preen. Citada por James Hastings Nichols em sua introdução à tradução inglesa de *Force and Freedom*, Jacob C. Burckhardt (New York, Pantheon Books, 1943), pág. 40.
- <sup>10</sup> Ernest Renan, *History of the People of Israel* (Boston, Little, Brown & Company, 1888-1896), Vol. V, pág. 360.
- <sup>11</sup> Angélica Balabanoff, *My Life as a Rebel* (New York, Harper & Brothers, 1938), pág. 281.
- <sup>12</sup> Citado por W. R. Inge, "Patriotismo", *Nineteen Modern Essays*, ed. W. A. Archibald (New York, Longmans, Green & Co., 1926), pág. 213.
- <sup>13</sup> John Maynard, *Russia in Flux* (Londres, Victor Gollancz Ltd., 1941), pág. 29.
- <sup>14</sup> "A resistência Cristã à autoridade foi sem dúvida mais do que heróica, mas não foi heróica." Sir J. R. Seeley, *Lectures and Essays* (Londres, Macmillan, 1805), pág. 81.
- <sup>15</sup> Disse Hardenberg ao Rei da Prússia, após a derrota de Jena: "Majestade, precisamos fazer vindo de cima o que os franceses fizeram vindo de baixo."
- <sup>16</sup> Fédor Dostoievski, *Os Possessos*.
- <sup>17</sup> José Ortega Y Gasset, *The Modern Theme* (New York, W. W. Norton & Company, 1931), pág. 128.
- <sup>18</sup> Vide Secção 104 e seguintes.
- <sup>19</sup> Vide Secção 104.
- <sup>20</sup> J. B. S. Haldane, *The Inequality of Man* (New York, Famous Books Inc., 1938), pág. 49.

ESTA OBRA FOI EXECUTADA NAS OFICINAS  
DA COMPANHIA GRÁFICA LUX, RUA FREI  
CANECA, 224 — RIO DE JANEIRO, PARA A  
EDITORA LIDADOR